



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

JACOB FRANCISCO CULEMBE

**A predestinação do Homem à filiação divina em Cristo,
na perspetiva de Ruiz de la Peña e Luis Ladaria**

Dissertação Final

sob orientação de:

Prof. Doutor António Manuel Alves Martins

Lisboa

2025

Bendito seja o Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo,

que no alto do Céu nos abençoou com toda a espécie de bênçãos espirituais em Cristo.

Foi assim que Ele nos escolheu em Cristo antes da fundação do mundo,

para sermos santos e irrepreensíveis na sua presença, no amor.

Predestinou-nos para sermos adotados como seus filhos por meio de Jesus Cristo,

de acordo com o beneplácito da sua vontade,

para que seja prestado louvor à glória da sua graça,

que gratuitamente derramou sobre nós, no seu Filho bem amado.

É em Cristo, pelo seu sangue, que temos a redenção,

o perdão dos pecados, em virtude da riqueza da sua graça,

que Ele abundantemente derramou sobre nós,

com toda a sabedoria e inteligência.

Manifestou-nos o mistério da sua vontade,

e o plano generoso que tinha estabelecido,

para conduzir os tempos à sua plenitude:

submeter tudo a Cristo, reunindo nele o que há no céu e na terra (Ef 1, 3-10).

ÍNDICE

RESUMO	i
ABSTRACT	i
INTRODUÇÃO	2
CAPÍTULO 1	5
JUSTIFICAÇÃO E FILIAÇÃO DIVINA, EM RUIZ DE LA PEÑA	5
1. 1 A UNIVERSALIDADE DO PECADO E A SUA REDENÇÃO EM CRISTO	5
1. 2 A JUSTIFICAÇÃO COMO MANIFESTAÇÃO DO AMOR DE DEUS AO HOMEM: ANTIGO TESTAMENTO E NOVO TESTAMENTO	10
1.2.1 <i>Eleição do Povo Israel</i>	11
1.2.2 <i>Aliança do Povo de Israel com Deus</i>	13
1.2.3 <i>Conversão do Povo diante de Deus</i>	14
1.2.4 <i>O Reino anunciado por Jesus</i>	15
1.2.5 <i>O seguimento de Jesus</i>	17
1.2.6 <i>A paternidade de Deus revelada por Jesus</i>	18
1.2.7 <i>A graça e a justificação em S. Paulo e em S. João</i>	20
1.3 O SER HUMANO EM CRISTO: A PARTICIPAÇÃO NA FILIAÇÃO DIVINA	24
1.3.1 <i>A graça como divinização</i>	24
1.3.2 <i>A Inabituação trinitária</i>	26
1.3.3 <i>As dimensões da graça</i>	28
a) <i>Dimensão da filiação divina</i>	28
b) <i>Dimensão prática-caritativa</i>	30
c) <i>Dimensão escatológica: viver na esperança</i>	32
d) <i>Dimensão pneumatológica: o gozo do Espírito</i>	33
CAPÍTULO 2	36
A GRAÇA COMO REMISSÃO DO PECADO E COMO FILIAÇÃO DIVINA EM LUIS LADARIA	36
2.1 O PECADO ORIGINAL COMO RUTURA DA MEDIAÇÃO DA GRAÇA DE CRISTO	36
2.2 A GRAÇA COMO JUSTIFICAÇÃO E REMISSÃO DO PECADO	39
2.2.1 <i>A justificação de Deus no Antigo Testamento</i>	40
2.2.2 <i>A justiça de Deus no Novo Testamento</i>	41
2.2.3 <i>A conceção da justificação na Reforma protestante com Lutero</i>	43
2.2.4 <i>A justificação de Deus na perspectiva do Concílio de Trento</i>	46
2.2.5 <i>De Adão a Cristo: da abundância do pecado para a superabundância da graça</i>	49
2.3 A GRAÇA COMO PLENITUDE DA FILIAÇÃO DIVINA	51
2.3.1 <i>A Comunhão do Homem com Deus em Cristo pelo Espírito</i>	51

2.3.2 <i>O batismo como participação na filiação divina</i>	58
2.3.3 <i>A caridade como autentificação da fé e da comunhão</i>	61
CAPÍTULO 3	64
PROJETO SOTERIOLÓGICO UNITÁRIO: RUIZ DE LA PEÑA E LUIS LADARIA	64
3.1 CONVERGÊNCIAS	65
3.1.1 <i>Da criação à salvação</i>	65
3.1.2 <i>Hermenêutica atualizada do pecado original</i>	68
3.1.3 <i>Superioridade da graça sobre o pecado</i>	71
3.1.4 <i>Centralidade cristológica da redenção/justificação</i>	73
3.1.5 <i>Virtudes teologais resultados da justificação: fé, caridade e esperança</i>	76
3.2 SÍNTESE PESSOAL	81
3.2.1 <i>Função antropológica da doutrina sobre o pecado original</i>	82
3.2.2 <i>A graça de Deus e o dom da filiação divina</i>	85
3.2.3 <i>Comunhão com Deus e comunhão da Humanidade entre si</i>	87
CONCLUSÃO	91
BIBLIOGRAFIA	93

RESUMO

Este trabalho sobre a predestinação do Homem à filiação divina feito a partir de duas obras de Antropologia teológica dos autores, Ruiz de la Peña e Luis Ladaria, procura desenvolver a filiação divina no horizonte de uma criação em Cristo, cuja mediação se encontra na criação e na redenção. Jesus, mediante a sua encarnação, uniu-se a cada ser humano, para o fazer participar da sua divindade, ou seja, da sua filiação divina. Ainda mais, o próprio Filho de Deus, para realizar o desígnio do Pai, entregou também a sua vida na cruz a fim de redimir o pecado do ser humano. Por isso, mediante a encarnação e a justificação de Cristo, abre-se de novo ao Homem, através da fé e do batismo, a vida de comunhão e de filiação em Deus pela ação do Espírito Santo. O Homem, na vivência do dom gratuito da graça de Cristo, é verdadeiramente filho de Deus e, uma vez unido a Cristo, entra na fraternidade com todos os seres humanos.

Palavras-chave: Ruiz de la Peña; Luis Ladaria; Cristo; filiação divina; graça; justificação; fraternidade.

ABSTRACT

This work on man's predestination to divine filiation, based on two works of theological anthropology by the authors, Ruiz de la Peña and Luis Ladaria, seeks to develop divine filiation within the horizon of a creation in Christ, whose mediation is found in creation and redemption. Through his incarnation, Jesus united himself to every human being in order to make them share in his divinity, in other words, his divine filiation. What's more, the Son of God himself, in order to fulfil the Father's plan, also gave his life on the cross to redeem human sin. Therefore, through Christ's incarnation and justification, the life of communion and filiation in God is opened up to man once again through faith and baptism by the action of the Holy Spirit. In experiencing Christ's free gift of grace, man is truly a son of God and, once united to Christ, enters into brotherhood with all human beings.

Keywords: Ruiz de la Peña; Luis Ladaria; Christ; divine filiation; grace; justification; fraternity.

INTRODUÇÃO

Uma das grandes redescobertas da antropologia teológica contemporânea é a concepção da criação em Cristo, na qual a figura de Cristo aparece como mediação do Homem com Deus desde a criação do mundo; como imagem, o Homem é chamado a configurar-se a Cristo, mediante a participação na sua filiação divina e no seu destino. A concepção da criação em Cristo revela-nos que a graça que o Homem recebeu no início é já graça de Cristo, embora não em estado pleno, mas absolutamente graça de Cristo que determina todo o percurso histórico da relação Deus-Homem.

O objetivo desta nossa dissertação é o de descrever a situação do Homem, criado à imagem de Deus, como um ser chamado à relação e à comunhão com Deus mediante a graça de Cristo e a afirmar, por meio desta graça, a sua condição de filiação divina que o ser humano adquiriu por Cristo. Por esta razão, escolhemos o tema da predestinação do Homem à filiação divina em Cristo que acreditamos ser uma verdade pertinente na experiência cristã e que, por isso mesmo, merece ser aprofundada já que é dela que brota a grande dignidade do ser humano. Na verdade, o facto de nos sabermos amados por Deus em Cristo e chamados a sermos filhos de Deus, dá à nossa existência uma outra forma, muito mais elevada, de caminhar no mundo marcada por um relacionamento filial com Deus e fraterno com os outros homens e mulheres.

Para a realização deste projeto propusemo-nos percorrer o caminho antropológico-teológico com as obras de dois reconhecidos teólogos contemporâneos: *El don de Dios* de Ruiz de la Peña¹ e *Teología del pecado original y de la gracia* de Luis Ladaria.²A partir destes dois

¹ Juan Luis Ruiz de la Peña nasceu em 1937 em Vegadeo (Astúrias). Foi ordenado sacerdote em 1961, aos 23 anos. Posteriormente aprofundou os seus estudos em Roma, na Universidade Gregoriana, onde licenciou-se em Teologia. Foi professor de Teologia Sistemática no Seminário de Oviedo, e de Escatologia e Antropologia Teológica na Pontifícia Universidade de Salamanca. Publicou uma série de obras tais como: *Las nuevas antropologías* (1983); *Teología de la creación* (1988); *La outra dimensión* (1986); *Imagen de Dios: Antropología teológica fundamental* (1988); *El don de Dios* (1991). Morreu em 27 de setembro de 1996, aos 59 anos.

² Luis Francisco Ladaria nasceu em Manacor (Mallorca), Espanha em 1944. Estudou Teologia na Universidade Pontifícia de Comillas de Madrid e na Escola de Pós-Graduação em Filosofia e Teologia em Sankt Georgm em Frankfurt, Alemanha; foi ordenado sacerdote em 29 de julho de 1973; doutorado em teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana em 1975. Foi professor de teologia dogmática na Pontifícia Universidade de Comillas e na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma; foi membro da Comissão Teológica Internacional entre os anos 1992 a 1997; consultor da Congregação para a Doutrina da Fé em 1995; Secretário-Geral da Comissão Teológica Internacional em 2004; secretário da Congregação para a Doutrina da Fé desde 2008 e Arcebispo Titular de Thibica, tendo sido ordenado bispo em 26 de julho de 2008. Alguns dos seus escritos: *La Trinidad, misterio de comunión* (2002); *Introducción a la antropología teológica* (1993); *Antropología Teológica* (1987); *La Trinidad* (1986); *Teología del pecado original y de la gracia* (1993).

autores, iremos apresentar o desígnio salvífico de Deus tal como se realiza na sua autocomunicação amorosa e graciosa em Cristo fonte da nossa redenção e filiação divina.

Escolhemos estes dois autores, em primeiro lugar, porque nos seus manuais ambos desenvolvem com profundidade e atualidade as seguintes temáticas: o pecado, a graça e a justificação em ordem à comunhão de Deus com Homem; a redenção e a vida em Cristo; a paternidade divina, a filiação divina fonte da fraternidade humana. Escolhemos estes dois teólogos, em segundo lugar, pela proximidade linguística, o espanhol, e pelo seu estilo didático, já que as duas obras são manuais didáticos próprios para o ensino da antropologia teológica em âmbito académico e, os seus autores são coetâneos e se interrelacionam teologicamente, embora em espaços académicos diferenciados — um na Universidade Pontifícia de Salamanca e outro na Universidade Gregoriana de Roma.

Para alcançar o objetivo que nos propusemos, a dissertação obedece à estruturação em três capítulos:

O primeiro capítulo procura aprofundar e apresentar em Ruiz de la Peña o tema da justificação e da filiação divina. Para a sua concretização, abordar-se-á primeiramente a universalidade do pecado e a sua redenção em Cristo: o pecado, como realidade existente na vida do ser humano, encontra a sua redenção em Cristo, um tema que visa enfrentar com realismo a situação do Homem: um ser pecador, mas perdoado; a seguir, estuda-se o tema da justificação enquanto agir de Deus sobre o Homem: a Sagrada Escritura revela que Deus ama o Homem e está sempre solícito a aproximar-se dele e a manifestar-lhe a sua salvação por meio da eleição e da aliança que se concretizam plenamente no seguimento de Jesus e com a entrada no Reino por Ele anunciado; posteriormente, desenvolver-se-á o tema da participação na filiação divina mediante o tema da graça e as suas valências: a divinização, a inabituação trinitária, as dimensões da graça: a filiação divina; da esperança; da pneumatologia e da práctico-caritativa.

O segundo capítulo procura aprofundar e apresentar em Luis Ladaria o tema da graça como remissão do pecado e como filiação divina. Para tal aprofundamento começar-se-á também pelo tema do pecado original como rutura da mediação da graça de Cristo, porque a graça que o Homem recebeu desde o início é já graça de Cristo e o pecado original é a rutura com esta graça; a seguir, desenvolver-se-á o tema da graça como justificação e remissão do pecado. Aqui, procurar-se-á aprofundar: o agir salvífico de Deus através de Cristo e a transformação que acontece no Homem mediante o agir salvífico de Deus, aprofundando a justificação a partir dos dados bíblicos nos dois Testamentos, em Martinho Lutero e no Concílio

de Trento; posteriormente, aborda-se o tema da graça como plenitude da filiação divina, ou seja, a graça como inserção em Cristo e participação da vida divina: a comunhão com Deus, por Cristo no Espírito Santo, o batismo como participação objetiva na filiação divina e a caridade como autenticação da fé e da comunhão com Deus.

O terceiro capítulo procura sistematizar os dois primeiros capítulos, apontando pontos de convergência entre os dois autores e fazendo a nossa síntese pessoal. Por isso, demos-lhe o título de *projeto soteriológico unitário*, que tem como centro a graça de Cristo: a graça de Cristo acompanha toda a história da relação Deus-Homem. Por ser verdade, apontam-se as seguintes convergências: da criação à salvação, isto é, Deus cria para salvar e salva como cria; a atualização da hermenêutica sobre o pecado original: a doutrina que procura entender o pecado à luz de Cristo; a superioridade da graça sobre o pecado: em Cristo o Homem está sob o domínio da graça e não do pecado; Cristo como o centro da nossa redenção: toda a salvação acontece em Cristo, pela sua mediação filial; as virtudes teologais da fé, da caridade e da esperança como resultados do dom da graça.

A síntese pessoal visa apontar os eixos que marcam o itinerário da dissertação — a função da doutrina do pecado original, a graça de Deus e o dom da filiação divina, a comunhão do Homem com Deus e dos seres humanos entre si — para que seja útil aos possíveis leitores da dissertação, de modo a se entrar nesta dinâmica de filiação divina, com mais consciência e gratidão da riqueza da graça recebida por iniciativa de Deus e com o compromisso de, animados pelo Espírito, se possa viver a vida dos filhos de Deus, realizando a sua vontade.

CAPÍTULO 1

JUSTIFICAÇÃO E FILIAÇÃO DIVINA, EM RUIZ DE LA PEÑA

O nosso objetivo com este capítulo versa-se a aprofundar e apresentar em Ruiz de la Peña a plenitude da graça na autodoação de Deus em Cristo que se deu pela encarnação do Verbo eterno de Deus; pela sua ação justificativa: morte e ressurreição, eventos da graça pelos quais Cristo realizou o desígnio salvífico universal de Deus de tornar o ser humano participante da natureza divina com a dignidade de filho. Como veremos, para Ruiz de la Peña o desígnio salvífico universal de Deus consiste na manifestação do seu amor a Humanidade:

Deus é amor e porque alguém, chamado Jesus Cristo manifestou-nos este “amor”, criou pessoalmente um paradigma do humano, colocando em circulação um dinamismo novo para uma vida nova, transmitindo uma corrente de graça onde só havia desgraça, criando fraternidade onde só reinava a inimizade, reunificando e congregando o que estava disperso e fragmentado.³

1. 1 A UNIVERSALIDADE DO PECADO E A SUA REDENÇÃO EM CRISTO

Ao abordar o evento de Cristo como graça que justifica o ser humano e que o torna filho de Deus, Ruiz de la Peña parte primeiramente com o tema da universalidade do pecado como situação que marca a existência do homem e da mulher antes da manifestação visível e salvadora de Deus em Jesus Cristo. Por isso, a universalidade do pecado deverá ser lida, em conformidade com o nosso autor, à luz da redenção em Cristo como ele próprio sublinha:

Com efeito, é só à luz de uma soteriologia que tem sentido uma hamartiologia (uma teoria do pecado), isto é, somente a partir de Cristo que revela ao ser humano a vontade salvífica universal de Deus é que podemos perceber, com nitidez, a necessidade universal da graça redentora e, por conseguinte, a anormalidade da situação religiosa do ser humano sem que isto “signifique” uma interpretação trágica da existência.⁴

Para o desenvolvimento da pecaminosidade universal (pecado original) e a sua redenção em Cristo, Ruiz de la Peña faz o percurso oferecido pela revelação, uma pedagogia progressiva que começa por denunciar o pecado na sua universalidade para chegar ao seu esclarecimento no evento de Cristo que revela a complexidade do pecado humano e manifesta a Boa Nova de salvação divina. Assim, o nosso autor começa por dizer que o Antigo Testamento apresenta situações de uma culpa universal no ser humano, de tal modo enraizada em seu coração, que faz dela a nascente de todos os males: «mas todos se extraviaram e corromperam; não há quem faça o bem, nem um sequer» (Sl 14,3).

³ Ruiz de la Peña, *El don de Dios, Antropología teológica especial*, 3ª ed. Sal Terrae, Santander, 1991, 202.

⁴ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 79.

Para Ruiz de la Peña, o pecado, no Antigo Testamento, deve entender-se como uma rutura ou distorção das relações interpessoais, quer na dimensão horizontal, a dos seres humanos entre si, quer na dimensão vertical, a dimensão do ser humano com Deus. Segundo Ruiz de la Peña, o pecado mais do que designar uma determinada ação ou uma conduta concreta, indica o «“ser e a situação real do ser humano perante Deus”». ⁵

Em relação ao Novo Testamento, Ruiz de la Peña afirma que neste começa a desenvolver-se uma nova perspetiva sobre o tema do pecado, à luz de uma soteriologia anunciada e realizada por Jesus Cristo, isto é, o anúncio e a realização da redenção para todos. Assim, segundo Ruiz de la Peña, o mistério do pecado é colocado numa perspetiva justa: Jesus Cristo veio trazer a salvação a toda Humanidade porque todos viviam privados da graça, em situação de rutura interior com Deus e, portanto, em situação de pecado.

Escreve Ruiz de la Peña:

A realidade, a profundidade e a extensão do pecado universal só podia captar-se inequivocamente à luz da salvação universal. É a cruz de Cristo, e não a queda de Adão, que nos dá a medida acabada das dimensões da culpa. É o mistério da salvação que esclarece o mistério do pecado, e não o inverso (...) «só que a Escritura tudo fechou sob o pecado, para que a promessa fosse dada aos crentes mediante a fé em Jesus Cristo» (Gl 3,22). ⁶

Segundo Ruiz de la Peña, nos evangelhos sinópticos aparece desenvolvida a doutrina do carácter universal do pecado descrito no Antigo Testamento. Nesse, afirma-se que a Humanidade é má (cf. Mt 7,11); que a raça humana é uma raça de víboras (cf. Mt 12,34); que o mal está ancorado no «seu coração», isto é, no núcleo do próprio ser, donde brotam as «más intenções» e «as ações perversas»; o pecado não está fora do ser humano, mas dentro dele, no seu coração (cf. Mc 7,21-23); Esta opinião exprime-a bem Pedro quando, atirando-se aos pés de Jesus, diz: «afasta-te de mim, Senhor, porque sou pecador!» (Lc 5,8). Segundo o nosso autor, esta atitude de Pedro reflete a religiosidade popular do tempo de Jesus, isto é, a convicção da universalidade da malícia humana.

A propósito disto escreve Ruiz de la Peña:

Coincidindo de novo com a doutrina verotestamentária, os sinópticos reconhecem a dimensão social da malícia humana. A solidariedade do pecado encontra uma contundente expressão em Mt 23, 29-36; Jesus faz sua aqui a convicção, profundamente enraizada —como vimos— no judaísmo, de que uma herança de pecado atravessa as sucessivas gerações; seus ouvintes são dignos filhos «daqueles que mataram os profetas»; recusando a oferta salvífica «enchem a medida dos seus pais»; em virtude dessa culpabilidade compartilhada, cairá sobre eles «todo o sangue inocente derramado sobre a terra». ⁷

⁵ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 52; Ruiz de la Peña cita Otto Pesch a partir da obra: *Frei sein aus Gnade. Theologische Anthropologie*, Freiburg-Basel-Wien, 1983, 119.

⁶ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 80.

⁷ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 81.

No Evangelho de São João, Ruiz de la Peña afirma que neste mostra-se com relevo a universalidade do pecado, desde o pecado do mundo (aqui, do mundo, em sentido histórico):⁸ «os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras são más» (Jo 3, 19) e perversas (cf. Jo 7,7); porque fazem do mundo, isto é, da experiência humana e social, um reino de pecado guiado pelo demónio (cf. Jo 12,31) que é considerado o pai da mentira (cf. Jo 8,44), fonte da idolatria que conduz à perdição, a não vida e, portanto, a não salvação.⁹ O Evangelho de São João, escreve Ruiz de la Peña, não se limita a apresentar a situação concreta de pecado universal, mas a realçar, acima de tudo, a redenção operada em Cristo, uma vez que a perdição é resgatada mediante a adesão pessoal à palavra de salvação que leva à vida eterna. Ruiz de la Peña explicita este dinamismo a partir da 1ª carta de João onde vem expressa com singular eficácia a dupla universalidade do pecado e da salvação: «se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós» (1 Jo 1,8), e, portanto, «se reconhecemos os nossos pecados... temos alguém que nos defenda diante do Pai, Jesus Cristo», «vítima de propiciação dos nossos pecados (...) e dos pecados do mundo inteiro» (1 Jo 2,2).¹⁰

Para além da proclamação da universalidade da salvação que Jesus vem trazer, Ruiz de la Peña sublinha, de igual modo, que através dos Evangelhos se percebe que o ser humano está afetado por uma incapacidade interior de realizar o bem, entregue ao mal, a viver com um coração endurecido, fechado às coisas de Deus. O nosso autor sublinha ainda que tal situação não deriva da criação, isto é, não tem Deus como protagonista, mas é fruto da desordem em que o ser humano caiu instigado pelo maligno: defraudou o desígnio divino, pondo em marcha uma dinâmica de morte que fez do mundo um reino de pecado.¹¹

De igual modo, Ruiz de la Peña sublinha que na perspetiva paulina o pecado atinge todos os seres humanos, sem exceção de ninguém.¹² Para Paulo, a natureza humana move-se numa atmosfera de pecado: «todos nós vivíamos noutros tempos em meio as concupiscências da nossa carne, seguindo os apetites da carne e dos maus pensamentos, filhos da cólera por natureza, como os demais...» (Ef 2,1-3).¹³

⁸ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 83; sobre o «pecado do mundo» Ruiz de la Peña busca referências dos seguintes aos autores: Shnackenburg, *Cartas de San Juan*, Barcelona, 1980, 166-69 especificamente no («conceito de “mundo” em 1 Jo 2,15-17»); Schelkle, *Theologie des Neuen Testament I*; Lyonnet, *La storia della salvezza nella lettera ai Romani*, Napoli 1966.

⁹ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 84.

¹⁰ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 84.

¹¹ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 85.

¹² Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 86-87.

¹³ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 87.

Ruiz de la Peña explicita esta concepção paulina da seguinte maneira:

Ao menos com esta afirmação “*filhos da cólera por natureza*” se está a assinalar que a existência na esfera da carne é uma existência fechada no egoísmo, impotente para romper o cerco da concupiscência digna por ela da cólera divina. A condição humana, tal como é em si mesma (segundo a sua natureza) move-se em uma atmosfera de pecaminosidade que conduz irremissivelmente a execução de ações desordenadas e que, por conseguinte, provoca uma resistência ao divino.¹⁴

Como consequência disto, Ruiz de la Peña escreve que uma natureza marcada pelo pecado e inclinada às obras da carne, contrária às obras do espírito (cf. Gl 5,17), levam a Humanidade à morte, não física, mas à morte que corresponde à perda de uma realidade que terá como desfecho a perdição, isto é, a rutura com Deus que culmina na condenação.¹⁵

S. Paulo, segundo o desenvolvimento de Ruiz de la Peña, para nos fazer compreender a condição universal do pecado, estabelece o paralelismo entre Adão e Cristo, duas figuras distintas e comparadas sempre numa dinâmica de superação, onde encontramos duas manifestações de solidariedade que têm a ver com todos os seres humanos. Em Adão temos a solidariedade no pecado e na morte; em Cristo transparece a solidariedade na graça e na vida eterna. S. Paulo di-lo com clareza: «Porque, assim como por um homem veio a morte, também por um homem vem a ressurreição dos mortos» (1 Cor 15,21-21).

Ruiz de la Peña escreve esta solidariedade em Cristo e em Adão deste modo:

Assistimos aqui a um confronto dramático entre *dois* homens nos quais se adjudica uma causalidade estrita sobre todos os homens; um é causador da morte, outro é ... da ressurreição (se esperaria: da vida). A identidade de ambos personagens se desvela em v.22: Adão e Cristo são apresentados como figuras nas quais se condensa solidariamente a humanidade inteira, num e noutra estamos todos contidos.¹⁶

Segundo Ruiz de la Peña, Paulo concretiza ainda mais a universalidade do pecado: «todos pecaram e estão privados da glória de Deus» (Rm 3,23), os pagãos pela idolatria e os Judeus pela transgressão e deformação da genuína identidade de Deus. Assim se justifica a afirmação da universalidade do pecado colocando-se como exemplo uma existência pessoal que participa de uma Humanidade pecadora onde há em si um querer profundo anterior às suas deliberações e decisões, que o dirigem ao bem, mas que não o habilitam a realizá-lo: «pois não é o que eu quero que faço, mas o que eu odeio é o que faço» (Rm 7,15); «Sim, eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita coisa boa; pois o querer está ao meu alcance, mas realizar o bem, isso não. É que não é o bem que eu quero que faço, mas o mal que eu não quero, isso é que pratico» (Rm 7,18-19).

¹⁴ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 87.

¹⁵ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 88.

¹⁶ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 90.

Ruiz de la Peña reconhece que todo o ser humano aspira desenvolver a sua personalidade sem coação, mediante o exercício das suas opções livres, mas o realismo paulino demonstra que esta aspiração é uma missão impossível, porque existe uma rutura no ser humano, uma “força maléfica” anterior à sua decisão pessoal que o impele a escolher o mal em vez do bem por que anseia.¹⁷ É um estado, como sugere Ruiz de la Peña, de verdadeira e pessoal alienação.¹⁸

A segunda colocação do paralelismo entre Adão e Cristo (Rm 5, 12-21), segundo Ruiz de la Peña, surge quando Paulo se propõe explicitar, primeiramente, a origem histórica do pecado e, depois, a sua redenção total em Cristo. O mais importante, contudo, para Paulo é explicar a forma pela qual o ser humano é resgatado do estado de perdição, ou de não salvação. Esta, para os judeus, operava-se pela via das obras da lei. Ruiz de la Peña escreve que Paulo revela que não é a lei ou as obras da lei que justificam; a justificação chega ao homem e à mulher, única e exclusivamente, mediante a fé em Jesus Cristo. É só por Ele que Deus revela e opera a sua misericórdia.¹⁹ Com isto, continua Ruiz de la Peña, que Paulo ao centralizar toda a salvação em Cristo, manifestação da justiça de Deus, marca a rutura da soteriologia cristã com a soteriologia judaica, porque substitui a mediação salvífica da lei pela mediação salvífica por Jesus Cristo que é expressa pela antítese entre Adão e Cristo, de tal modo que se por um homem toda a Humanidade foi arrastada para o pecado e constituída pecadora, também por um homem, Jesus Cristo, todos foram feitos justos.²⁰

Segundo Ruiz de la Peña, Paulo, para dar consistência a esta antítese entre Adão e Cristo, funda o paralelismo na raiz da queda - a desobediência (Gn 3, 11-12), com a afirmação: «do mesmo modo que pela desobediência de um só homem todos se tornaram pecadores, também pela obediência de um só todos se hão de tornar justos» (Rm 5, 19).

Ruiz de la Peña dispõe a ideia da seguinte forma:

«... Por um só homem (Adão) entrou o Pecado (potencia maléfica) no mundo e pelo Pecado a morte (espiritual) e assim, a morte (espiritual) alcançou a todos os homens porque (ou mediante o facto que) todos pecaram (cometeram pecados)». Com outras palavras: uma ação humana introduziu na história a dinâmica do Pecado, que por sua vez cria uma atmosfera de morte espiritual, que afeta em princípio toda a humanidade e que se manifesta e ganha efeito através dos pecados pessoais.²¹

¹⁷ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 93.

¹⁸ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 94; sobre a “alienação pessoal” Ruiz de la Peña cita autores como Grelot, *Péché originel et rédemption dans l'épître aux Romains* (1968) «meu ser pessoal está literalmente alienado», 337-62; Bultman, *Theologie des Neuen Testaments* (1965) «o homem perdeu o seu ser-sujeito em si», 245; Gonzalez Ruiz, *El evangelio de Pablo* (1988) «Paulo descreve a grande alienação humana», 138.

¹⁹ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 96.

²⁰ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 97.

²¹ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 101.

Assim, na referência a uma atmosfera de pecado que gera a morte espiritual deve-se ter em conta a confluência de duas dinâmicas: destino prévio (origem da força maléfica) e opção pessoal pela culpa (ratificação do Pecado, isto é, adesão pessoal e livre do pecado). Escreve Ruiz de la Peña: «para que o reinado da morte espiritual, desencadeada pelo destino prévio se torne efetiva, é preciso que este seja responsabilmente apropriada pela decisão livre, por isso, todos pecaram pessoalmente por cederem ao poder do Pecado, atraindo sobre si a situação de morte».²²

Portanto, a decisão livre é determinante para atuação do pecado; só por ela se passa do pecado como ação prévia para uma ação pessoal e livre na história. O mesmo acontece com a graça e a justificação: a oferta de salvação operada por Cristo acontece no ser humano quando este corrobora livremente o dado da fé que o leva a aderir a Cristo.²³ Por fim, o paralelismo antitético entre Adão e Cristo, tal como aparece em Rm 5,12-22, segundo Ruiz de la Peña, quer expressar também, e acima de tudo, que a Humanidade pecadora em Adão é a Humanidade amada por Deus em Cristo²⁴: «onde abundou o pecado, superabundou a graça» (Rm 5,20).

1. 2 A JUSTIFICAÇÃO COMO MANIFESTAÇÃO DO AMOR DE DEUS AO HOMEM: ANTIGO TESTAMENTO E NOVO TESTAMENTO

Ruiz de la Peña trata de maneira extensiva o tema sobre o pecado e a sua universalidade assinalando a história do ser humano no seu distanciamento em relação a Deus, mas sem com isso considerar trágica a história humana. O nosso autor considera a história humana como uma história de salvação e não de condenação. Ruiz de la Peña para demonstrar esta convicção desenvolve, começando pelos dados veterotestamentários, o tema da justificação/grança de Deus como manifestação do seu amor fundado na identidade de um Deus salvador e na possibilidade de conversão do ser humano. Tal demonstração atinge seu auge com os rasgos neotestamentários do evento de Jesus Cristo como manifestação total do amor de Deus.

Eis, portanto, a razão de colocarmos a justificação no horizonte dos dois Testamentos, isto é, no horizonte da revelação divina, da manifestação de Deus como amor gratuito, misericordioso e compassivo que se comunica plenamente em Cristo como redenção do ser

²² Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 102.

²³ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 89.

²⁴ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 201.

humano. Assim, a teologia cristã da justificação e da graça é a explanação da verdade de que Deus ama o ser humano. Por esta razão afirma Ruiz de la Peña:

Deus ama o homem (...) o amor de Deus está no começo (Deus cria por amor), está no final (Deus plenifica a sua criatura por amor) e no inteiro trajeto entre o início e o fim de cada existência humana (Deus trata “o ser humano” permanentemente com amor de benevolência) (...) seja qual for a atitude humana ou a resposta a Deus, continuará sendo verdade que Deus o ama, com um amor não veleitário, mas com um amor eficaz. Sejam quais forem as vicissitudes pelas quais atravessa a relação homem-Deus, este “Deus” será invariavelmente “dom” de amor ao ser humano.²⁵

1.2.1 Eleição do Povo Israel

Ruiz de la Peña afirma que a graça, no Antigo Testamento, desenvolve-se a partir do amor permanente de Deus que elege gratuitamente o povo de Israel e no reconhecimento de Israel por Deus, como povo donde surgirá a salvação para todos os povos, e ainda perdoadando e acolhendo a Israel arrependido. Segundo o nosso autor, esta relação entre Deus e Israel dá-se mediante a eleição e a aliança como lugares de realização do projeto salvífico de Deus.²⁶

É pela eleição do povo que Deus oferece a sua presença e a proximidade, fazendo da eleição a garantia segura da estabilidade da relação Deus-Israel; a iniciativa é sempre de Deus que permanece fiel. Por esta razão, Ruiz de la Peña sublinha três características da eleição “bahar” em hebraico que teologicamente tem a Deus por sujeito/protagonista:²⁷

A eleição é liberrimamente gratuita, isto é, ela deve-se ao amor que Deus tem pelo povo e não pelos feitos que o povo realiza e, muito menos, pela sua quantidade numérica (cf. Dt 7, 6-8). Ruiz de la Peña afirma que «a eleição é absolutamente um ato gracioso; evidencia o mistério do amor gratuito de “Deus”».²⁸

A eleição é funcional, na medida em que Deus elege para uma determinada função. Ruiz de la Peña escreve: «quando Deus elege, elege para algo: no Antigo Testamento, a eleição inclui sempre uma tarefa para o ser humano, e só a partir desta tarefa pôde o ser humano conhecer a eleição de Deus».²⁹ É, portanto, a partir de uma missão (sacerdócio, realeza, profecia) que Deus foi elegendo ao longo do Antigo Testamento. Segundo Ruiz de la Peña, estas

²⁵ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 201.

²⁶ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 208.

²⁷ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 208; A expressão “bahar” no Antigo Testamento é verdadeira a terminologia da eleição quando esta tem a Deus por seu protagonista, isto é, quando é a eleição do povo é obra de Deus- (Ernst Jenni & Claus Westermann, *Dizionario Teológico dell'Antico Testamento*, Marieti, Torino, 1978, 246).

²⁸ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 209.

²⁹ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 209.

funções não se servem a si mesmas, mas em vista do serviço ao povo, enquanto destinatário da eleição divina:

O povo de Israel é eleito como instância mediadora de um desígnio salvífico universal que é enunciado já desde o início do brotar da salvação divina: por Abraão «serão abençoadas todas as famílias da terra» (Gn 12,3); segundo Is 49,6, o Servo é eleito não só para Israel, senão para ser «luz das nações» e para que a salvação de “Deus” «chegue até aos confins da terra»; em Zc 2,15 se adverte que graças à inabitância de “Deus” na filha de Sião, «muitas nações se reunirão a “Deus”». ³⁰

Ruiz de la Peña sublinha ainda que o caráter funcional da eleição é sempre acompanhado de uma gratuidade divina que elege, e de uma disponibilidade incondicional do ser humano no cumprimento da sua função, isto é, de uma obediência submissa e de um compromisso fiel. Ainda assim, apesar deste compromisso exigente do ser humano perante a eleição divina, Ruiz de la Peña salvaguarda o protagonismo absoluto de Deus na execução do seu desígnio e considera claramente o caráter gratuito da salvação. ³¹

A eleição é inalterável, no sentido de que ela é o lugar da realização do plano salvífico de Deus na história. Segundo Ruiz de la Peña, a eleição é uma realidade permanente que se atualiza na pluralidade de eleições que Deus realiza no meio do seu povo no decorrer da história. ³² A gratuidade e a fidelidade de Deus ao seu plano mantém a eleição permanentemente atualizada, não pela fidelidade de Israel, mas pelo desígnio amoroso de Deus que se mostra sempre solícito a socorrer a vida do povo pelo chamamento de profetas que são mensageiros de paz e de esperança, e, acima de tudo, portadores da Palavra que gera conversão. ³³

Contudo, embora a eleição “bahar” no Antigo Testamento tenha Deus por protagonista, o povo de Israel tem também a livre opção de eleger e de se decidir por Deus ou não, através duma resposta de adesão ou de rejeição quando sente o chamamento de Deus. Ruiz de la Peña escreve que a natureza da resposta determinou, sempre, o destino e a situação de Israel, dado que uma adesão à eleição gerou vida e comunhão com Deus (cf. Dt 30, 15-20) e uma rejeição à eleição gerou perdição e morte (cf. Is 65,12). ³⁴

³⁰ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 210.

³¹ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 211.

³² Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 211.

³³ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 212.

³⁴ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 212.

1.2.2 Aliança do Povo de Israel com Deus

Ruiz de la Peña escreve que a eleição de Israel por Deus é um desígnio atemporal, eterno como o próprio Deus e se concretiza historicamente na realidade da aliança.³⁵ Das várias formas de se entender a aliança de Deus com o povo, Ruiz de la Peña sublinha com veemência aquela que é mais característica na história de Israel: a aliança como compromisso mútuo.³⁶ Ruiz de la Peña adverte também que o compromisso mútuo mediante a aliança não está em pé de igualdade:

Em princípio esta forma não pareceria teologicamente viável; entre Deus e o homem existe um desnível absoluto, uma presunção prévia de desigualdade que impossibilita um pacto bilateral (...), portanto, se se realiza de facto um pacto entre “Deus” e Israel, só é possível porque Yahvé é um Deus condescendente e Israel um grupo humano promovido, elevado muito acima da sua condição própria pela eleição com que Deus o gratificou.³⁷

Por esta razão, segundo Ruiz de la Peña o mérito da aliança está na grandeza do amor de Deus que, na finitude do povo, lhe proporciona elementos da graça, para que o mesmo esteja à altura de participar da aliança. A aliança entre Deus e Israel, neste sentido, diz Ruiz de la Peña tem um carácter sponsal, de pertença mútua, de livre e amorosa autoentrega de compromisso firme em que a infidelidade da esposa, “neste caso Israel”, não seria causa de rutura da aliança, pois o amor perseverante do esposo alcançaria a “esposa” na sua infidelidade e a conduziria a uma aliança permanente, distanciada de toda a leviandade.³⁸ Segundo Ruiz de la Peña, a finalidade última da aliança como compromisso mútuo, mas de prévia iniciativa divina, consiste em estabelecer um vínculo que transcende a dimensão jurídica e atinge a esfera da relação interpessoal, de amizade e de sponsalidade: «Vós sereis o meu povo, e Eu serei o vosso Deus» (Jr 30,22); «...Amei-te com um amor terno» (Jr 31, 3). Tal vínculo podia ser quebrado pelo ser humano, mas nunca pela divindade. A fidelidade de Deus sobrepõe-se à infidelidade do povo.³⁹

Ruiz de la Peña sublinha ainda que a aliança entre Deus e Israel se evidencia ainda mais nos atributos que caracterizam o Deus da aliança, porque foi por meio da experiência da aliança que o povo foi decifrando a identidade de Deus. Assim, segundo Ruiz de la Peña, o povo de Israel define o seu Deus como:

³⁵ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 213.

³⁶ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 216.

³⁷ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 216.

³⁸ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 217.

³⁹ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 219.

- Um Deus libertador, o que nos remete à libertação da escravidão do Egito, mas é muito mais do que isso: possibilita ao povo uma nova vida em plenitude, isto é, a ação libertadora de Deus é uma oferta de vida e vida sem fim;

- Um Deus santo que comunica a sua santidade e chama Israel a ser santo. Assim, a santidade e a santificação do povo são um efeito da santidade do seu Deus;

- Um Deus justo que atua conforme o seu modo de ser, um Deus que salva, que estende os seus braços aos que se encontram em situações de desgraça; a justiça de Deus é amor, perdão e fidelidade que geram salvação ao povo.⁴⁰

1.2.3 Conversão do Povo diante de Deus

Ruiz de la Peña escreve que o Antigo Testamento, a par do reconhecimento do ser humano como pecador, revela também outra qualidade do Homem, que torna possível a relação dialogal com Deus: o ser humano é livre e, portanto, goza de uma capacidade radical de conversão.⁴¹ Ruiz de la Peña afirma que, se por um lado, é permanente a fidelidade de Deus, por outro, a capacidade e a possibilidade do ser humano se arrepender da sua infidelidade é uma situação sempre aberta, porque é o próprio Deus que não cessa de suscitar no Homem desejos de bem:

O homem pecador precisa da moção divina para colocar-se no caminho da conversão; nenhum pecador pode livrar-se por si mesmo do peso da culpa (...), dócil ao impulso de Deus, o homem deve *triturar* o seu coração endurecido pela culpa como pedra, assumindo cordialmente com dor o seu pecado; esse «coração contrito» é o primeiro passo de um itinerário que leva à conversão.⁴²

Segundo Ruiz de la Peña, a abertura do ser humano à misericórdia de Deus, no horizonte do Antigo Testamento, gera nele duas situações: o cancelamento e a conseqüente a anulação do pecado e dos seus efeitos, e a renovação interior expressa pela mudança de um coração de pedra, contrito pela confissão da culpa, para um coração novo, que é «de carne», animado pelo Espírito de Deus e, portanto, cheio de gozo e alegria.⁴³

Ruiz de la Peña sublinha também que Israel é o povo que foi aprendendo a viver o realismo da sua finitude e da sua condição de pecado, que o levou a apresentar-se sempre diante de Deus com humildade, invocando a sua misericórdia. Deste modo, Israel experimentou a

⁴⁰ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 219-225.

⁴¹ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 226.

⁴² Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 227.

⁴³ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 228.

ternura amorosa de Deus que, tocando o coração de cada ser humano e do povo em geral, gerava sentimentos de arrependimento e conversão, porque Deus trata o ser humano sempre com misericórdia e fidelidade.⁴⁴

Portanto, segundo Ruiz de la Peña, embora a amizade do Homem com Deus no Antigo Testamento não se mostre claramente e bem fundamentada como uma teologia da graça, deixa entender que a graça está virtualmente revelada, porque toda a relação de amizade tem a sua raiz no ser próprio de Deus que escolhe gratuitamente o povo para uma aliança fundada no seu amor misericordioso em vista da salvação como dom divino.⁴⁵ Ruiz de la Peña conclui que embora os contornos da salvação no Antigo Testamento não surjam tão explícitos no seu processo, a salvação acontece, no Antigo Testamento, a partir de três elementos: a completa anulação do pecado, a renovação interior do pecador e a relação íntima e esponsal que se estabelece entre Deus e o Homem presidida pela misericórdia e pela ternura divina.⁴⁶

Nos tópicos que se seguem irá abordar-se o desenvolvimento da graça no Novo Testamento. Para este apartado, Ruiz de la Peña procura desenvolver o tema da graça no Novo Testamento em dois blocos: nos Sinópticos - a partir do reino anunciado por Jesus, pelo seguimento de Jesus e pela paternidade de Deus que Jesus revela ao mundo; o outro bloco é o da teologia paulina e joanina sobre a graça, que, sem criar rutura com os Sinópticos, procura fundamentar a gratuidade da graça, o seu carácter cristocêntrico e a relação paterno-filial que se gera entre Deus e o Homem. Assim, os elementos implícitos no Antigo Testamento encontrarão um desenvolvimento e uma realização plenos, isto é, a realização do desígnio salvífico de Deus na pessoa do Filho, Jesus Cristo.

1.2.4 O Reino anunciado por Jesus

Jesus começa a sua pregação e a sua missão pública com o seguinte anúncio: «Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo: arrependei-vos e acreditai no Evangelho» (Mc 1,15). Ruiz de la Peña reconhece neste anúncio ligado ao Reino, um chamamento à penitência e à conversão, elementos já referidos no Antigo Testamento. Há, porém, segundo o nosso autor, uma particularidade e originalidade no anúncio do Reino de

⁴⁴ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 231.

⁴⁵ Cf. Ruiz de la Peña a respeito desta virtualidade da graça no Antigo Testamento cita autores como Henri Rodent, *La gracia de Cristo*, Barcelona, 1966, 29, assim como Otto Pesch, *Frei sein aus Gnade. Theologische Anthropologie*, Freiburg-Basel-Wien, 1983, 80. Segundo Ruiz de la Peña ambos expressam de modo análogo que todos os elementos essenciais do conceito cristão de graça estão já reunidos no Antigo Testamento (cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 232).

⁴⁶ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 232.

Jesus: a sua exclusividade salvífica, isto é, Jesus no seu anúncio silencia a intimidação pelo castigo, não usa o caráter bivalente da salvação verso condenação, mas fixa-se na oferta única da salvação (cf. Lc 4,16-19).⁴⁷

Ruiz de la Peña escreve que as parábolas do Reino revelam que a novidade de um anúncio exclusivo de salvação dá-se na absoluta gratuidade de Deus, isto é, não depende de nenhum modo do ser humano, mas da livre vontade divina, e, por outro, as parábolas do Reino revelam também sobre a necessidade de o ser humano responder com urgência a interpelação divina como hora da graça e como tempo de salvação:

- Parábola do agricultor paciente: mostra que o Reino de salvação é uma realidade que acontece por iniciativa de Deus, pois o ser humano não sabe da hora do Reino e nem pode forçar a sua realização (cf. Mc 4, 26-29). O Reino acontece no tempo de Deus e cabe ao Homem colocar-se à disposição e aguardá-lo com paciência;

- Parábola do grão de mostarda e do fermento: mostra que o Reino de salvação é uma realidade que inicialmente se manifesta pela sua pequenez, mas que alcança dimensões maiores de realização (cf. Mt 13, 31-33). Com esta parábola, o propósito de Ruiz de la Peña é de ilustrar o contraste entre a realidade pequena, ou mesmo o nada do início, e a magnitude desmedida do final. Coloca como exemplo o menor número de discípulos de Jesus do qual germinou a grande comunidade escatológica universal.⁴⁸

- Parábola das dez virgens: mostra por um lado a súbita realidade da salvação, isto é, que acontece nos prazos estabelecidos por Deus, de alguma forma, improrrogável, e também revela que diante do anúncio salvífico é necessário da parte do Homem vigilância e disposição para tomar parte do Reino (cf. Mt 25, 1-12);

- Parábola do administrar sagaz: convida a uma atitude de astúcia diante do Reino, isto é, disposição de captar o momento da hora da graça e aderir prontamente como caminho que conduz à salvação (cf. Lc 16, 1-8).⁴⁹

Ruiz de la Peña afirma a exclusividade salvífica do Reino anunciado por Jesus como acontecimento de absoluta gratuidade e de pura graça. O ser humano mantém-se livre diante desta oferta; quando aceita esta oferta de salvação, deve assumi-la com responsabilidade. De igual modo, o ser humano é chamado a assumir com responsabilidade as consequências da vida

⁴⁷ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 235.

⁴⁸ Ruiz de la Peña, a propósito desta comunidade escatológica à luz da parábola do grão de mostarda e do fermento, cita autores como: Joaquim Jeremias, *Las parábolas de Jesús*, Estella, 1970,180-183; Pierre Bonnard, *Evangelio según San Mateo*, Madrid, 1976, 305-308.

⁴⁹ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 235-238.

quando, livremente, rejeita a oferta divina de salvação, isto é, quando livremente se decide a não seguir Jesus e a não querer tomar parte no seu Reino.⁵⁰

1.2.5 O seguimento de Jesus

Segundo Ruiz de la Peña, o seguimento de Jesus está estreitamente ligado com a realidade do Reino, dado que entrar no Reino significa seguir Jesus e tornar-se seu discípulo. Mas, para Ruiz de la Peña, ninguém poder fazer-se discípulo de Jesus se não for por Ele chamado (cf. Lc 9,57-62); ninguém pode desejar a cruz por sua própria eleição (cf. Mc 8,34).⁵¹ Ruiz de la Peña escreve que seguir Jesus implica radicalidade, renúncia a outras coisas e disponibilidade para uma relação de comunhão que cria rutura com os vínculos de sangue: é uma experiência de despojamento que rompe com todos os condicionamentos que podem fragilizar a exigência do seguimento.⁵²

Ruiz de la Peña afirma que o seguimento e a entrada no Reino são articulados da seguinte forma:

A entrada no reino é precedida por um processo em três fases sucessivas: chamamento, despojamento e seguimento. Ninguém tem acesso ao reino sem seguir Jesus; ninguém pode seguir Jesus sem ter sido chamado; o chamamento despoja o discípulo e deixa-o inteiramente disponível, desata-o de toda ligação e habilita-o a «tomar a cruz», isto é, a refazer o mesmo itinerário que Jesus teve de percorrer.⁵³

Segundo Ruiz de la Peña, o seguimento é uma experiência marcada essencialmente pela fé na pessoa de Jesus, isto é, o seguimento está centrado em Cristo; é a fé que impulsiona a adesão pessoal à sua pregação e à sua proposta do Reino: «só quem acredita segue; só segue quem acredita»,⁵⁴ acreditar em Jesus e seguir Jesus são duas atitudes que se completam, não podem dar-se separadamente». ⁵⁵ Segue o caminho do discipulado aquele que reconhece a coerência que existe entre Jesus e o que anuncia; essa coerência gera confiança na fé do discípulo. E assim, diz ainda Ruiz de la Peña, acreditar em Jesus equivale também a segui-lo, e

⁵⁰ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 238.

⁵¹ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 239.

⁵² Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 240.

⁵³ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 241.

⁵⁴ Ruiz de la Peña (cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 242) faz citação parafraseando Bonhöffer «só aquele que acredita é obediente ...; só aquele que obedece acredita»; Dietrich Bonhöffer, *El precio de la gracia*, Salamanca, 1968, 37 ss.

⁵⁵ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 242.

segui-lo significará partilhar com Ele a sua própria vida e o seu próprio destino, vividos numa relação marcada por vínculos sólidos de afetividade e de comunhão com Ele.⁵⁶

1.2.6 A paternidade de Deus revelada por Jesus

Ruiz de la Peña afirma que Jesus dirige-se a Deus com o título familiar de “Abbá”, e inculca nos seus discípulos e no povo que Deus deve ser invocado acima de tudo com o título de Pai: «Rezai sempre assim: Pai nosso que estás no céu santificado seja o teu nome»; «E, na terra, a ninguém chameis ‘Pai’, porque um só é o vosso ‘Pai’: aquele que está no Céu» (Mt 23,9); «Não temais, pequenino rebanho, porque aprouve ao vosso Pai dar-vos o Reino» (Lc 12,32).⁵⁷

Segundo Ruiz de la Peña, a paternidade que Jesus revela exige do ser humano, uma atitude semelhante à duma criança diante de seu pai: «se não voltardes a ser como as criancinhas, não podereis entrar no Reino do Céu» (Mt 18, 3), porque é na criança que se manifestam as condições de pureza, humildade «quem, pois, se fizer humilde como este menino será o maior no Reino do Céu» (Mt 18,4) e, acima de tudo, de negação dos próprios interesses e vontades, confiando-se inteiramente ao seu pai como o garante da realização das suas necessidades. É, portanto, a relação de confiança e despojamento do ser humano diante de Deus, ao invocá-lo como Pai bondoso e querido, que se realizam as maravilhas e os inícios da salvação.⁵⁸

Ruiz de la Peña sublinha ainda que a autenticidade da paternidade divina como manifestação de amor salvífico se prova, sobretudo, na sua descomedida generosidade em perdoar o ser humano pecador; em buscá-lo quando está perdido (cf. Lc 15, 1-10) e em acolhê-lo quando se apercebe da sua própria miséria (cf. Lc 15, 11-32). A atitude de Deus, em perdoar e acolher sem reservas, revela a abundância do seu amor paterno: um amor que ama os menos dignos de serem amados, porque são os que mais necessitam do seu amor,⁵⁹ aqueles cuja conversão enche o céu de alegria, porque são os preferidos da revelação divina: «Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores» (Mc 2,17).⁶⁰ Ruiz de la Peña afirma também que «o

⁵⁶ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 242.

⁵⁷ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 243.

⁵⁸ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 243.

⁵⁹ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 243.

⁶⁰ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 244.

anúncio do reino do Pai se revela em verdade como evangelho, Boa Nova de salvação para os que não se pode salvar, para aqueles que aparentemente são irredimíveis».⁶¹

Por isso, segundo Ruiz de la Peña, o amor paterno de Deus revelado por Jesus é um amor que precede a conversão do ser humano porque é pura graça; é um amor incondicional, ilimitado, disponível para perdoar e acolher; é um amor que reconhece permanentemente o homem e a mulher como filho e filha, e como irmão e irmã, nunca como servo e serva, e muito menos desvinculado da fraternidade; é um amor que conjuga a paternidade, a filiação e a fraternidade.⁶² Segundo Ruiz de la Peña, Jesus não se limitou a proclamar a paternidade misericordiosa de Deus, mas procurou adequar a sua conduta a esta mesma proclamação, onde as suas palavras eram acompanhadas pelos seus gestos: «este acolhe os pecadores e come com eles» (Lc 15,2), sinal de comunhão de vida e de destino.⁶³

Ruiz de la Peña afirma que Jesus fala de misericórdia e age com misericórdia porque Deus seu Pai pensa e age da mesma forma. Por isso, o amor paterno e salvífico de Deus revelado por Jesus é cheio de gratuidade:

O Deus que reina já agora é, ao mesmo tempo e acima de tudo, o Pai que ama e perdoa, que tem preferência pelos pequenos «porque é bom», perante quem o homem deve sentir-se filho e não servo. O reino de Deus é então revelado como reino do homem, no qual os pecadores são preferidos, os mais pequenos são os grandes (cf. Lc 9,48) e os últimos são os primeiros. Não é o reino do poder e de força, mas sim de graça e da fraqueza.⁶⁴

O amor incondicional de Deus Pai manifestado em Jesus espera de cada homem e de cada mulher uma resposta e um seguimento incondicional que se concretiza na opção preferencial por Deus e na decisão de tomar parte da instauração do Reino, isto é, passar a fazer parte da nova comunidade. Ruiz de la Peña afirma que tal comunidade possui sinais distintivos: «a invocação de Deus como Abbá, o reconhecimento da própria filiação e o estabelecimento da fraternidade inter-humana (...), comunidade que os seus membros vivem permanentemente no amor e no perdão fraterno».⁶⁵

⁶¹ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 244.

⁶² Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 244.

⁶³ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 246.

⁶⁴ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 247.

⁶⁵ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 247.

1.2.7 A graça e a justificação em S. Paulo e em S. João

Ruiz de la Peña considera a doutrina de Paulo como uma bela e excelente exposição da doutrina bíblica da graça.⁶⁶ Para o Apóstolo, a vocação cristã tem o seu fundamento na eleição divina (cf. 1 Ts 1,4) e no chamamento (cf. 2 Ts 2, 14) mediante a graça de Deus e não pelos méritos humanos (cf. 1Cor 3,5). A vida em Deus é uma predestinação graciosa que se realiza em Cristo no qual Deus se dispõe santificar e glorificar aqueles que de antemão elegeu segundo a decisão da sua vontade (cf. Ef 1,11).⁶⁷

Segundo Ruiz de la Peña, esta convicção paulina da eleição gratuita e graciosa tem a sua raiz na visão de uma imagem compassiva e misericordiosa de Deus, no Antigo Testamento. Esta imagem ganha nitidez quando Deus oferece o seu próprio Filho aos homens e mulheres: «Ele, que nem sequer poupou o seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós...» (Rm 8, 32), levando o seu amor ao extremo, pela morte e ressurreição do Filho que são, para Paulo, uma garantia de que ninguém jamais os poderia separar deste amor que lhes foi manifestado em Cristo Jesus (cf. Rm 8, 33-39).⁶⁸ Para Ruiz de la Peña, o que foi manifestado em Cristo é a graça de Deus oferecida gratuitamente para a redenção e salvação do Homem. Assim, a graça se identifica com Cristo, não sendo uma coisa, mas uma pessoa (cf. Rm 5,2), Cristo no dom de si mesmo ao Homem (cf. Rm 8,32).

A respeito do que foi dito escreve Ruiz de la Peña:

A ch aris (graça) paulina não é algo, mas alguém. Segundo Paulo, não basta dizer que tivemos acesso a ela por Cristo (cf. Rm 5,2), é preciso dizer também que o dom   próprio Cristo: Ele é, de facto, aquilo que nos foi graciosamente dado (cf. Rm 8,32). A vida dada de Cristo   graça por excelência e   graciosa por excelência. A salva o pela graça consiste em ser vivificado e ressuscitado com Cristo (cf. Ef 2,4-6); «o dom gratuito de Deus   a vida em Cristo» (cf. Rm 6,23).⁶⁹

Desta maneira Paulo entende Cristo como a centralidade da graça, no sentido de que a experiência salvífica do Homem passa por Ele. Isto significa, no entender de Paulo, como o afirma Ruiz de la Pe a, que a graça de Deus   a graça de Cristo e que a graça de Cristo é o próprio Cristo.⁷⁰ Assim se reafirma, em Paulo, escreve Ruiz de la Pe a, o caráter cristoc trico da graça e a necessidade do seguimento de Cristo já encontrados nos Sin pticos. Ruiz de la Pe a acrescenta ainda que Paulo associa a ideia de graça com a experiência de liberta o:

⁶⁶ Cf. Ruiz de la Pe a, *El don de Dios*, 249.

⁶⁷ Cf. Ruiz de la Pe a, *El don de Dios*, 249.

⁶⁸ Cf. Ruiz de la Pe a, *El don de Dios*, 249.

⁶⁹ Ruiz de la Pe a, *El don de Dios*, 250.

⁷⁰ Cf. Ruiz de la Pe a, *El don de Dios*, 250.

A vida que nos foi dada em Cristo «liberta da lei do pecado e da morte» não só os seres humanos, mas também a criação inteira (cf. Rm 8,2.21.23), o agraciado «já não é escravo, mas filho» (Gl 4,7); «Cristo libertou-nos para a liberdade»; a vocação cristã consiste, portanto, em «ser chamado para a liberdade» (Gl 5,1.13) (...), a verdadeira liberdade está «aí onde está o Espírito do Senhor» (2 Cor 3,17).⁷¹

Ruiz de la Peña sublinha ainda que o carácter da graça como dom libertador ajuda a perceber o evento de Cristo como manifestação de salvação gratuita. Por isso, segundo Ruiz de la Peña, é determinante, em Paulo, o argumento da justificação pela fé, num cristianismo das origens ainda muito enraizado no judaísmo que fundamentava a justificação por meio das obras da lei. Em contrapartida a uma conceção da salvação pelas obras, Paulo sublinha decididamente que a salvação cristã resulta da fé em Jesus Cristo «sabemos, porém, que o homem não é justificado pelas obras da Lei, mas unicamente pela fé em Jesus Cristo» (Gl 2,16). É Cristo que torna justo o ser humano mediante a sua entrega gratuita por amor e misericórdia.⁷²

Ruiz de la Peña escreve que a justificação em Paulo é um dom gratuito e não uma conquista humana; a mesma tem início pelo batismo no Espírito de Deus que gera um novo nascimento em Cristo, isto é, uma nova vida transformada interiormente, adquirindo um novo princípio vital (cf. Rm 6,3-4; 1 Cor 6,11):⁷³ porque, pela fé em Jesus Cristo, o ser humano já não vive dominado pela carne, marcado pela caducidade e pela pecaminosidade, mas pela vida e força de Cristo infundidas nele através da sua entrega amorosa na cruz.⁷⁴

Ruiz de la Peña afirma ainda que a justificação pela fé e não pelas obras da lei assente na graça, em Paulo, tem por objetivo explicitar uma economia salvífica fundada no princípio do amor gratuito divino em contraposição a uma economia salvífica fundada no princípio do mérito e da retribuição: «falar de justificação é falar de vida nova». Essa vida nova é Cristo; só pode ser acolhida como dom absolutamente gratuito, como vida doada. Continua Ruiz de la Peña: «não pode ser adquirida de maneira autónoma com esta ou aquela obra (*érgon*) humana, mas, em colocar-se “diante de Deus”, em adesão amorosa e agradecida pela fé (*pístis*)». ⁷⁵

Assim, a fé é entendida por Paulo como adesão pessoal a Cristo; resposta livre à eleição e ao chamamento de Deus; entrega total a Cristo e disposição para percorrer um caminho de conversão. Ruiz de la Peña afirma: «desta forma a fé paulina é mais livre ou mais humana, primeiro, porque coloca o ser humano numa relação interpessoal; segundo, porque reconhece a

⁷¹ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 251.

⁷² Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 252.

⁷³ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 253.

⁷⁴ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 254.

⁷⁵ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 255.

radical insuficiência humana para obter autonomamente a própria salvação; terceiro, porque o ser humano crente reconhece a necessidade absoluta de Cristo».⁷⁶

A adesão pessoal e incondicional a Cristo vai definir também o papel salvífico das obras, não mais como obras da lei, mas como obras da fé que atuam pela caridade (cf. 1 Ts 1,3). Ruiz de la Peña afirma que não existe, em Paulo, uma contraposição entre fé e obras, encontramos em Paulo uma harmonia que parte da consequência direta da fé em Cristo, que impulsiona o ser humano crente a amar o seu próximo, dado que, segundo o Apóstolo, «o amor é a realização da lei na sua plenitude» (Rm 13, 8-10).⁷⁷ Portanto, salvo por amor, o homem e a mulher que aceitam Cristo e têm com Ele uma união vital, são enviados a viver a fé no amor, porque o segredo da liberdade dos filhos e das filhas de Deus está em viver a caridade, isto é, no dom constante de si a Deus e aos irmãos.

Segundo Ruiz de la Peña, a graça, em São João, tem a sua tônica no amor de Deus que se manifesta na encarnação do Filho, que gera vida em abundância, para quem n'Ele acredita «porque tanto amou Deus ao mundo que entregou o seu Filho único» (Jo 3,16). Cristo é a graça (cf. Jo 1,14) e a vida verdadeira (cf. Jo 11,25).⁷⁸ Esta vida verdadeira (Reino de Deus ou o dom de Deus) é acolhida pela fé na encarnação do Filho que está cheio de graça e de verdade: «todo o que nele crê tem a vida eterna» (Jo 3,15). Neste sentido, afirma Ruiz de la Peña que a fé, em São João, é um assentimento à autorrevelação de Deus em Jesus e uma resposta livre de adesão pessoal à vida de Cristo.⁷⁹ Ruiz de la Peña aponta ainda em São João a gratuidade da fé, porque a fé aparece também como dom do Pai: «ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou o não atrair...» (Jo 6,44), isto é, ninguém pode tornar-se discípulo se não for eleito por Jesus. Assim, para Ruiz de la Peña a graça, em São João, tem também centralidade cristológica, porque a salvação passa pela crença em Jesus. Pela fé acontece uma união vital entre Cristo e o ser humano; o homem e a mulher são introduzidos no mistério mais íntimo do ser de Deus. Só a permanência do ser humano em Cristo e em Deus é que lhe garante a salvação e a realização das obras da fé (cf. Jo 15, 1-6).⁸⁰

Ruiz de la Peña escreve que os frutos das obras da fé, em São João, são uma consequência do acolhimento da vida/grança, isto é, da aceitação da vida de Deus, do dom divino do próprio Deus que se dá no seu Filho, comunicando ao ser humano uma vida nova:

⁷⁶ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 257.

⁷⁷ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 259.

⁷⁸ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 260.

⁷⁹ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 261.

⁸⁰ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 263.

Dado que «Deus é amor» (1 Jo 4,8), a receção da vida (ou o ser) de Deus não pode deixar de manifestar-se na práxis da caridade (...). A caridade fraterna é, essencialmente, a autodoação do cristão, que prolonga no plano humano a entrega do Filho ao mundo feita pelo Pai (cf. Jo 3,16) e a entrega da vida que Jesus nos faz: «Cristo deu a sua vida por nós. Também nós devemos dar a vida pelos irmãos» (1 Jo 3,16).⁸¹

Ruiz de la Peña sublinha que fé em Deus e em Jesus Cristo se torna autêntica na medida que ela ganha expressão no amor fraterno, revelando-se como um sinal da apropriação da vida divina nesta tríplice possessão: o amor de Deus fez com que o Pai entregasse o seu Filho, o Filho entregou-se ao ser humano e os homens e mulheres devem entregar-se aos seus irmãos e irmãs.⁸² Contudo, Ruiz de la Peña conclui que a graça, em São João, é dom do Pai e do Filho que gera no ser humano vida nova/salvação; quando é acolhida mediante a fé, gera frutos de vida fraterna como expressão do amor em ação na própria autodoação.

A propósito disto escreve Ruiz de la Peña:

A “graça em São João” tem a ver com o mistério do amor que Deus é, e que se difunde nas três grandes manifestações que fizeram da história um processo de salvação: a) o amor eterno do Pai pelo Filho e pelo mundo; b) o amor do Filho (encarnado) ao mundo e ao ser humano; c) o amor que o ser humano tem por Deus, pelo Filho e, conseqüentemente, pelos seus irmãos.⁸³

Terminámos o tema da justificação em Ruiz de la Peña como manifestação do amor de Deus ao ser humano com uma exposição que cruza os dados bíblicos com os teológicos que procurámos centralizar na figura de Jesus Cristo como Aquele que realiza a salvação de todos os homens e mulheres. Portanto, a salvação que o ser humano recebe de Jesus consiste na participação na vida divina que se realiza por meio do seguimento; este é precedido por uma eleição e um chamamento gratuito de Deus acolhido no ato livre da fé. Quando tal ato é abraçado com determinação torna-se um caminho de amor e de autorrealização em Deus. Assim, três verdades emergem nesta perspetiva:

- 1ª. Os que recebem a salvação de Deus são habitados pela Trindade;
- 2ª. Tais homens e mulheres participam da natureza divina, isto é, são divinizados;
- 3ª. Tornam-se filhos e filhas de Deus.

No próximo tópico, procuraremos desenvolver o tema da participação na filiação divina; é o momento de passarmos a abordar em Ruiz de la Peña assuntos como: a graça como divinização; a inabituação trinitária; as dimensões da graça.

⁸¹ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 263.

⁸² Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 264.

⁸³ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 264.

1.3 O SER HUMANO EM CRISTO: A PARTICIPAÇÃO NA FILIAÇÃO DIVINA

Ruiz de la Peña, como vimos nos tópicos anteriores, considera a graça como manifestação do amor infinito de Deus que se dá a Si mesmo à indigência humana enchendo a vida do ser humano com amor divino. A graça, segundo o nosso autor, é antes de tudo uma relação, um encontro e uma rutura com a situação de distanciamento entre Deus e o Homem: «graça significa que Deus abaixou-se, condescendeu-se pelo ser humano; que o ser humano transcendeu-se até Deus».⁸⁴ Está nova situação do ser humano em Deus, foi graças à mediação de Cristo. É por meio de Cristo que conhecemos o desígnio salvífico de Deus, sua libérrima vontade de querer assumir/entrar numa relação pessoal com cada homem e cada mulher.

1.3.1 A graça como divinização

Ruiz de la Peña afirma que a patrística grega definiu a salvação do ser humano como participação no ser de Cristo e, mediante Cristo, no mistério de comunhão da vida trinitária. Ruiz de la Peña atreve-se a afirmar: «o ser humano chega a ser “divino” por graça aquilo que as pessoas da Trindade são por natureza».⁸⁵

Para Ruiz de la Peña, a teologia da divinização do ser humano tem a sua fundamentação na Sagrada Escritura, partindo da conceção do Homem como imagem de Deus, no Antigo Testamento e também da mensagem joanina a cerca da encarnação do Logos. O livro do Génesis 1, 26 e o Evangelho de João 1, 9 colocam a divinização do homem e da mulher numa lógica de gratuidade e não de conquista pelas forças humanas: é Deus quem o cria à sua imagem e semelhança; é a libérrima vontade de Deus que levou o seu Filho a encarnar e, por conseguinte, divinizar o ser humano. Assim, «“com a encarnação do Verbo, o Filho eterno de Deus fez-se participante da pobre e enferma natureza humana, para que o ser humano pudesse participar da sua natureza divina”».⁸⁶

⁸⁴ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 338.

⁸⁵ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 268.

⁸⁶ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 269; Ruiz de la Peña está a citar João Damasceno em “*De fide orthodoxa*” 4,13 (R 2370).

A propósito disso escreve Ruiz de la Peña:

A encarnação é, pois, a comunhão da pessoa divina do Filho com a condição humana e a recapitulação de toda a humanidade – e de todo o humano - na divindade filial do Lógos encarnado. Só assim se realizaria o desígnio primordial que presidiu à criação do homem: fazer dele um ser à imagem de Deus.⁸⁷

Ruiz de la Peña faz-nos entender que o pensamento patrístico grego sobre a salvação, com a centralidade na Encarnação, aponta sempre para o tema da divinização do ser humano. A centralidade da Encarnação como meio de divinização do ser humano «secundariza a teologia paulina da justificação do pecador através do sacrifício da cruz»,⁸⁸ porque «falar da salvação do ser humano, que não é senão a sua divinização, o ponto de referência fundamental não é a situação pecadora do ser humano, mas a sua condição de criatura: somente pela participação no Verbo, através do Espírito, é que o ser humano recebe do Pai a graça da divinização».⁸⁹

Com efeito, afirma Ruiz de la Peña, para que a divinização se realize na história pessoal de cada ser humano, é preciso uma ação santificadora que brota da humanidade de Jesus Cristo que se opera por meio dos sacramentos com grande realce para aos sacramentos do Batismo e da Eucaristia.⁹⁰ Com isto, quer dizer-se que a divinização opera-se quando o dom do Espírito configura o ser humano com Cristo, imagem do Pai que, por sua vez, proporciona ao ser humano uma participação na mesma vida de Deus.

Segundo Ruiz de la Peña, a divinização do ser humano na fé cristã é um dom divino e não uma autopromoção humana; a divinização não aniquila o ser próprio do Homem, mas humaniza-o, divinizando-o; a divinização não é uma alienação a um ser estranho ao Homem, mas a comunhão com o ser divino e pessoal (Jesus) que se “alienou” na Humanidade do homem e da mulher, assumindo a sua natureza (cf. Fl 2,6-11), para que pudessem ser divinizados e tomar parte da comunhão vital com toda a Santíssima Trindade.⁹¹

Contudo, para Ruiz de la Peña, a divinização do ser humano como dom da graça de Deus em Cristo é, nada mais e nada menos, que a «plenificação do próprio ser», ou seja, «deificar o ser humano é humanizá-lo, realizar plenamente a sua identidade».⁹² Tal realização

⁸⁷ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 269.

⁸⁸ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 268.

⁸⁹ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 270; Ruiz de la Peña está a citar Santo Atanásio em “*Contra Arriano*”, 1,9 (R 762), o que encontramos formulado da seguinte forma: «tem essa graça que provém do Pai somente “aquele” por participar do Verbo por meio do Espírito»; Atanasio, *Discursos contra los arrianos (I-9)*, Ciudad Nueva, Madrid, 2010, 36.

⁹⁰ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 270; Aqui Ruiz de la Peña apresenta (o Batismo e a Eucaristia) como meios pelos quais se atualiza a divinização no ser humano no decorrer da história. Antes disso, cita Gregório de Nisa: «a pessoa do Filho divinizou em ato o ser humano de Jesus e praticamente (virtualmente) todos os seres humanos»; Gregório de Nisa, *Orat in Catech*, 37 (R 1013).

⁹¹ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 377.

⁹² Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 377.

do ser humano dá-se pela participação por graça no ser próprio de Deus: «uma participação que é mais do que mera imitação e que não é de nenhum modo uma fusão ou absorção no divino, mas é uma assimilação por comunhão vital numa relação interpessoal».⁹³ Assim, visto que esta relação interpessoal dá-se através do Filho, «consustancial ao ser humano na humanidade», Ruiz de la Peña afirma que «a categoria divinização, entendido de modo cristão, acaba por conduzir a categoria de filiação que constitui a sua completa compreensão».⁹⁴

1.3.2 A Inabitação trinitária

Para Ruiz de la Peña, a filiação divina do ser humano é uma experiência de participação na comunhão com Deus por meio de Cristo no Espírito Santo; é a experiência do viver e do existir a partir da própria vida de Cristo entregue por Deus a Humanidade desde a Encarnação, para plenitude do ser humano e redenção do seu pecado por meio da cruz.⁹⁵ Assim, como acima já se sublinhou, a graça da qual o ser humano lhe é dado a experimentar é o próprio Deus que se dá a Si mesmo de maneira visível na Pessoa do Filho (cf. Jo 3, 16). A autodoação de Deus ao ser humano faz-se em Cristo, por Cristo e com Cristo, pela força do Espírito Santo: toda a Trindade passa a habitar no ser humano que foi justificado e tornado filho. E assim, do mesmo modo que o ser humano justo se torna justo em Cristo, é acolhido por Cristo para participar na relação vital com a Trindade.⁹⁶ Portanto, a inhabitação trinitária, segundo a síntese de Ruiz de la Peña, pode ser entendida numa tríplice forma de presença: operativa, intencional e quase formal, sendo a última a que mais prepondera.⁹⁷

1^a. A inhabitação trinitária entendida como presença operativa: Deus está onde atua. Desta forma, Deus habita no ser humano e imprime nele um dinamismo vital. Por esta razão: Deus atua de modo diverso, no ser humano justificado, daquele com que atua nas demais criaturas; no ser humano justificado, Deus está presente por meio do seu Espírito;

⁹³ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 378.

⁹⁴ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 379.

⁹⁵ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 345.

⁹⁶ Os evangelhos, neste sentido, oferecem-nos horizontes de compreensão da nossa participação na relação vital da Trindade: «Quem crê em mim não é em mim que crê, mas sim naquele que me enviou; e quem me vê a mim vê aquele que me enviou» (Jo 12, 44-45); «Eu neles e Tu em mim, para que eles cheguem à perfeição da unidade e assim o mundo reconheça que Tu me enviaste e que os amaste a eles como a mim» (Jo 17, 23). Esta relação vital com a Trindade é por si uma relação de amizade «Vós sois meus amigos, se fizerdes o que Eu vos mando. Já não vos chamo servos, visto que um servo não está ao corrente do que faz o seu senhor; mas a vós chamo-vos amigos, porque dei a conhecer tudo o que ouvi ao meu Pai» (Jo 14,14-15). São Paulo ilumina-nos também quando diz: «Já não sois estrangeiros nem imigrantes, mas sois concidadãos dos santos e membros da casa de Deus» (Ef 2, 19).

⁹⁷ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 342-345.

2ª. A inabitação trinitária entendida como presença intencional: Deus está no ser humano justificado como ser que é conhecido e que ao mesmo tempo conhece; que é amado e que ama. Por esta presença, a relação pessoal entre Deus e o ser humano dá-se pelo conhecimento e pelo amor mútuo. Neste sentido, é preciso deixar claro que o conhecimento do ser humano acerca de Deus não é prévio e muito menos natural, dado que é também um dom revelado, como se diz no Evangelho segundo S. Mateus: «... ninguém conhece o Filho senão o Pai, como ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar» (Mt 11, 27);

3ª. A inabitação trinitária entendida como presença quase formal. Esta forma de inabitação procura responder à forma de o ser humano conhecer e amar a Deus, a partir da sua realidade pessoal, não como objeto, mas como sujeito. Neste sentido, na inabitação trinitária acontece uma relação própria e pessoal com as pessoas divinas, mas muito mais especialmente com o Espírito Santo, uma vez que é Deus que, pelo Espírito Santo, atua de maneira quase formal na vida do próprio ser humano. Esta atuação, segundo Ruiz de la Peña, efetua-se por meio da autodoação e comunicação de Deus ao ser humano mediante a encarnação do Verbo, na medida em que a atuação quase formal de Deus no ser humano é análoga à atuação da pessoa divina do Filho na realidade humana de Jesus com a união hipostática: esta faz com que a condição humana de Jesus seja assumida pelo Filho como algo que pertence ao seu ser pessoal.⁹⁸ De maneira semelhante, embora desigual, porque não há uma união hipostática entre Deus e o ser humano justificado, Deus atua no ser humano (na sua condição humana) por meio do Filho e pela ação do Espírito Santo.

Ruiz de la Peña explica quanto se acaba de dizer com clareza:

Cristo é a graça; a graça é Deus Pai entregando-se ao homem Jesus através da encarnação e entregando-se a nós na comunicação da vida do Verbo encarnado e ressuscitado, comunicação que comporta a nossa divinação e a nossa filiação adotiva e que se realiza - e se torna operativa - na efusão do Espírito, que é pessoalmente o amor recíproco do Pai e do Filho.⁹⁹

A inabitação trinitária gera no ser humano não só a participação na vida divina, mas gera também frutos de santidade, porque acontece a união íntima do ser humano com Deus que dá ao homem e a mulher a capacidade de observar os mandamentos de Deus, isto é, de caminhar conforme a vontade de Deus especialmente na fé, no amor e na esperança.¹⁰⁰ A inabitação trinitária, como amor incriado, é também criativo no sentido que faz gerar, por meio do ser

⁹⁸ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 345.

⁹⁹ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 346.

¹⁰⁰ Cf. Maurizio Flick; Zoltan Alszechy, *Antropologia teológica*, 8º ed., Ediciones Sígueme, Salamanca, 1993, 371; Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 346; para Ruiz de la Peña, a santidade cristã acontece quando a pessoa divina do Verbo atua na existência pessoal do ser humano.

humano, frutos de boas obras, todas elas penetradas de amor que exprimem o acolhimento e a resposta livre à inabitação da Santíssima Trindade na vida do ser humano.

Como acabamos de ver, a inabitação trinitária como graça incriada, é Deus dando-se a Si mesmo, criando no ser humano certas dimensões e potencialidades como sinais de uma vida que participa na vida divina. É destas dimensões que iremos tratar, de modo sintético, na parte final deste capítulo.

1.3.3 As dimensões da graça

Os pontos anteriores procuraram deixar esclarecido que a graça em Ruiz de la Peña consiste no encontro da riqueza divina com a pobreza humana e entre o infinito amor de Deus com a contingência humana e, ainda, que a graça, como autodoação que Deus faz de Si mesmo, transforma o ser humano, renovando-o interiormente e potencializando-o para um novo agir conforme a vontade de Deus. Neste tópico procuraremos concretizar a partir de Ruiz de la Peña a graça nas suas variadas dimensões e as suas repercussões no agir do ser humano justificado.

a) Dimensão da filiação divina

Para Ruiz de la Peña, a divinização que a graça de Deus opera no ser humano torna-o filho de Deus, porque o próprio Deus, ao dar-se ao ser humano por amor e misericórdia, não somente se tornou para ele o salvador, como também um Pai. Isto significa, logo de antemão, que não tendo nascido como filhos, os seres humanos se tornam filhos pela graça. Deste modo, a filiação do homem e da mulher em Deus é de caráter adotivo e fruto de uma eleição gratuita.¹⁰¹

Ruiz de la Peña afirma que no Antigo Testamento eram chamados filhos de Deus os reis (cf. 2 Sm 7, 14); os justos que tinham com Deus uma relação de terno abandono (cf. Sl 27, 10) fundado na eleição que conferia direitos às promessas de Deus.¹⁰² Mas, segundo o nosso autor, é no Novo Testamento que se dá a grande novidade de uma especial forma de filiação, resultante da identificação do Filho Unigénito de Deus com a vida humana. Com efeito, é Cristo, o Filho de Deus por excelência, que faz o ser humano participar da sua filiação, na medida em que os seres humanos se tornam filhos no Filho, participantes da sua filial natureza divina, pela qual

¹⁰¹ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 380.

¹⁰² Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 380.

recebem a graça de uma participação conatural da divindade da Trindade.¹⁰³ Por suposto, a filiação adotiva (cf. Rm 8, 14-17) ou novo nascimento em Deus (cf. Jo 1,12-13), em Ruiz de la Peña, «implica a receção do Espírito no interior do justo com a sua virtude transformadora; amplia a perceção de Deus como Abbá (experiência subjetiva da real paternidade de Deus) e finalmente dá direito a herança dos bens divinos».¹⁰⁴

Assim, a filiação divina em Jesus Cristo introduz o ser humano numa intimidade com Deus, superior à que os justos do Antigo Testamento experimentaram, com base num pacto quase legalista, ao passo que em Jesus Cristo, no Pai e pelo Espírito Santo (cf. Rm 8, 14-17), a filiação se encontra fundada no amor que gera liberdade nos corações e caridade filial. Tal caridade filial concretiza-se na espontaneidade com que se cumpre a vontade do Pai.¹⁰⁵

Para Ruiz de la Peña, o desígnio de Deus é fazer de Cristo o primogénito de muitos irmãos (cf. Rm 8,29), objetivo que conheceu a sua realização quando Deus fez dos seres humanos verdadeiros filhos segundo o modelo do seu Filho primogénito, de tal modo que ser filho de Deus equivale a revestir-se de Cristo. Com efeito, a consequência da filiação divina, escreve Ruiz de la Peña, é a vivência da própria existência como um processo de conformação e transformação com e em Cristo, de maneira que a vida cristã passa a ser a participação na experiência de Cristo, uma experiência que leva o ser humano a sofrer com Ele, a morrer com Ele, a ser sepultado com Ele, a ressuscitar com Ele, e com Ele ser glorificado.¹⁰⁶ Assim, para Ruiz de la Peña, ser filho de Deus é adquirir a forma de Cristo (cf. Gl 4, 19), é reproduzir a sua imagem de Filho (cf. Rm 8, 29) e tendo com Ele os mesmos sentimentos (cf. Fl 2, 5).¹⁰⁷ A conformação com Cristo, escreve Ruiz de la Peña, é um processo que vai até à consumação total da filiação em Deus na perfeita imagem do Filho, quando o ser humano entrar na visão da glória final: «nós que somos filhos de Deus, seremos semelhantes a Ele» (a Cristo), ou seja, «a filiação adotiva de que fala a fé cristã não se opõe à filiação natural; é antes uma modalidade de filiação natural pela participação na condição filial daquele que é, pura e simplesmente, o Filho».¹⁰⁸

¹⁰³ Acerca da conaturalidade na participação na Trindade, Ruiz de la Peña, 381, está a citar autores como: Edward Schillbeeckx, *Cristo y los cristianos. Gracia y liberación*, Madrid, 1982, 458-461; Vinceç Capdevila, *Liberación y divinización del hombre I*, Salamanca, 1984, 199-234; Luis Ladaria, *Antropología teológica*, Madrid-Roma, 1983, 368-376; Maurizio Flick; Zoltan Alszeghy, *El evangelio de la gracia*, Salamanca, 1967, 512-517.

¹⁰⁴ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 381.

¹⁰⁵ Cf. Maurizio Flick; Zoltan Alszeghy, *Antropologia teológica*, 391.

¹⁰⁶ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 382.

¹⁰⁷ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 383.

¹⁰⁸ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 382.

Finalmente, para Ruiz de la Peña, a comunhão do ser humano na existência pessoal do Filho de Deus capacita-o a viver, a sentir, e a atuar como Cristo, uma vez que a filiação divina traz consigo uma maneira determinada de viver e de agir, graças ao Espírito de Deus que nele habita. Contudo, a configuração filial com Cristo se exterioriza através das obras, sobretudo da caridade fraterna, de modo que a configuração com Cristo é um amar como Ele amou (cf. Jo 13,34) e um dar a vida como Ele a deu (cf. 1 Jo 3,16). Conclui Ruiz de la Peña: «é assim, aliás, que acabamos por realizar a nossa vocação de imagem de Deus, ou seja, tornando-nos imagem de Cristo, que é imagem de Deus».¹⁰⁹

b) Dimensão prática-caritativa

Como já foi insinuado acima, para Ruiz de la Peña, a vida na comunhão com Cristo implica agir como Ele, isto é, escreve o nosso autor: «quem é como Cristo tem de viver, sentir e agir como Ele».¹¹⁰ A caridade cristã brota da graça divina e da adoção filial que consiste em reviver no amor os exemplos de Cristo, reconhecendo os outros como irmãos, servindo-os como Cristo os serviu, atuando o dinamismo de Cristo que veio para servir e não para ser servido e dando a vida em regaste de todos (cf. Mc 10, 45). A caridade cristã revela que todos os seres humanos são filhos de um Deus que é Pai. Ruiz de la Peña afirma esta ideia de modo claro:

Se todos somos filhos do mesmo Pai, todos somos irmãos de todos. Note-se, ainda, que a relação de fraternidade exige, como dado prévio, a relação paternidade-filiação; somos filhos antes que irmãos; somos irmãos porque somos filhos; é a existência de um Pai comum que garante o reconhecimento extensivo do outro como irmão e não como mero semelhante. O único modo de viver em verdade a nossa condição filial é viver a nossa condição fraternal.¹¹¹

Isto significa que, sendo Deus amor, quem recebeu o ser de Deus pela divinização do seu ser não pode não viver e agir em conformidade com Ele. Por isso, homens e mulheres são vocacionados a amar com a maior radicalidade possível, já que nasceram de Deus (cf. 1 Jo 4,7).

Portanto, segundo Ruiz de la Peña, a autenticidade cristã dá-se na unidade identitária do amor a Deus e do amor ao ser humano. É por este duplo movimento que o ser humano faz a «“experiência transcendental, sobrenatural e imediata de Deus”».¹¹² Isto é, como afirma Ruiz de la Peña: «toda ação genuína de amor ao próximo possui uma valência salvífica, porque

¹⁰⁹ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 384.

¹¹⁰ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 384.

¹¹¹ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 385.

¹¹² Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 386, está a citar diretamente Karl Rahner «Über die Einheit von Nächsten- und Gottesliebe», en *SzTh Vi*, 277-298 (sobre a unidade do amor ao próximo e do amor a Deus).

expressa uma real comunhão com o ser divino». ¹¹³ Nesta perspectiva, vem a propósito fazer menção a um pequeno trecho de Sergio Bastianel:

Do ponto de vista da dinâmica da consciência cristã, conhecer a Deus como Pai é, ao mesmo tempo, conhecer o outro como irmão; reconhecer e acolher o amor salvador de Deus em Jesus Cristo é dar a sua vida como mediação deste amor salvador, é viver nele, caminhar como Ele caminhou; reconhecer em Jesus a proximidade de Deus que ama e salva; é tornar-se próximo. Contudo, o amor de Deus pelo Homem alcança a sua meta no amor fraterno. ¹¹⁴

No entanto, segundo Ruiz de la Peña, o amor “ao próximo” é um reflexo do ser de Deus no ser humano, isto faz com que «a mediação mais efetiva do mistério da graça seja o milagre do amor». ¹¹⁵ Por isso, filiação divina do ser humano, vocacionada a ser vivida no encontro interpessoal, é uma mediação da graça quando o ser humano ama os outros com o mesmo amor divino, ¹¹⁶ como também pode ser uma mediação da desgraça, quando nega este amor e o guarda-o somente para si. É também aqui que se verifica, na perspectiva de Ruiz de la Peña a maturidade cristã: «quem foi agraciado não pode limitar-se a receber o amor, tem de devolvê-lo. Tem de projetar em torno de si o dinamismo da sua interioridade transformada, “porque” a vida da graça implica a opção de “ser sinal da graça” aos irmãos». Só assim, a filiação divina se torna uma expressão e um sinal de liberdade, de fraternidade na filiação comum, de amor e de serviço abnegado. ¹¹⁷

Segundo Ruiz de la Peña, a caridade cristã permite o ser humano reconhecer a sua condição de filho agraciado, possuidor de uma vida que é dom de Deus e que vai ganhando plenitude, sempre que for vivida em autêntica doação: o que se recebe de graça é dado de graça. É nisto que o amor de Deus, no ser humano, é perfeito, como é nisto que sua glória é conhecida no mundo. Por isso, escreve Ruiz de la Peña: «a caridade mais do que ser apenas uma prática de cada cristão, é o cartão de identidade da comunidade eclesial como sacramento do amor misericordioso de Deus a humanidade e como realização antecipada no tempo a escatologia da comunhão dos santos». ¹¹⁸

¹¹³ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 386.

¹¹⁴ Sergio Batianel, *Moralidade Pessoal na História: tema de ética social*, Trepan, Poço de Jacob, 2011, 91.

¹¹⁵ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 387.

¹¹⁶ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 386- aqui, o nosso autor, afirma categoricamente que encontrar-se com um ser humano agraciado (divinizado/filho de Deus), seria equivalente a fazer a experiência da graça.

¹¹⁷ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 388.

¹¹⁸ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 388.

c) *Dimensão escatológica: viver na esperança*

Para Ruiz de la Peña, a experiência do ser humano como ser justificado e divinizado não é um sucesso pontual, está marcada por um processo progressivo de apropriação da forma de Cristo na medida em que a sua vida de agraciado no Senhor, caminha para uma consumação final no encontro definitivo com Deus que o permitirá vê-lo tal qual Ele é; isto ocorrerá só quando o ser humano vier a ressuscitar com Cristo para a vida eterna.¹¹⁹ Neste sentido, a vida de agraciado encontra-se numa esperança já realizada no tempo presente e numa esperança que anseia pela consumação final. Como nos ensina S. João: «... agora já somos filhos de Deus, mas não se manifestou ainda o que havemos de ser. O que sabemos é que, quando Ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele, porque o veremos tal como Ele é» (1 Jo 3,2).

Na verdade, o estado de graça em que o Homem habita e a graça que habita nele, é já uma experiência de glória, como nos recorda Ruiz de la Peña: «esta vida de graça é pura e simplesmente, a vida, ou a vida eterna, embora aguardado ainda a consumação final para a qual tende a nossa esperança. Não existe duas vidas, esta e a outra, há somente uma única vida que se vive de duas maneiras: no tempo e na eternidade; na graça e na glória.»¹²⁰ Assim, este carácter unitário e progressivo da graça permite-nos perceber que, na vida, o ser humano experimenta o crescimento da graça, na dinâmica de um dom que caminha para um cumprimento.¹²¹

Para Ruiz de la Peña, o crescimento da graça na vida pessoal mede-se, de certa maneira, pelas boas obras que a pessoa realiza; são elas que manifestam de forma visível uma vida nova, fruto da graça e da humilde resposta pessoal à graça que o Espírito Santo infundiu no coração do ser humano; uma expansão da vida de Cristo no ser humano justificado, isto é, o crescimento da graça é expressão do resultado da cristificação na vida do ser humano.¹²² Assim, as boas obras participam da dignidade da graça pela qual, homens e mulheres, foram convertidos e feitos filhas e filhos adotivos de Deus e da sua contribuição pessoal à mesma graça.¹²³

¹¹⁹ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 389; Ruiz de la Peña a propósito do crescimento na vida de filiação até a sua consumação, está a citar autores como Luis Ladaria, *Teología del pecado original Y de la gracia*, 418-420; Otto Pesch, *Liberi per la Grazia*, 404-410; Pieter Fransen «*El ser nuevo del hombre en Cristo*», en *MystSal IV/2*, 907-909; Johan Auer, *El Evangelio de la gracia*, Barcelona, 1975, 163-165; Giani Colzani, *Antropologia teologica*, Bolonha, 1988, 321-329.

¹²⁰ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 390; Ruiz de la Peña escreve ainda que a substancial identidade entre graça e glória tem o seu ponto central na comunhão que se dá Cristo, isto é, ser com Cristo implica ver a Deus, e ver a Deus é ser com Cristo.

¹²¹ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 391; Maurizio Flick; Zoltan Alszechy, *Antropologia teológica*, 527.

¹²² Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 391.

¹²³ Cf. Maurizio Flick; Zoltan Alszechy, *Antropologia teológica*, 539.

Além das boas obras, sinal que manifesta o crescimento da graça, Ruiz de la Peña, acrescenta também a oração:

Além das boas obras, existe outro fator de crescimento da graça que não deve ser esquecido; se trata da oração. Se, como vimos repetidamente, a graça é uma realidade dialógica, resultante de uma dialética do tipo eu-tu, de uma troca entre vontades pessoais, ela crescerá na medida em que essa relação interpessoal for fortalecida e aprofundada. Uma relação deste tipo exige sempre, pela sua própria natureza, um cultivo assíduo, uma urgência permanente; caso contrário, arrefece, enfraquece e morre. A oração é a forma de expressão comunicativa entre o homem e Deus. Em nenhum caso pode desaparecer [a oração] sem que isso signifique, de facto, uma rutura afetiva da relação teologal, que implicará inexoravelmente uma rutura efetiva.¹²⁴

Por fim, Ruiz de la Peña afirma que a nossa esperança escatológica funda-se ainda num sentido meritório inerente à própria graça.¹²⁵ Para Ruiz de la Peña, o amor e a bondade que Deus semeou no coração do ser humano pelo Espírito Santo é uma realidade definitiva, não transitória, porque este amor cresce em maturidade durante a experiência humana no desenrolar da história pessoal, até à vida eterna: «nada do que é bom no ser humano é transitório; tudo o que é bom é definitivo».¹²⁶ Ruiz de la Peña adverte que o mérito do ser humano não é reconhecido através da sua ação desenvolvida na história, mas a partir da bondade de Deus de quem toda a boa obra procede: «é o próprio Deus que torna o ser humano meritório».¹²⁷ Os frutos da sua graça surgem quando o ser humano justificado se compromete a crescer na sua filiação divina. Assim, tal como a vida de Jesus, na terra, estava totalmente orientada para a glorificação do Pai, assim, aqueles que em Jesus receberam o Espírito Santo, caminham progressivamente para a glorificação plena de vida na comunhão definitiva com o Pai. É este, portanto, o sentido da esperança que anima a fé do ser humano, sustenta a sua perseverança na fidelidade e impulsiona a sua caridade.

d) Dimensão pneumatológica: o gozo do Espírito

Para Ruiz de la Peña, a graça como participação filial em Deus por meio de Cristo, no dom de Si mesmo como Filho único de Deus acontece graças ao Espírito, porque, escreve o nosso autor: «com a sua ressurreição, Cristo foi “constituído Filho de Deus com poder, segundo o Espírito de santidade” (Rm 1,4); além disso, Cristo ressuscitado é Ele próprio “espírito

¹²⁴ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 392-392.

¹²⁵ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 392.

¹²⁶ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 393.

¹²⁷ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 393.

vivificante” (1Cor 15,45), ou seja, “Cristo”, torna-se o dador do Espírito àqueles que acreditam n’Ele (cf. Lc 24,49; Jo 16,7)». ¹²⁸

O Espírito Santo, diz Ruiz de la Peña, é o Espírito de Jesus Cristo (cf. Fl 1, 19). É o Espírito do Senhor que faz o ser humano renascer e o habilita a dirigir-se a Deus como “Abbá”. É ainda Aquele ser divino que dinamiza de modo permanente e estável a vida nova do ser humano, guiando-o no seu crescimento espiritual progressivo. ¹²⁹ É por esta razão, afirma Ruiz de la Peña, a inabitação trinitária tem sido comumente “apropriada” pela terceira pessoa da Trindade: Nós cristãos, filhos de Deus, somos templos do Espírito Santo, porque Ele habita realmente em nós (cf. Rm 8, 9.11; 1 Cor 3,16) de maneira afetiva e efetiva, dado que a presença do Espírito dá ao ser humano frutos de alegria e paz que resultam do amor de Deus derramado sobre ele, o tal amor gratuito e permanente, infundido de maneira definitiva em Jesus Cristo, e que cresce pela força, pela presença e pela ação do Espírito Santo. ¹³⁰

Com efeito, se o amor que o ser humano recebe do Pai, lhe foi dado pelo Filho para com Ele participar da filiação divina conforme à sua imagem, desse modo, escreve Ruiz de la Peña, a sua existência de conformação com Cristo é essencialmente uma existência pneumática: é uma experiência de ressuscitado, experiência que lhe permite vivenciar o profundo sentimento de gozo e de paz interior. Isto significa que a experiência da graça que acontece no Espírito é uma experiência de felicidade. ¹³¹ O gozo do Espírito, na posse da vida nova do reino em andamento, não se contrapõe ao gozo do Espírito que o ser humano há de viver na consumação do reino, na eternidade de Deus. Por esta razão, Ruiz de la Peña reconhece o vínculo existente entre felicidade e salvação, porque a felicidade do ser humano começa já nesta vida e se consuma na eternidade, pois é a mesma efusão do Espírito que tem a missão de transmitir, de elevar o ser humano à vida de Deus e de o fazer experimentar de maneira contínua as riquezas do Reino. ¹³²

Ruiz de la Peña ao abordar a felicidade, resultado gozoso do Espírito, não está a referir-se à felicidade como a entende o mundo de hoje, isto é, como um acumulado de experiências de prazer que confunde a “boa vida” como único critério válido de uma “vida boa”. Ruiz de la Peña escreve que a felicidade cristã não está desvinculada da cruz, porque seguir Jesus implica negar-se a si mesmo e tomar a própria cruz (cf. Mt 16,24) na certeza de que nada, neste mundo, pode separar o ser humano do amor de Deus tal como se manifestou em Cristo (cf. Rm 8,39). A

¹²⁸ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 402.

¹²⁹ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 402.

¹³⁰ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 403.

¹³¹ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 403.

¹³² Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 405.

partir desta certeza o ser humano vive os momentos de dor e sofrimento como experiência do dia da paixão que aponta para o domingo de Páscoa, experiência de uma alegria que já não tem fim.¹³³

Tendo refletido sobre as dimensões da graça, podemos afirmar que elas são o resultado da experiência real com Deus, fundamentadas como estão no amor divino quando acolhido e vivido no quotidiano da existência filial, durante a qual a graça e a liberdade se conseguem harmonizar, favorecendo o encontro entre o divino e humano na pessoa de Jesus Cristo. Na verdade, as dimensões da graça possibilitam o ser humano viver como filho adotivo de Deus, em conformidade com a experiência terrena do Seu Filho Unigénito.

Depois deste aprofundamento, pode-se concluir que em Ruiz de la Peña a graça da filiação divina dá-se pela autodoação de Deus na encarnação do Filho, Jesus. Jesus, Filho Deus, para realizar o desígnio do Pai entregou a sua vida até a morte de cruz para a redenção do pecado. Jesus, Filho de Deus, ressuscitado pelo Pai, entrou na sua glória e comunicou o seu Espírito, o Espírito de Cristo ressuscitado que garante a participação do ser humano no ser próprio de Deus, pela comunhão na existência pessoal do Filho. Tal comunhão na existência pessoal do Filho possibilita ao ser humano uma filiação por participação, que o dispõe a dirigir-se a Deus invocando-o por Pai e a agir em tudo como Cristo, especialmente no horizonte da fraternidade e da caridade, reconhecendo todos os seres humanos como seus irmãos.

É neste horizonte da filiação divina que se dá pela comunicação de Deus em Jesus Cristo; da remissão do pecado e da fraternidade em Deus Pai que se procurará desenvolver a seguir, no segundo capítulo, com Luis Ladaria.

¹³³ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 406.

CAPÍTULO 2

A GRAÇA COMO REMISSÃO DO PECADO E COMO FILIAÇÃO DIVINA EM LUIS LADARIA

Neste segundo capítulo, vamos procurar apresentar e aprofundar em Luis Ladaria a oferta radical do dom divino que teve lugar na pessoa de Cristo, a graça em pessoa, onde se demarcam os dois recomeços da história do Homem: a salvação devida ao seu pecado e da morte; a nova possibilidade de se ser Homem, dentro do horizonte da filiação divina e na fraternidade em relação aos outros seres humanos.

Assim, o nosso objetivo, com este capítulo, é o de compreendermos, a partir de Luis Ladaria, o destino do Homem na plena configuração com Cristo e a participação na sua filiação divina:

Todo homem é Cristo porque Jesus é a luz verdadeira que ilumina todo o homem ao vir ao mundo (cf. Jo 1,9); porque nenhum ser humano tem outro destino que não seja a plena configuração com Jesus na participação da sua filiação divina; porque todo homem, desde o começo foi criado à imagem de Deus (cf. Gén 1,26 ss), foi chamado a levar a imagem do homem celeste, Jesus ressuscitado (cf. 1 Cor 15,49); porque Jesus, o homem perfeito, revela ao próprio homem o seu mistério e a sublimidade da sua vocação (cf. Vaticano II, GS 22).¹³⁴

2.1 O PECADO ORIGINAL COMO RUTURA DA MEDIAÇÃO DA GRAÇA DE CRISTO

Em Luis Ladaria encontramos patente a ideia da criação em Cristo que ajuda a compreender a realidade do pecado no horizonte da graça: «só porque foi criado na graça é que o homem pode ser pecador».¹³⁵ Para Luis Ladaria, o ser humano foi chamado desde o início da sua existência à comunhão com Deus, razão pela qual a primeira palavra de Deus sobre o ser humano é a oferta do seu amor e da sua graça.¹³⁶ Para Luis Ladaria, a oferta inicial de graça já foi sob a mediação de Cristo: «não sabemos da existência de nenhuma graça que não esteja mediada por Cristo, que não derive da sua encarnação, morte e ressurreição»,¹³⁷ porque em

¹³⁴ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, BAC, Madrid, 1993, XIV; esta é uma citação tirada das páginas introdutórias com numeração romana.

¹³⁵ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, XIV.

¹³⁶ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 41.

¹³⁷ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 42; a propósito da oferta da graça inicial ser graça de Cristo, Luis Ladaria está a citar autores como: González Faus, *Proyecto de hermano. Visión creyente del hombre*, Santander, 1987, 113; Ruiz de la Peña, *El don de Dios. Antropología teológica especial*, Santander, 1991, 163.

Cristo, diz Luis Ladaria, se realiza o desígnio de Deus pensado desde a criação do mundo, de modo que a criação tem como finalidade a comunicação da vida de Deus ao ser humano.¹³⁸

A partir da perspectiva da criação em Cristo, Luis Ladaria entende o pecado original como ruptura com a graça, negação da oferta inicial da amizade e da graça que Deus tinha oferecido ao ser humano, como princípios que orientariam a sua relação com Deus, a qual devia ter sido acolhida na liberdade. Na ausência deste acolhimento e na recusa desta oferta de amizade, as relações entre Deus e o ser humano conheceram uma ruptura e, naturalmente, um distanciamento, dando, deste modo, origem à situação de pecado que pôs termo à realidade harmónica que teria existido (não sabemos que historicamente existiu ...) entre Deus e o Homem.¹³⁹

Luis Ladaria afirma que a desobediência ao mandato divino, um ato de liberdade humana, deixou o homem e a mulher numa situação de nudez, isto é, totalmente desprotegidos e sem autoridade.¹⁴⁰ As consequências do primeiro pecado são de ordem interna, já que afetaram o homem e a mulher na sua relação direta com Deus. A expulsão do paraíso (cf. Gn 3,23), segundo Luis Ladaria, foi o limiar da situação de ruptura uma vez que o paraíso, entendido como o lugar da morada de Deus, era o estado em que o ser humano gozava da amizade e da harmonia com Deus e com o mundo:

O pecado, com a consequente expulsão do paraíso, traz consigo uma nova situação objetiva, irreparável do ponto de vista do homem. Não só o homem e a mulher se encontram nesta situação, mas também os filhos nascem no mundo nesta nova situação (cf. Gén 3,15.21). Com efeito, após o primeiro pecado, com a consequente perda dos bens do paraíso, continua a história do pecado e da morte. Em Gén 4, 8 temos o pecado de Caín contra seu irmão Abel ao qual dá-lhe a morte. O pecado contra Deus traz consigo o pecado contra o homem; as duas dimensões estão unidas.¹⁴¹

Este poder do pecado e da morte que dominam a vida de qualquer ser humano, segundo Luis Ladaria, é um poder não mediado pela graça de Cristo, mas pelas forças do mal às quais o ser humano, livremente, decidiu alienar-se. Afirma Luis Ladaria : «o pecado universal, que afeta todos os homens, não é fruto nem do destino, nem da realidade que vem de Deus, pois tem a sua razão histórica no pecado de infidelidade a Deus por parte do homem, desobedecendo ao mandato divino e rejeitando a amizade que Deus lhe tinha oferecido».¹⁴² Luis Ladaria afirma ainda que a situação resultante das consequências do primeiro pecado e que se universaliza nos

¹³⁸ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 42.

¹³⁹ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 58.

¹⁴⁰ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 62.

¹⁴¹ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 62.

¹⁴² Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 66.

pecados pessoais de cada ser humano, está em contradição com o que o ser humano é chamado a realizar, enquanto ser criado à imagem de Deus.¹⁴³

Segundo Luis Ladaria a rutura interior no ser humano, causada pelo pecado e pela morte, alcança a sua redenção na salvação operada por Cristo; é Ele quem manifesta a justiça de Deus e realiza de forma gratuita a ação redentora do ser humano: «a humanidade e o mundo são destinatários da reconciliação que Deus realiza com a mediação de Cristo».¹⁴⁴ Deste modo, a redenção em Cristo é a resposta amorosa de Deus a uma Humanidade pecadora: o ser humano só pode ver-se livre da sua lamentável situação através de Cristo.¹⁴⁵

Luis Ladaria desenvolve a redenção da situação universal de pecado, exposta na Carta de S. Paulo aos Romanos, a partir do capítulo 5; afirma-se aqui que o ser humano justificado passa a encontrar-se na condição de graça: goza da paz de Deus, graças à morte de Cristo que reconciliou o Homem com Deus, libertando-o da sua antiga condição de pecado.¹⁴⁶ Segundo Luis Ladaria, a justificação que acontece mediante a superação da figura de Adão pela figura de Cristo, ou seja, mediante a substituição da condição de pecado e de morte pela condição de redenção e salvação, tema que vem desenvolvido em Rm 5, 12-20: neste texto, não se fala apenas do pecado de Adão como causa da morte, fala-se também dos pecados ratificados como consequências do primeiro pecado: «a força do pecado, manifestada na morte, tem como consequência as decisões pessoais pecaminosas de todos os homens, embora estas não possam desvincular-se da história o pecado do primeiro homem que as precede».¹⁴⁷

Segundo Luis Ladaria é em Rm 5, 15-20 que se comparam, em modo de superação, mas sem paralelismo estrito, as figuras de Adão e de Cristo:

A graça de Deus é mais forte que o pecado, e pela obra de um só homem, Jesus, abundará sobre os homens «muito mais» do que a morte que reina sobre todos pela transgressão de um só (v.15). O julgamento parte de um só para a condenação, mas a graça, partindo de muitas transgressões (tensão entre o pecado de Adão e de todos os homens), termina na justificação (v.16). O equilíbrio entre os dois polos volta a romper no v.17 a favor de Cristo: se a morte reinou por causa da transgressão de um só, «muito mais reinarão na vida aqueles que receberem a abundância da graça e do dom da justiça, unicamente por Jesus Cristo».¹⁴⁸

A partir do paralelismo entre Adão e Cristo, Luis Ladaria defende que é «à luz da salvação de Jesus que se revela a verdadeira situação da humanidade antes ou fora de Cristo; o destino comum, na solidariedade da perdição e no mal, contrapõe-se à definitiva solidariedade na salvação em Jesus».¹⁴⁹ Desta forma, Cristo não redime somente os pecados pessoais dos

¹⁴³ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 69.

¹⁴⁴ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 69.

¹⁴⁵ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 71.

¹⁴⁶ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 71.

¹⁴⁷ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 73.

¹⁴⁸ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 76.

¹⁴⁹ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 77.

seres humanos, mas livra-os também da tendência para o pecado que se impõe à sua liberdade; por outras palavras, Cristo arranca o ser humano do mundo do pecado e introdu-lo no horizonte da salvação que Ele oferece em Si e na sua Igreja.¹⁵⁰

Portanto, para Luis Ladaria a situação universal de rutura com Deus e consigo mesmo, isto é, de divisão interior devida à interrupção da mediação da graça e antecedida pelo pecado de Adão, afeta a Humanidade inteira. O ser humano vê-se liberto de tal situação somente pelos méritos de Cristo que veio manifestar ao ser humano o amor gratuito e a justiça de Deus, ao operar a sua redenção.¹⁵¹ É por esta razão que em Adão e em Cristo se realizam os dois começos da Humanidade, embora com desígnios distintos: em Adão, para a perdição e morte, e em Cristo, para a redenção do pecado e vida eterna.

Contudo, afirma ainda Luis Ladaria que a ação redentora de Cristo, como abertura ao estado de graça, é um ato da manifestação do amor de Deus para com o ser humano, no sentido de que a ação redentora de Jesus é uma ação descendente, prévia à ação humana, pelo que é uma redenção que se tem de acolher na fé e de se manifestar na submissão e na obediência ao amor gratuito de Deus: «a justificação do homem pela fé é gratuita porque fundamenta-se na ação realizada por Cristo, e não na ação realizada pelo homem».¹⁵² Pela ação redentora de Cristo, o ser humano passa a existir na força da graça, já que tem as condições de viver uma relação de paz e de harmonia com Deus (cf. Rm 5,1-5).

2.2 A GRAÇA COMO JUSTIFICAÇÃO E REMISSÃO DO PECADO

Luis Ladaria entende a graça como a manifestação do amor de Deus ao ser humano, isto é, manifestação da sua fidelidade, da sua misericórdia e do seu perdão. Esta manifestação graciosa, para o nosso autor, é nada mais, nada menos que a realização do desígnio salvífico de Deus como dom gratuito de Deus ao ser humano chamado à comunhão com Deus em seu Filho. Para Luis Ladaria, a infidelidade do ser humano ao amor de Deus e conseqüentemente o seu pecado, encontram a sua redenção em Jesus que é cabeça da Humanidade e fundamento último da criação: «não só torna possível a vocação sobrenatural do homem, mas pressupondo-a e a resposta negativa da humanidade, salva-nos do pecado».¹⁵³

¹⁵⁰ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 77.

¹⁵¹ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 71.

¹⁵² Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 71.

¹⁵³ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 183.

Luis Ladaria desenvolve a dimensão redentora da graça (justificação) a partir dos dados bíblicos do Antigo e do Novo Testamento e também a partir dos documentos da tradição da Igreja (Reforma protestante e o Concílio de Trento), visto que nestes se encontram afirmados o peso do pecado na história do ser humano e também, acima de tudo, a grande relevância da vida e a ação de Jesus como aquele que perdoa os pecados da Humanidade e a justifica.

2.2.1 *A justificação de Deus no Antigo Testamento*

Para Luis Ladaria, a justificação de Deus no Antigo Testamento manifesta-se no agir de Deus, na sua relação com o povo, dentro dos limites da aliança. A justiça de Deus expressa-se nos favores que Deus concede ao povo; tais favores são uma forma de manifestação salvífica, porque são a manifestação da bondade de Deus que acode para salvar o ser humano, levando-o a executar a Sua vontade. Esta é acima de tudo, para Luis Ladaria, uma expressão da fidelidade de Deus às promessas que se realizam à medida que Ele caminha com o seu povo: «nos seus dias, Judá será salvo e Israel viverá em segurança...» (Jr 23,6); «A minha vitória aproxima-se, já aparece a minha salvação. Os meus braços julgarão os povos; as ilhas confiam em mim e aguardam o poder do meu braço». (Is 51,5).¹⁵⁴

Luis Ladaria apresenta, de maneira crescente, a consciência de Israel no que toca à justiça de Deus. Para além deste fundamento da justiça de Deus entendida como o Seu agir benevolente para com o povo, o nosso autor começa por apresentar uma visão jurídica da noção de justiça como pacto bilateral entre Deus e o Homem: Deus retribui com justiça as boas obras dos seres humanos (cf. Sir 2,8; 3,14ss). Segundo o nosso autor, esta visão tem uma desvantagem: diminui ou até mesmo anula a iniciativa divina, no sentido que enfraquece a conceção de unilateralidade da graça que é anterior a toda e qualquer resposta humana. Assim sendo, a salvação já não seria a manifestação da justiça e da misericórdia de Deus, mas a recompensa devida às obras que o ser humano realiza. Deparamos, ainda em Luis Ladaria com aquela visão de justiça que procura integrar os dois polos: de um lado, a iniciativa divina e a justificação como salvação e, do outro, a justiça encarada como retribuição à ação do justo. Nesta perspetiva, segundo Luis Ladaria, a justiça é a força de Deus que dá vida ao justo e trata com misericórdia os pecadores. Outra conceção de justiça que Luis Ladaria apresenta vem da Comunidade de Qumrân para a qual a justiça de Deus tem a ver com a ação salvadora de Deus em prol da comunidade, cujos membros ela introduz na aliança. É uma justiça que pertence a

¹⁵⁴ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 187.

Deus e não ao ser humano, de modo que a justiça do ser humano é sempre derivada da justiça de Deus. A terceira e última perspectiva que apresenta o nosso autor é a visão rabínica da justiça. Nesta, diz Luis Ladaria que se radicalizam as obras do justo e o reconhecimento de Deus, quando o ser humano, pela sua força moral, cumpre as obras da lei. Esta visão deixa entender que a justiça resulta da ação do ser humano que, no entanto, supõe a confiança na misericórdia divina, visto que o agir do justo nem sempre é seguro e permanente. A confiança em Deus é a última garantia do ser humano.¹⁵⁵

Portanto, a justiça de Deus, no Antigo Testamento, manifesta-se pelo agir próprio de Deus, isto é, pela manifestação da sua graça; a justiça do Homem é sempre consequência desta justiça de Deus que, gratuitamente, elege e transforma os injustos em justos. Esta perspectiva veterotestamentária de justiça divina como passagem de um estado de injustiça para o de justiça, conhecerá o seu cumprimento em Cristo, como sublinha Otto Pesch: «A salvação que vem do Messias será sempre uma vitória de Deus perante da traição do povo; a fidelidade e o perdão de Deus triunfam sobre a infidelidade humana e apesar das nossas culpas».¹⁵⁶

2.2.2 *A justiça de Deus no Novo Testamento*

Para Luis Ladaria, a justiça de Deus apresenta-se no Novo Testamento como uma propriedade divina: é o modo de atuar de Deus que manifesta a Sua salvação em Jesus Cristo e uma qualidade do ser humano que se adquire pela ação de Jesus que realiza a iniciativa salvífica do Pai.¹⁵⁷

Segundo Luis Ladaria, no Evangelho de Mateus, a justiça de Deus identifica-se com a realidade do Reino de Deus; este manifesta-se pela ação e pela mensagem de Jesus. Luis Ladaria sublinha que, fora das cartas paulinas, a ideia de justiça é entendida como posse dos bens do Reino por parte do ser humano: «Procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça ...» (Mt 6,33); esta perspectiva identifica-a também Paulo com a salvação: a razão de ser da intervenção de Deus é a de dar a vida aos pecadores (cf. 2 Cor 5, 21). Por isso, Jesus é para o ser humano «sabedoria, justiça, santificação e redenção» (1 Cor 1,30). Só por esta razão, afirma Luis

¹⁵⁵ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 188; sobre o conceito bíblico de justiça no Antigo Testamento, Luis Ladaria cita autores como: Von Rand, *Teología del Antiguo Testamento I*, Salamanca, 1969, 468; Edward Schillebeeckx, *Christus und die Christen. Die Geschichte einer neuen Lebenspraxis*, Freiburg, 1974, 133-134.

¹⁵⁶ Otto Hermann Pesch, *Liber per Grazia: Antropologia Teologica*, Queriniana, Brescia, 1988, 89; Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 186: «a justificação do ser humano aparece na Bíblia, em Paulo especialmente, como consequência da manifestação da justiça de Deus em Jesus» (Rm 1,17; 3,21).

¹⁵⁷ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 189.

Ladaria, é que a justiça de Deus se torna uma qualidade do Homem: «a justiça de Deus se converte numa qualidade do homem, pois, é claro, só podemos adquiri-la por obra de Jesus, que, por iniciativa salvífica do Pai, fez-se pecado por nós». ¹⁵⁸

Luis Ladaria afirma que é pelo reconhecimento da mediação de Cristo, mediante a fé, que os seres humanos são justificados, uma vez que o ato redentor realizado por Jesus colocou o homem e a mulher numa situação objetiva de graça em absoluto contrária à situação de pecado. Segundo Luis Ladaria, para Paulo, a justiça de Deus é a revelação do amor de Deus em Jesus, expressão suprema da fidelidade à promessa salvadora do Pai e apropriação, por parte do ser humano, da salvação e da justificação que acontecem pela fé (cf. Rm 1,17). ¹⁵⁹ Por outras palavras, podemos afirmar que a justificação é fruto da graça que acontece no ser humano pela sua adesão a Cristo por meio da fé, ou ainda, pela adesão pessoal a Cristo e ao seu Evangelho.

Para Luis Ladaria, a justificação pela fé consiste essencialmente em colocar Jesus como fundamento da própria vida e como único garante da própria salvação (cf. Rm 3,21-26); isto é, só em Jesus se dá a justiça salvadora de Deus. Portanto, segundo Luis Ladaria, fundamentar a salvação na fé em Jesus Cristo não significa de nenhum modo aniquilar o agir humano segundo as obras da lei; significa apenas que se retira o valor salvífico das obras da lei, dado que a primazia absoluta está em Cristo, na sua salvação.

A propósito disso escreve Luis Ladaria:

Ninguém pode ser chamado justo pelas suas obras. Mas a justiça de Deus revela-se em Jesus Cristo, em quem a fidelidade divina à aliança com os homens se revela até ao fim. Em Jesus, esta justiça divina aparece na sua dimensão de perdão e misericórdia, superando o pecado do homem. Se este pecado é universal, a revelação da justiça de Deus terá de atingir também a todos e manifestar-se-á na justificação do pecador. A revelação da justiça de Deus e a justificação do homem estão em íntima relação. ¹⁶⁰

Luis Ladaria afirma ainda que com a ação justificadora de Cristo, a obra do ser humano, com total dependência a Deus, consistirá em acolher, pela fé, a salvação que Jesus oferece:

A fé é o meio pelo qual o homem se coloca na nova situação de «justificado». Pela fé se conhece a revelação da justiça de Deus, se aceita a mensagem cristã, e, inseparavelmente, com a fé o homem fia-se completamente em Deus, renuncia fundar-se em si mesmo, em querer alcançar a salvação pelas suas próprias forças. A justiça de Deus tem que ver com o seu poder salvador. É incompatível com o reconhecimento deste a tentativa de querer salvar-se a si mesmo. ¹⁶¹

Como vemos, para Luis Ladaria, a justificação de Deus, por sua própria natureza, necessita de uma liberdade humana para que a adesão ao estado da graça ou a vida de Cristo seja um ato consciente e implique a inteira vida do ser humano: « a fé é uma entrega total a

¹⁵⁸ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 189.

¹⁵⁹ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 190.

¹⁶⁰ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 193.

¹⁶¹ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 194.

Deus por meio de Jesus; é uma opção humana que terá de se manifestar em todos os aspectos da sua vida, razão pela qual, a fé atua na caridade» (cf. Gl 5,6; Rm 8,10).¹⁶² Mas Luis Ladaria adverte que a fé como ato livre está dependente de Deus, porque se a justificação procede de Deus, também a justificação pela fé deverá proceder de Deus, isto é, a fé não é uma obra do ser humano, não é um princípio humano que se justapõe ao dom divino da graça. Tanto a fé como a graça procedem unicamente de Deus, de modo que toda a salvação procede exclusivamente de Deus.¹⁶³

Luis Ladaria esclarece com precisão o que se acabou de afirmar da seguinte forma:

A justificação pela fé e a justificação gratuita são dois aspectos inseparáveis da mesma realidade: aquele que acredita em Deus e não quer afirmar-se (autossalvar-se) recebe a justificação como um dom. A fé é precisamente o reconhecimento do dom gratuito da salvação em Cristo; é a atitude do homem que deixa espaço ao amor divino.¹⁶⁴

Nos dois tópicos a seguir, iremos expor as duas perspectivas basilares histórico-teológicas que Luis Ladaria apresenta como consequências da justificação no Homem, segundo as perspectivas da Reforma e do Concílio de Trento, a fim de nos apercebermos melhor das transformações que ocorrem no ser humano justificado.

2.2.3 *A conceção da justificação na Reforma protestante com Lutero*

Luis Ladaria começa por dizer que a justificação pela fé, segundo Lutero, parte da distinção entre “lei” e “evangelho”; a exclusividade da fé, na teologia de Lutero consiste na superação da lei em prol da centralidade do Evangelho.¹⁶⁵ Luis Ladaria afirma que Lutero, seguindo o pensamento de São Paulo, entende que:

A lei é a expressão da vontade de Deus sobre o homem, dado que este pecou, o seu cumprimento perfeito é impossível; os mandamentos dizem o que se tem de fazer, mas não lhe oferecem forças para o realizar. Por esta razão, a lei acusa constantemente o homem pela transgressão de normas impossíveis de se cumprir. O significado deste imperativo impossível de obedecer é revelado pelo «evangelho», que é a libertação de toda a acusação e castigo pelo pecado. Enquanto a lei nos diz «fazei o que deveis», o Evangelho anuncia «os teus pecados te são perdoados». Com o Evangelho, a função acusadora da lei desaparece e, ao mesmo tempo, a lei deixa de ter qualquer valor justificativo.¹⁶⁶

¹⁶² Luis Ladaria afirma que em Paulo não existe contraposição entre fé e obra, porque a resposta positiva a Deus e a aceitação da sua obra em nós, implica uma vivência consequente, por isso, diz Luis Ladaria: «se as obras não são consequências da fé que se professa, se revela que esta fé não é autêntica» (Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 197).

¹⁶³ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 195.

¹⁶⁴ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 196.

¹⁶⁵ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 200.

¹⁶⁶ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 200-201; Luis Ladaria está a citar Martinho Lutero, *Von der Freiheit eines Christenmenschen*, 8(WA 7,23); Otto Pesch, *Die Theologie der Rechtfertigung bei Martin Luther und Thomas von Aquin*, Mainz, 1968,51.

Segundo Luis Ladaria com Cristo e pelo seu Evangelho, a lei perde a sua ação justificadora; embora ela se mantenha como Palavra de Deus, encontra em Jesus e no seu Evangelho o seu pleno cumprimento. O ser humano passa de uma condição de desespero, derivada da incapacidade de cumprir os mandamentos, para uma situação de redenção que lhe advém da graça de Cristo. Daqui, segundo Luis Ladaria, depreendem-se os dois pressupostos que acompanham a posição de Lutero sobre a justificação: primeiro, a impossibilidade de o ser humano se justificar por si mesmo através das suas obras; segundo, a realidade da fé como única garantia de alcançar a justificação como dom da graça de Deus. Assim, «a Lei e o Evangelho, nas suas mútuas implicações, são a única palavra de Deus que possui dupla eficácia: a condenação para quem quer autojustificar-se e a salvação para quem crê em Jesus».¹⁶⁷

Luis Ladaria comenta a doutrina da justificação segundo Lutero partindo de alguns rasgos sobre o pecado original e afirma que este surgiu do desejo de o ser humano querer buscar a sua realização fora de Deus. Confiando nas forças da sua natureza, caiu no pecado que não é outra coisa senão resistência à vontade de Deus. A raiz do pecado, na perspectiva de Lutero, afirma Luis Ladaria: «consiste na falta de fé que se revela pela ingratidão, pelo egoísmo e pelo orgulho».¹⁶⁸ Luis Ladaria sublinha ainda que o ser humano encontra-se numa rutura causada pelo pecado que Lutero definiu como corrupção de natureza:

Parece que esta corrupção deve ser interpretada no sentido da impossibilidade de amar a Deus; o homem, fechado em si mesmo, quer encontrar o fundamento do seu ser em si, em vez de o procurar em Deus. Este é o sentido profundo da corrupção da natureza; não é que o homem não possa usar as suas faculdades naturais enquanto tais, mas que o seu ser não é o que deveria ser enquanto existir uma rutura na relação com Deus. O homem será um pecador enquanto não estiver na esfera do Evangelho.¹⁶⁹

Perante tal incapacidade com origem no pecado, afirma Luis Ladaria que a salvação do ser humano, segundo Lutero, só acontece quando este reconhece a graça de Deus e se confia pela fé em Jesus Cristo como o único que o pode libertar do peso do seu pecado. Assim, a redenção em e por Cristo contrapõe-se à redenção pelas obras. É só pela paixão, morte e ressurreição de Jesus que o ser humano se liberta dos poderes que o oprimem, isto é, da lei do pecado, da morte e do diabo. Luis Ladaria afirma que a reconciliação que acontece em Jesus, segundo Lutero, é pura graça de Deus e afeta todos os homens e mulheres:

Cristo sofre a morte pelos pecadores, sendo o único a cumprir a lei na sua totalidade, e cumpriu-a por nós; rompeu com a maldição da lei, e transformou a ira de Deus em graça e salvação. Jesus morreu a morte do pecador, no afastamento de Deus, sem o merecer, pois n'Ele não havia pecado; não tinha de suportar a ira de Deus sobre Si. Mas a ira de Deus foi desarmada porque, no seu abandono, Jesus continuou a amar Deus. A ira de Deus já não se desencadeia sobre nós, porque a todos afeta a reconciliação em Jesus.¹⁷⁰

¹⁶⁷ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 201.

¹⁶⁸ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 202.

¹⁶⁹ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 202.

¹⁷⁰ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 203.

Luis Ladaria afirma que em Lutero a reconciliação que Jesus opera acontece fora do ser humano, pois é Jesus quem realiza uma ação salvífica em benefício da humanidade, para que estes possam fazer parte, de forma subjetiva, deste estado de justiça operado por Cristo; uma só coisa é necessária: a fé. Só esta é que dispõe o ser humano a apropriar-se dos méritos de Cristo, só ela transforma os pecados do ser humano em justiça e o torna participante da sua própria vida: crer em Cristo é fazer-se um com Ele, é viver imerso n'Ele.¹⁷¹ Cristo é o sujeito da salvação do ser humano, pois é Cristo quem sofre e morre por ele, tomando sobre Si a sua culpa, assumindo o pleno cumprimento da lei no amor e na obediência ao Pai; Ele, além de ser o objeto da salvação, suscita a fé nos homens e mulheres e coloca-os em comunhão consigo. Deste modo, toda a primazia da salvação está em Cristo Jesus; Ele é o justo que justifica os seres humanos seus irmãos e, por sua vez, estes tornam-se justos quando reconhecem, pela fé, a ação de Deus que os justifica em Cristo. Com efeito, afirma Luis Ladaria, é «em virtude da fé que se pode receber a justificação, realizada na cruz, e nos é revelado o amor de Deus por nós».¹⁷²

Com este reconhecimento pela fé da ação salvífica de Deus, o ser humano passa a existir de modo novo perante Deus, ao tornar-se um novo ser, uma nova criação; opera-se no Homem um novo nascimento (cf. Gl 6,15; 2 Cor 5,17), E, assim, Deus já não leva em conta os pecados da humanidade e, por isso, não lho castiga; Deus não leva em conta a miséria do Homem, porque lhe oferece o seu perdão ao imputar-lhe a Sua justiça. Contudo, Luis Ladaria afirma que na perspectiva de Lutero, a reconciliação acontece fora do ser humano, isto é, não é devida a um mérito próprio:

Toda a justiça do homem é, portanto, «alheia» a si, pois é somente a justiça de Deus que justifica o pecador. Esta justiça divina só tem entidade na medida em que é considerada em relação ao homem e na medida em que este, por sua vez, reconhece o ato de Deus que o justifica. Lutero fala de *iustitia Dei passiva*, ou seja, aquela justiça pela qual o homem é tornado justo pela fé. O homem recebe a justificação de Deus, mas ao mesmo tempo, no reconhecimento dos nossos pecados, Deus é também «justificado» por nós, que reconhecemos a sua justiça.¹⁷³

Para Lutero, escreve Luis Ladaria, o ser humano continua pecador, porque para ele, a justificação é um acontecimento contínuo, isto é, o ser humano necessita de um perdão contínuo de Deus. Isto significa que a justiça, para Lutero, afirma Luis Ladaria, é uma qualidade externa ao ser humano, uma vez que o Homem, não sendo justo em si mesmo, é feito justo, ou melhor, é declarado inocente e justo por Deus, isto é, o ser humano é colocado numa nova relação com Deus, de modo que tal declaração de justiça é o que define a verdade do Homem perante Deus, como ser justo.¹⁷⁴ Deste modo, a nova relação entre Deus e o Homem é vivida mediante a graça

¹⁷¹ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 203.

¹⁷² Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 203-204.

¹⁷³ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 204.

¹⁷⁴ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 205.

que desqualifica qualquer pretensão de mérito ou de cooperação humana na própria salvação, porque a única justiça que torna o ser humano justo é a justiça de Jesus Cristo; o ser humano passa a usufruir duma justiça passiva: Deus faz tudo pelo Homem e este corresponde apenas com o ato de fé, o qual, por sua vez, não é obra do ser humano, mas de Jesus e do Espírito Santo; são estes que, pela Palavra de Deus, suscitam a fé no coração do Homem. afirma Luis Ladaria que, na perspectiva de Lutero, a nova vida em Deus, isto é, a justificação no seu caráter objetivo e subjetivo, fundamenta-se em três planos: “solus Christus”; “sola fide” e “sola gratia”, o que compreende: Cristo como único salvador e redentor do pecado; a fé como única resposta à salvação, também ela acontecimento de graça; e a graça como o novo e o único estado de participação na vida divina, fruto exclusivo da iniciativa e da primazia divinas.¹⁷⁵

Portanto, a justificação do ser humano em Lutero, como se apresenta em Luis Ladaria acontece somente por meio da graça. É esta que lhe permite elevar-se a um novo estado, a produzir boas obras que são o fruto do acolhimento de Cristo Jesus, Palavra de Deus, e da fé, e nunca anteriores a ela.¹⁷⁶ É a graça que reorienta a vida do ser humano, fazendo-o passar do Homem velho para a dignidade do Homem novo que vive da fé em Jesus Cristo.¹⁷⁷ É só pela fé que o Homem passa da situação de pecado à vida da graça; da situação de morte à vida de ressuscitado em Cristo.¹⁷⁸

2.2.4 *A justificação de Deus na perspectiva do Concílio de Trento*

Luis Ladaria, ao desenvolver o tema da justificação na perspectiva tridentina, começa por fazer referência à doutrina do Concílio de Trento sobre o pecado original. O nosso autor começa por afirmar que o Concílio de Trento ensina que, depois do pecado de Adão, o ser humano, tendo perdido a amizade com Deus, viu-se sob o domínio do diabo e da morte, sem poder, portanto, sair por si mesmo de tal estado. Contudo, o estado em que a Humanidade ficou não era de total corrupção, sinal de que o pecado deixou o ser humano somente limitado nas suas forças espirituais, dada a sua grande inclinação para o mal devido à fragilidade do seu livre-

¹⁷⁵ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 205.

¹⁷⁶ Cf. Luis Ladaria ao citar Martinho Lutero afirma que nenhuma das obras pode comparar-se à fé que é por excelência a obra de Deus no ser humano; na fé está a liberdade cristã, em poder ser livre inclusive frente às obras, em não as necessitar mais do que a fé. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 206, está a citar M. Luther, *Von der Freiheit eines Christenmenschen*, 7.10 (WA 7,22ss ;24ss).

¹⁷⁷ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 206.

¹⁷⁸ Cf. Hans Kung, *La giustificazione*, Queriniana, Brescia, 1957, 76.

arbítrio, embora este não se tivesse totalmente extinto; contudo, por si só, o livre-arbítrio, não podia vir a alcançar a justificação sem a graça.¹⁷⁹

Luis Ladaria escreve que a justificação para o Concílio de Trento acontece pela ação redentora de Cristo: ela é em si mesmo um evento de graça; o Filho enviado pelo Pai, na plenitude dos tempos, pôde dar a toda a Humanidade a possibilidade da justificação pela Sua morte e ressurreição e, mais ainda, a graça de se tornarem filhos adotivos de Deus, quantos viessem a aceitar a comunicação dos méritos do Filho.¹⁸⁰ Segundo Luis Ladaria, a justificação na perspectiva conciliar tridentina não acontece externamente; é um evento que envolve o ser humano, determinando a sua história e a sua existência, embora seja uma ação que, inicialmente, é pura iniciativa de Deus. Sem qualquer intervenção do Homem, esta mesma ação transforma-o, na medida em que a justiça de Deus torna justa a sua vida que passa do estado de pecado e de inimizade com Deus ao estado de amizade com Deus e de filiação divina, isto é, a justiça de Deus torna-se fundamento da justiça do ser humano; sua transformação é resultado da ação transformadora de Deus.¹⁸¹

Luis Ladaria comenta que o Concílio de Trento reconhece que o ser humano chega a unir-se na amizade com Deus através da graça, de modo que não existe qualquer mérito humano que possa ter levado Deus a aproximar-se do Homem. Em contrapartida a mesma graça, que se antecipa ao ser humano, impulsiona a sua resposta a aceitar livremente e a cooperar com ela; isto é, o ser humano recebe a iluminação do Espírito Santo por meio da qual Deus toca o seu coração. É importante acentuar que a cooperação humana é uma realidade interna da justificação, porque o ser humano, transformado interiormente pela graça, está apto a colaborar com Deus para a sua salvação definitiva, dentro de um processo histórico e existencial. Luis Ladaria escreve ainda que a preocupação do Concílio de Trento é a de colocar o Homem imbuído de uma dimensão ativa, na medida em que participa do desenvolvimento para estado de justiça, não como sujeito passivo, nem perante de uma justificação consumada por Deus num único ato, mas como um ser que, tendo recebido a graça de Deus, se deixa mover por ela, dando o seu assentimento e dispondo-se a cooperar com Deus.¹⁸²

¹⁷⁹ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 208; Luis Ladaria faz um resumo de alguns elementos sobre o pecado original que são trazidos ao decreto sobre a justificação no cap.1 (DS 1521).

¹⁸⁰ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 208.

¹⁸¹ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 209; Luis Ladaria cita Juan Alfaro, *Esperanza cristiana y liberación del hombre*, Barcelona, 1971, 81.

¹⁸² Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 210.

O que se acabou de dizer, Luis Ladaria expressa-o da seguinte maneira ao comentar o capítulo 5º e 6º do decreto do Concílio de Trento sobre a justificação:

Somente por meio da graça de Deus dada através de Cristo, neste caso «graça preveniente», é que começa o processo pelo qual o homem alcança a amizade com Deus. Neste ponto, o Concílio não admite qualquer compromisso: nenhum mérito da nossa parte pode aproximar Deus a nós. Ora, essa graça de Deus que excita e ajuda tende a fazer com que os homens a aceitem e cooperem livremente com ela; embora o homem sem a graça de Deus não possa mover-se em direção à justiça, pode recusar a inspiração e a iluminação do Espírito. É importante notar que esta graça que excita e previne não é um impulso qualquer, mas precisamente a iluminação do Espírito Santo pela qual Deus toca o coração do homem. Os dois extremos, o primado absoluto da graça e a liberdade humana, devem, portanto, ser afirmados. Trento não trata de resolver o problema da harmonização dos dois. Simplesmente, depois de ter afirmado a necessidade absoluta da graça, insiste que o homem é diante de Deus um verdadeiro sujeito, que existe nele uma capacidade de resposta livre, que ele não é pura passividade, mesmo que só aceite a graça movido pela própria graça. Trento define esta resposta livre como assentimento e cooperação com a graça.¹⁸³

Segundo Luis Ladaria, o Concílio de Trento reconhece a essência da justificação na radical transformação que acontece no ser humano justificado, que o leva à participação da santidade de Deus e, por conseguinte, à sua renovação interior, isto é, à radical transformação interior. Assim, a remissão do pecado e a santificação do ser humano são duas consequências reais da justificação de Deus por intermédio de Cristo no Espírito Santo.¹⁸⁴ Esta consequência da justificação está interligada com a causa final da mesma: a glória de Deus, de Cristo e da salvação do Homem. Deste modo, na justificação realiza-se o desígnio salvífico de Deus que tem na criação o seu inicial desenvolvimento, de maneira que a glória de Deus se manifesta pela vida do Homem e a vida do Homem consiste na salvação operada por Deus. Assim, a criação e a justificação realizam a plenitude da vocação do Homem, chamado à comunhão e à santidade de vida.¹⁸⁵

Luis Ladaria afirma ainda que o Concílio de Trento coloca a fé, enquanto assentimento às verdades reveladas, como princípio e raiz da justificação, isto é, da salvação humana. Por razões de insuficiência da fé - uma fé, por exemplo, como puro assentimento intelectual - não torna possível a união do Homem a Cristo; a fé que justifica é, pois, aquela que vai unida à esperança e à caridade. Portanto, a fé verdadeira como princípio da justificação é a que é acompanhada da confiança e do amor incondicional a Deus.¹⁸⁶ Em contrapartida, as virtudes da esperança e da caridade, as virtudes que dão sustento à fé no processo da justificação, não retiram o caráter gratuito da mesma, porque, segundo Luis Ladaria, nada precede a justificação, nem a fé, nem muito menos as obras, já que a fé é a aceitação confiante da obra que Deus realiza

¹⁸³ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 209.

¹⁸⁴ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 211.

¹⁸⁵ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 212.

¹⁸⁶ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 214.

no Homem; é a aceitação da salvação que lhe vem de Cristo. Portanto, as obras são posteriores à justiça de Deus e traduzem a mesma justiça, mas sem mérito algum da parte do ser humano.¹⁸⁷

Por fim, Luis Ladaria esclarece, sempre a partir do Concílio de Trento, que a fé como assentimento intelectual, como confiança e amor incondicional a Deus não dão certeza de salvação subjetiva, mas asseguram a esperança salvífica por meio da confiança em Deus, na sua misericórdia e nos méritos de Cristo. Luis Ladaria refere-se à apropriação subjetiva da salvação, dada a triste possibilidade do ser humano poder cair em pecado por mau uso da sua liberdade, mesmo depois do batismo. Apesar da total remissão do pecado e da renovação interior, continua a persistir no Homem a indisposição para se abrir de modo permanente à graça.¹⁸⁸ Por isso, afirma Luis Ladaria que «o Concílio traslada a dimensão fiducial da fé para a virtude da esperança, exortando para a confiança em Deus e na sua graça, de modo que, não tendo a “certeza da fé”, abre a possibilidade de uma “certeza na esperança”». ¹⁸⁹

Luis Ladaria vê, contudo, no Concílio de Trento uma reflexão e uma solução equilibrada da justificação, encarando-a como uma ação de Deus realizada por Cristo em prol do Homem que transforma totalmente a sua existência e exige do mesmo uma resposta livre de aceitação do dom de Deus; isto supõe a dimensão cooperante do Homem em ordem à sua justificação como um elemento coerente da natureza da própria justificação que consiste, nada mais nada menos, em experimentar e executar o amor transformador de Deus.

2.2.5 *De Adão a Cristo: da abundância do pecado para a superabundância da graça*

Neste breve ponto, pretende-se recapitular e dar por concluído o tópico da graça como justificação e remissão do pecado em Luis Ladaria, para, assim, se poder entrar na abordagem da graça como plenitude da filiação em Deus.

Luis Ladaria sublinha que além da limitação do ser humano, como criatura que é, e portanto incapaz de chegar por si só a Deus, se Deus não lhe oferecer a sua amizade e a sua graça; o pecado veio tornar mais profunda esta limitação, deixando o ser humano alienado como membro de uma comunidade pecadora e necessitada do perdão de Deus.¹⁹⁰ Para Luis Ladaria o perdão de Deus como o favor da sua graça e a abundância do seu amor, chegaram até ao Homem por meio de Jesus Cristo, fundamento da reconciliação e da redenção; Jesus fez-se

¹⁸⁷ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 215.

¹⁸⁸ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 215.

¹⁸⁹ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 216.

¹⁹⁰ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 216.

pecado para que os homens e as mulheres pudessem entrar na justiça de Deus e pela Sua morte condenou o pecado da humanidade. De facto, na Sua morte todos os humanos morrem para o pecado e, na sua ressurreição, passam a viver n'Ele e para Ele (cf. 2 Cor 5,14). Com efeito, Cristo pela sua obediência inaugurou um novo modo de se ser Homem, em contraposição à desobediência de Adão que tinha lançado toda a Humanidade no pecado.¹⁹¹ Cristo fez dos homens e mulheres, que eram filhos e filhas da ira divina, filhos e filhas amados por Deus (cf. Rm 5, 10-11).¹⁹² Deste modo, em Cristo abriu-se, diante do Homem, o caminho para a vida: onde tinha abundado o pecado, superabundou a graça (cf. Rm 5,20). Cristo terminou com o reino do pecado; agora, o Homem tem acesso ao reino da graça: a benevolência de Deus inundou os corações de homens e mulheres com o Seu amor.

A afirmação paulina «da abundância do pecado para a superabundância da graça» (Rm 5,20), além de revelar que a graça é muito maior do que o pecado, revela também a superioridade qualitativa da graça em relação ao pecado;¹⁹³ a excelência da graça faz com que o Homem reconheça a absoluta gratuidade do dom de Deus e a sua total incapacidade de o vir a merecer.¹⁹⁴

Em Luis Ladaria esta superioridade qualitativa da graça é um elemento dado, visto que marca a iniciativa divina na criação e na redenção:

Tal como existe uma iniciativa divina absoluta e total na criação e na encarnação do Filho (não podia ser de outro modo), também existe na justificação. Existe um certo paralelismo entre a palavra criadora de Deus, que faz surgir o ser do nada, a Palavra reveladora de Jesus e a palavra justificadora, que significa o perdão dos pecados. Através dela, o homem recupera a amizade com Deus. A palavra de Deus é eficaz enquanto criadora e recriadora. E se só Deus pode criar, pela mesma razão só Ele pode recriar, justificar o pecador. A justificação é, portanto, «graça», favor de Deus, no sentido mais estrito do termo. Só Ele pode tomar a iniciativa do acolhimento misericordioso do homem que se afastou d'Ele ao pecar.¹⁹⁵

Para Luis Ladaria a superabundância da graça, fruto do Espírito de Jesus, dom do Ressuscitado, dispõe o Homem a uma relação filial com Deus e com os irmãos, e liberta-o para a vida e para a liberdade dos filhos de Deus. Chamando-o à conformação pessoal com Cristo, a graça do Ressuscitado é a perfeição do seu ser e do seu existir humano, isto é, a graça produz a plena realização da vocação pessoal do Homem: «a graça aperfeiçoa a nossa natureza, o nosso ser como criaturas e o nosso ser pessoal, no sentido de que somente a graça pode levar ao cumprimento o ser do homem realmente existente».¹⁹⁶ Assim, o ser pessoal próprio do Homem,

¹⁹¹ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 217.

¹⁹² Cf. Johann Auer, *Il vangelo della grazia*, Cittadella Editrice, Assisi, 1992, 149.

¹⁹³ Cf. Antonio Pitta, *Lettera ai romani*, terza edizione, Paoline Editoriale, Milano, 2009, 239.

¹⁹⁴ Cf. António Martins «*De Cristo a Adão: a inversão hermenêutica sobre a doutrina do pecado original na teologia atual*», *Didaskalia XLV* (2015) II, 185.

¹⁹⁵ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 216-217.

¹⁹⁶ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 262.

como autopossessão que se traduz em autodoação, encontra a sua plenitude na sua opção livre por Deus e pelos seres humanos, isto é, na sua vida de filiação com respeito a Deus e a Humanidade.

No tópico seguinte, sobre a filiação divina, procurar-se-á, por isso, sublinhar a relação pessoal e dialogante entre Deus que justifica e o Homem justificado, entre Deus Pai e o Homem seu filho em Cristo. Procuraremos focar quer a relação de comunhão do Homem com Deus por meio da fé e do batismo quer a relação do Homem com o seu semelhante por meio da caridade como autêntica resposta de fé e sinal de comunhão com Deus.

2.3 A GRAÇA COMO PLENITUDE DA FILIAÇÃO DIVINA

Nesta parte do nosso tema, procuraremos desenvolver em Luis Ladaria a presença de Deus no Homem, a sua nova situação de amizade com Deus e a sua inserção em Cristo, isto é, iremos aprofundar a outra parte da dimensão salvífica que consiste: 1º, no acesso do Homem ao seio do Pai como filho através de Jesus pela ação do Espírito Santo; 2º, no carácter da filiação divina que se traduz na fraternidade dos seres humanos entre si como caminho que conduz à salvação.

Luis Ladaria afirma que a plenitude do ser humano vem-lhe de Deus pela graça da justificação que santifica a sua vida. O Homem justificado e redimido participa da justiça de Deus, é acolhido por Deus, participa da comunhão da vida divina através de Jesus. É, portanto, em Jesus e por Jesus que a vida humana ganha o seu verdadeiro sentido, dado que a graça de Deus possibilita ao ser humano viver em comunhão com Deus e conformar-se com Cristo, permitindo-lhe, de facto, entrar numa nova relação com Deus Pai que se realiza em Jesus por meio do Espírito Santo.¹⁹⁷

2.3.1 A Comunhão do Homem com Deus em Cristo pelo Espírito

Segundo Luis Ladaria o ser humano criado à imagem de Deus e predestinado à filiação divina em Cristo não pode chegar, por si só, à realização desta vocação, sem uma relação dialógica com Deus. Historicamente, como já se sublinhou no início do presente capítulo, o ser humano, em Adão, ao cortar este diálogo com Deus pela sua desobediência, na tentativa de

¹⁹⁷ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 231.

alcançar a realização da vocação divina, distanciando-se de Deus, teve como consequência o pecado. A situação de ruptura pelo pecado conhece a sua reconciliação em Jesus Cristo que restabelece o diálogo entre Deus e a Humanidade. Em Jesus, o ser humano encontra o seu sentido e a sua unidade em Deus, a sua transformação interior e a redenção do seu pecado. Em Cristo, o ser humano transforma-se porque muda a sua situação perante Deus: pela graça da justiça, todo o ser humano é justificado, amado e redimido.¹⁹⁸

A nova situação do ser humano, em Jesus, é a de se tornar filho de Deus. Por meio da justificação, a relação do Homem com Deus é a de filho no Filho. Luis Ladaria escreve que esta é a nova relação que define a sua existência diante de Deus: o amor de Deus em Cristo fá-lo participar numa relação mais íntima e profunda com o ser divino, isto é, com a Santíssima Trindade, participando da comunhão das pessoas e da unidade de essência divina.¹⁹⁹ Luis Ladaria exprime esta nova situação do ser humano com o seu Criador, através dos conceitos de inabitação da Trindade, de filiação adotiva e de amizade com Deus, conceitos que designam uma realidade de comunhão entre Deus e o Homem.²⁰⁰

Luis Ladaria desenvolve esta realidade de comunhão entre Deus e o Homem no horizonte da filiação adotiva que se funda, de modo análogo, na relação única que Jesus, Filho de Deus, mantém com o Pai. A partir daqui o amor de Deus para com o ser humano manifesta-se, mais do que se possa imaginar, pelo amor que Deus Pai tem para com o Seu Filho Unigénito:²⁰¹ Luis Ladaria afirma mesmo que Deus ama os discípulos do seu Filho do modo semelhante àquele com que ama o seu Verbo Eterno feito homem.²⁰²

Para Luis Ladaria, no desenvolvimento histórico da economia da salvação, Deus manifestou-se ao povo de Israel com um amor paterno. No Antigo Testamento, nota-se muito pouco presente a ideia de paternidade de Deus, referente a Israel, porque havia necessidade de salvaguardar a transcendência divina perante os povos pagãos que cercavam o povo escolhido. Seja como for, Luis Ladaria afirma que Israel descobre a paternidade de Deus ao aperceber-se da predileção que Deus manifestou para com ele, quando o fez sair do Egito em liberdade, e, sobretudo, quando fez com o seu povo uma aliança e lhe garantiu a promessa da posse da Terra de Canaã. Por esta razão, diz Luis Ladaria, a tradição do Antigo Testamento considera Israel como filho e primogénito de Deus: «vós sois filhos do Senhor vosso Deus» (Dt 14,1).²⁰³ Para

¹⁹⁸ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 233.

¹⁹⁹ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 233.

²⁰⁰ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 232.

²⁰¹ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 234.

²⁰² Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 246.

²⁰³ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 235.

além da referência da paternidade divina ao povo em geral, Luis Ladaria afirma ainda que a paternidade é também referida em outros textos a indivíduos concretos que possuem um significado especial no conjunto do povo eleito como filhos de Deus (ex. Samuel; David. cf. 2 Sm 7,14; Sl 2,7).²⁰⁴

Já no Novo Testamento, a revelação da paternidade divina, no Evangelho, está ligada à pessoa de Jesus. Luis Ladaria afirma que Jesus além de chamar Deus por seu Pai, mantém com Ele uma relação especial de filiação divina. Deus é de facto o seu Pai de modo peculiar e exclusivo.²⁰⁵ A filiação divina de Jesus não tem qualquer comparação com qualquer experiência humana, nem sequer com a experiência de predileção que Deus manifestou por Israel. Jesus dirige-se sempre a Deus com a designação de Pai e refere-se sempre a Si em relação a Deus como Filho.²⁰⁶

Segundo Luis Ladaria, a relação que Jesus mantém com Deus é uma revelação totalmente nova e original, porque a filiação divina de Jesus tem o seu fundamento no ser próprio de Deus, numa relação com o Pai muito anterior à existência humana do Filho. Por isso, é uma filiação que revela o Deus Trino, pois a vida filial de Jesus, enviado do Pai, revela ao ser humano a paternidade divina e, para continuar a missão iniciada pelo Filho, Deus e Jesus revelam ao ser humano o Espírito Santo.²⁰⁷ Portanto, a filiação divina de Jesus constitui a revelação da vida divina, bem como o novo modo de ser Homem; Jesus, revelando a divindade, revela-nos também a plena humanidade, porque Ele não revela somente Deus como seu Pai, revela-O também como Pai da Humanidade (cf. Mt 6,9): «um Pai misericordioso, próximo dos seres humanos e cuidando de todos, especialmente dos mais pobres e desamparados».²⁰⁸ Este modo de ser de Deus é vivido pelo seu Filho Jesus em toda a sua existência, perfeito exemplo de como devem viver aqueles que invocam a Deus por Pai, já que aceitam a sua paternidade.

Para Luis Ladaria este sentido da paternidade leva à exigência do reconhecimento da fraternidade e do amor universal, que procura fazer o bem e amar sem distinção (cf. Mt 5,45-48).²⁰⁹ Portanto, a filiação dos discípulos deriva da filiação de Jesus: é pela simples razão de Jesus ser o Filho de Deus que Ele pode ensinar os discípulos a invocar a Deus como Pai e a viverem a sua vida como filhos. Luis Ladaria adverte que a filiação de Jesus e a dos discípulos embora tenha uma relação, não se equipara: «nunca no Novo Testamento se encontra um “Pai

²⁰⁴ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 235.

²⁰⁵ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 236.

²⁰⁶ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 237.

²⁰⁷ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 238.

²⁰⁸ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 238.

²⁰⁹ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 238.

nosso” em que Jesus esteja incluído. A relação de Jesus com o Pai é única e irrepetível, mas precisamente em sua irrepetibilidade a filiação de Jesus é o fundamento da dos discípulos». ²¹⁰ Luis Ladaria afirma ainda que, nos Evangelhos Sinóticos, «a participação na relação de Jesus com o Pai realiza-se mediante o seguimento de Jesus, na configuração com a Sua pessoa e de modo concreto com a Sua existência» (cf. Mt 16, 24 ss; Mc 8,34 ss; Lc 9,23 ss). ²¹¹

Luis Padaria é do parecer que também Paulo considera Deus como o Pai de todos os seres humanos, porque é Pai de Cristo (cf. 1Ts 3,11-13), reafirmando, desse modo, a dependência da filiação divina do Homem da filiação divina de Cristo: na plenitude dos tempos, Deus envia o seu Filho Unigénito, a fim de partilhar com os homens e mulheres a condição humana (cf. Gl 4,4-5):

A filiação de Jesus é o modelo a partir do qual podemos ser considerados filhos; a sua filiação é o fundamento da nossa. Jesus, o Filho, pela sua encarnação, torna possível que também nós sejamos filhos. A metáfora da adoção não pretende debilitar a nossa condição filial, mas sublinhar o amor de Deus ao concedê-la, ao querer unir-nos ao seu Filho. Já em Gál 3,26 se tinha insinuado este motivo: pela fé em Cristo, todos tornamo-nos filhos de Deus; isto faz com que desapareçam as divisões entre os homens, para que não sejamos mais que um em Cristo Jesus. A vida dos filhos de Deus consiste em partilhar a relação que Jesus tem com o Pai. ²¹²

Segundo Luis Ladaria a filiação divina, em Paulo, é levada a cabo pelo impulso do Espírito Santo (cf. Gl 4,6), uma vez que os filhos de Deus são guiados pelo Espírito Santo que cria neles uma disposição e uma atitude filial, tornando-os capazes de se dirigirem a Deus e de O invocarem como Abbá, Pai. ²¹³ É, portanto, o Espírito de Cristo Ressuscitado (cf. Rm 8,9) que comunica a cada homem e a cada mulher a vida filial e à herança com Cristo (cf. Gl 4,7), isto é, a participação em Cristo. ²¹⁴ Para Luis Ladaria, o Espírito de Cristo é o principio da vida divina no Homem, de modo que, pertencer a Cristo, significa viver conforme a vida do Espírito, uma vida contrária à vida da carne (cf. Rm 8,1-17); pertencer a Cristo no Espírito significa também ser co-herdeiro com Ele para uma vida futura, em virtude da sua ressurreição. Deste modo, o momento supremo da plena revelação da filiação divina do Homem ocorrerá quando ele vier a tomar parte da glória definitiva dos filhos de Deus, com a redenção total do seu corpo e com a posse plena do Espírito que o configurará de modo perfeito com a Sua imagem. ²¹⁵

Outra forma de encarar a paternidade de Deus e a filiação divina encontramos-la em São João. Segundo Luis Ladaria, a visão joanina é, em parte, distinta da de S. Paulo; diferem entre

²¹⁰ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 239.

²¹¹ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 239.

²¹² Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 240.

²¹³ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 241.

²¹⁴ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 240.

²¹⁵ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 241.

si, nos termos: Paulo emprega o termo «adoção» e João o termo «nascimento».²¹⁶ Assim, escreve Luis Ladaria, para São João, acreditar em Deus significa nascer d'Ele, ser gerado por Ele (cf. Jo 1,12-13): porque nasceu de Deus, o Homem pertence-lhe (cf. 1 Jo 4,4). Segundo Luis Ladaria, S. João assemelha-se a Paulo quando fala do Espírito Santo como agente imediato e princípio da filiação divina do Homem, porque é dom de Cristo ressuscitado dado a Humanidade (cf. Jo 20,22). A consequência do Homem ter sido gerado por Deus ou pelo Espírito, consiste, na linha de S. João, em acreditar na paternidade de Deus e em amar e praticar a justiça.²¹⁷ Isto significa viver e permanecer na unidade de comunhão com Jesus, no seu amor e na sua palavra pelo dom do Espírito.²¹⁸ Somente nesta comunhão do Homem com Cristo, à semelhança da união do ramo à videira (cf. Jo 15,4.7.11), é que o Homem encontra a única possibilidade de uma vida verdadeira: a comunhão com Jesus é comunhão com o mistério trinitário, no amor e na verdade.

Chegados aqui, torna-se necessário explicitar a partir de Luis Ladaria por que o Espírito Santo é o princípio da filiação divina do Homem.

Antes de mais: Luis Ladaria afirma que a referência para entendermos a filiação divina do Homem não é o Filho Eterno do Pai, mas o Filho feito carne, partícipe da condição humana, passando por todas as provas:

O seu ser divino-humano, sob o primado absoluto da divindade (a sua humanidade só existe na medida em que é assumida pelo Verbo de Deus) consiste na referência absoluta a Deus Pai. Isto revela-se concretamente para nós na sua existência humana em total obediência a Deus, na sua vida filial em todas as suas dimensões. O ponto de referência imediato para compreender a nossa filiação divina não é o Filho eterno na sua vida intratrinitária, mas o Filho feito carne, Jesus, participante em tudo da nossa condição humana e provado em tudo, exceto no pecado (cf. Heb 4, 15). Só a partir da humanidade de Jesus é que temos acesso ao mistério de Deus. Não conhecemos outro modo de participação dos homens na vida divina senão através da missão e encarnação do Filho, enviado pelo Pai para que recebêssemos a adoção filial, e a através da missão do Espírito do Filho, pelo qual podemos chamar «Abbá, Pai» (cf. Gál 4,4-7).²¹⁹

Desse modo, entender o Espírito Santo como princípio da filiação divina do Homem implica compreendermos a existência de uma conexão entre Jesus e o Espírito, conexão esta que esclarece a presença do Espírito Santo como o vínculo da união entre Jesus e o Homem. Para nos apercebermos da função vinculativa do Espírito Santo na relação de unidade e de comunhão entre Jesus e o Homem, como princípio da filiação divina, é necessário entendermos, antes demais, a relação existente entre Jesus e o Espírito Santo.

²¹⁶ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 242.

²¹⁷ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 243.

²¹⁸ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 244.

²¹⁹ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 248-249.

Já se falou, atrás, que a filiação divina de Jesus é única e irrepetível. Para Luis Ladaria esta filiação especial não se deve somente ao facto de ser o Filho Eterno; deve-se também à sua existência encarnada que foi, toda ela, qualificada pela presença do Espírito Santo, desde o ato da Sua encarnação, até aos momentos do batismo e da ressurreição.²²⁰ Estes três momentos marcam e determinam a existência encarnada do Filho eterno como uma vida gerada por Deus, constituída para Ele exercer uma missão messiânica na total obediência ao Pai até Sua morte: porque obedeceu até ao fim, Deus o ressuscitou dos mortos pela força do Espírito.

A contínua presença do Espírito Santo que, por sua vez, unge a humanidade do Filho encarnado, leva a que Jesus realize a missão que lhe foi confiada pelo Pai, fazendo da sua vida uma contínua obediência ao Pai. Por ter sido obediente até ao fim, na sua morte e ressurreição, Jesus torna-se um «espírito vivificante». No dizer de Luis Ladaria: «torna-se a fonte do Espírito que, como seu dom, receberão os crentes. Visto que passou a existir numa nova dimensão, em plena união com o Pai, pode comunicar aos homens o dom que possui em plenitude e que foi princípio do seu caminho histórico como homem em direção ao Pai».²²¹

Assim, segundo Luis Ladaria, se esclarece a razão de ser do Espírito o princípio da filiação divina do Homem, porque na intervenção da Trindade para salvar a Humanidade, o Pai envia o Espírito Santo para gerar o Filho pela encarnação e para dinamizar a sua existência e a sua missão. Podemos, por isso, afirmar que o Espírito Santo é o princípio ativo de Jesus, o Filho encarnado. Luis Ladaria sublinha que, com a ressurreição de Jesus, inverte-se a ordem de manifestação e de proximidade: o Pai envia, pelo Filho, o Espírito Santo como princípio ativo e dinamizador daqueles que foram resgatados por Cristo e se tornaram filhos de Deus, através do Filho encarnado e ressuscitado.²²²

A ressurreição, como plena revelação de Jesus como Filho, é também a consumação da revelação de Deus como Pai, e é na ressurreição que se manifesta o Espírito Santo como o Espírito do Pai e do Filho Jesus. Por sua vez, Jesus, com a sua humanidade glorificada à direita do Pai, oferece à Humanidade o Espírito Santo como dom para a sua existência, com todas as virtualidades e dinamismos. Assim, escreve Luis Ladaria: «o Espírito de Jesus torna-nos capazes de viver como filhos de Deus, configura-nos com Cristo-nossa-vocação desde o

²²⁰ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 250.

²²¹ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 250.

²²² Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 251; sobre o que foi dito, Luis Ladaria faz referência a H. U. Von Balthasar, *Theologik. III. Der Geist der Wahrheit*, (Einsiedeln, 1987), 41; 166-168; 187; *Theodramatik II. 2. Die Personen in Christus* (Einsiedeln, 1987), 167 ss.

princípio do mundo, liberta-nos do domínio do pecado e da morte, e é, também, a força da nossa ressurreição». ²²³

Portanto, o Espírito Santo dado ao Filho encarnado e que guiou a Sua vida humana até à plenitude da sua ressurreição, é o mesmo Espírito que o Pai, pelo Filho, comunica aos crentes. Aqui reside, na opinião de Luis Ladaria, a grandeza e a profundidade da filiação divina do Homem em Jesus, que consiste em ser animado, na própria existência filial, com a mesma força divina que animou a existência e a atuação histórica do Filho encarnado e por cuja força tinha sido ressuscitado dentre os mortos. O Homem participa da especial e única filiação divina de Jesus Cristo, Aquele que tem na Sua humanidade a total possessão do Espírito Santo e que faz do mesmo Espírito o princípio da vida nova para toda a Humanidade: «o que Jesus nos dá, portanto, não é algo estranho a Si próprio; dá-nos como espírito de filiação o Espírito do Pai que repousou sobre Si, sobre o Filho». ²²⁴

Contudo, a comunhão filial do Homem com Deus, em Cristo pelo Espírito Santo, significa união com toda a Trindade, embora isto signifique, também, uma união e uma relação distinta com cada uma das Pessoas da Santíssima Trindade. Estar em comunhão com o Espírito é estar na comunhão com Jesus que oferece o seu Espírito. Viver em comunhão com Jesus significa estar aberto ao encontro e à comunhão com o Pai enquanto agente da divinização do Homem, porque Jesus é o caminho que leva ao Pai. E assim, afirma Luis Ladaria, sabendo que o Espírito Santo é o dom de Deus por excelência, ou melhor, que é o amor por excelência que une o Pai ao Filho, então Ele é a Pessoa mais próxima aos homens e mulheres e é também o princípio da filiação em Jesus, dado que o Pai, ao amar a Humanidade no Filho, deu-lhes o Espírito Santo, de modo que pela fé em Jesus e no Espírito o ser humano é filho de Deus. ²²⁵

Depois desta breve reflexão sobre a razão e o modo de como se dá a comunhão de Deus com o Homem, abordar-se-á, nos dois próximos tópicos, o tema do batismo como participação objetiva na filiação divina e o tema da caridade como expressão da vida de comunhão com Deus e com o próximo. O nosso objetivo é o de tentar concretizar duas dimensões: primeira: pertença em Cristo e ao seu Corpo Místico, por via do batismo que torna aquele que o recebe, legítimo filho de Deus e membro da Igreja; segunda: pertença à fraternidade como uma dimensão comunitária da incorporação do Homem em Cristo a qual se vive por meio da caridade.

²²³ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 251.

²²⁴ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 252.

²²⁵ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 255.

2.3.2 O batismo como participação na filiação divina

Para Luis Ladaria a predestinação à filiação divina é uma verdade objetiva que tem a sua base na encarnação de Jesus,²²⁶ e se concretiza na morte e ressurreição do Senhor - manifestação clara de que a Humanidade foi, desde sempre, amada por Deus em Cristo que nos envia o seu Espírito Santo pelo qual clamamos Abbá, Pai.²²⁷

A propósito disto Luis Ladaria afirma:

A afirmação geral de que a humanidade é amada por Deus em Jesus não é, portanto, suficiente. Cada homem tem de entrar pessoalmente neste amor, seguindo Jesus que o revelou e nos mostrou como corresponde-IO. A experiência humana, iluminada pela fé, mostra-nos a ratificação, num grau ou noutra, por parte de todos nós, da história de pecado que nos precede e que as nossas decisões pecaminosas contribuem para agravar. Mas, pela ação do Espírito, podemos também aceitar Jesus e seguir o caminho da sua vida. Isso acontece sobretudo na escuta e na aceitação da sua mensagem e da sua pessoa na fé e no sacramento do batismo.²²⁸

Luis Ladaria acredita que o Espírito Santo dá a todos os seres humanos a possibilidade de se associarem ao mistério pascal de Jesus, sendo, porém, precisa a sua incorporação em Cristo por meio do batismo para que a graça se manifeste de maneira plena e visível.²²⁹ Portanto, o propósito deste tópico é o de mostrarmos o batismo como resposta ao dom do amor de Deus que se manifesta em Jesus e que dá ao ser humano acesso ao seio do Pai como filho e morada do Espírito Santo.

Comecemos com a seguinte afirmação do Concílio Vaticano II:

O Filho de Deus, vencendo, na natureza humana a Si unida, a morte, com a sua morte e ressurreição, redimiou o homem e transformou-o em nova criatura. Na verdade, ao comunicar o seu Espírito, fez, misteriosamente, de todos os seus irmãos chamados de entre todos os povos, como que seu Corpo. É nesse corpo que a vida de Cristo difunde-se nos que creem, quando estes, por intermédio dos sacramentos, de maneira misteriosa, mas real, unem-se a Cristo padecente e glorioso (Lumen Gentium, 7).

Esta afirmação da “Lumen Gentium” ilumina a perspetiva de Luis Ladaria quando este diz: «a salvação que Cristo nos traz atualiza-se objetivamente com a sua força mediante aos sacramentos».²³⁰ Luis Ladaria escreve ainda que o batismo é o sacramento da fé que confere ao ser humano uma transformação plena em filho de Deus, ao redimi-lo de todo o pecado; na verdade, desaparece nele tudo o que possa ser razão de pecado: é uma nova criatura perante Deus;²³¹ já que morre verdadeiramente para o pecado, a fim de viver com Jesus. Pelo batismo,

²²⁶ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 257.

²²⁷ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 258.

²²⁸ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 135.

²²⁹ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 136.

²³⁰ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 224.

²³¹ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 129.

o ser humano; enxertado plenamente em Cristo, goza das riquezas do Seu amor e entra em comunhão com Deus.

Segundo Luis Ladaria, o batismo coloca o ser humano numa relação pessoal de amor e de seguimento com Cristo, de modo que, pelo dom do Espírito Santo, o ser humano acolhe Jesus em sua vida, segue o caminho da existência encarnada do Filho de Deus, escuta a Sua palavra e aceita a Sua mensagem. A incorporação do Homem a Cristo e à Igreja pelo batismo dá-se em consequência da sua adesão pessoal à fé e à Pessoa de Jesus.²³² É nesta adesão, diz o nosso autor, que se manifesta a mais plena e visível graça de Deus, no sentido de que «o batismo é o meio objetivo do encontro com Deus que se aproxima do homem; é pelo batismo que o homem recebe os méritos da paixão de Cristo».²³³ É de facto pelo batismo que se acolhe, por meio da fé, a salvação de Jesus, como é pela graça do Espírito Santo que o batizado vive em fraternidade, na Igreja, a vida dos filhos de Deus. Por isso, podemos considerar o batismo como o momento constitutivo em que os crentes tomam consciência não só da sua nova situação perante Deus, mas também da forma filial e fraterna de encararem a vida cristã.²³⁴

O batismo marca o momento de proximidade objetiva e de acolhimento subjetivo de Deus que vem ter com o Homem e do Homem que acolhe a Deus, enraizado na vontade e na graça de Jesus Cristo, razão pela qual, o batismo como sacramento da fé, segundo Luis Ladaria à luz do Concílio de Trento, é causa instrumental da justificação que se dá pela paixão, morte e ressurreição de Jesus.²³⁵ Neste sentido, o batismo é a rutura com a antiga situação do ser humano e com a solidariedade no pecado de Adão. O Homem, pelo batismo, recebe a salvação de Deus e vê anulada a sua relação com as realidades deste mundo:²³⁶ pela mediação de Cristo, o ser humano já não pertence a este mundo, nem é seu servidor: sente-se muito menos submetido às forças do mal e do pecado; na medida em que pertence unicamente a Cristo, o seu comportamento, no mundo, é determinado pelo Senhor,²³⁷ isto é, vive e age a partir de Deus e esforça-se por reproduzir a vida terrena do Filho Eterno de Deus (cf. Rm 8,29) «que passou por toda a parte a fazer o bem» (Act, 10,38).

²³² Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 136.

²³³ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 209.

²³⁴ Cf. Franco Giulo Brambilla, *Antropologia Teologica: chi e l'uomo perché te ne curi*, Queriniana, terza edizione, 2005, 473.

²³⁵ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 212.

²³⁶ Esta rutura com o mundo vem afirmada nas renúncias que o catecúmeno faz no ato litúrgico do batismo. De modo afirmativo, podemos apresentar as renúncias desta forma: renuncio ao pecado, para viver na liberdade dos filhos de Deus; renuncio às seduções do mal, para que o pecado não me escravize; renuncio a satanás, que é o autor e pai da mentira (Ritual Romano, *Celebração do Batismo das crianças*, Gráfica Coimbra, 56-57).

²³⁷ Cf. Bonhoeffer Dietrich, *El precio de la gracia: el seguimiento*, Sígueme, Salamanca, 2004, 165.

A partir desta concepção de pertença única a Cristo, no viver e no agir, o crente centrado em Deus, tem como horizonte realizar o bem, a exemplo de Jesus. Surge daqui o caráter santificador que o batismo comporta. Pelo batismo, o cristão torna-se santo, recebe a graça de Deus e a Ele se oferece, sem perder a consciência e vontade, torna-se propriedade de Deus, filho de Deus, justificado e santificado no nome de Jesus Cristo e na graça do Seu Espírito,²³⁸ isto é, segundo Luis Ladaria: «a presença do Espírito de Deus transforma “santifica” internamente o ser humano e o torna aquilo que desde sempre está chamado a ser: filho de Deus em Jesus».²³⁹

Duas consequências podemos aferir e reafirmar, a partir da consciência:

1ª. justificado e santificado pelo batismo, o ser humano é revestido de Cristo, participa da sua semelhança, isto é, da sua filiação divina; esta exige dele uma atitude de imitação, dado que justificado e santificado pelo sangue de Cristo, derramado na cruz, o ser humano crente segue Cristo, imitando-o na medida em que carrega também a sua cruz.²⁴⁰ Luis Ladaria afirma-o também do seguinte modo: «na ressurreição de Jesus começa uma nova vida, não somente para Ele, mas também para aqueles que com Ele morrem no batismo (cf. Rm 6,3-11) (...), e passam a viver a vida de justificados».²⁴¹

2ª. Sendo o dom do batismo um dom do Espírito Santo e do Filho, os batizados tornam-se morada do Espírito Santo que lhes dá tanto a garantia da presença permanente de Cristo como a graça da fidelidade na comunhão com Ele: o Espírito Santo, que neles habita, dá-lhes a conhecer a Pessoa de Jesus e a fazer a Sua vontade, ensinando-lhes e os recordando-lhes os Seus ensinamentos em ordem à verdade plena.²⁴² A semelhança disso, afirma Luis Ladaria que o Espírito interioriza e leva a cumprimento em cada ser humano a obra de salvação realizada em Jesus, e somente em virtude da presença do Espírito Santo é que os seres humanos podem viver como filhos de Deus em Jesus.²⁴³

Contudo, pode-se afirmar que em Luis Ladaria o batismo é o sinal eficaz e visível do dom e da graça com a qual Deus, pela mediação de Jesus justifica o Homem, concede-lhe a Sua salvação. Pelo batismo, o ser humano morre com Jesus, participa da vitória da Sua ressurreição,

²³⁸ Cf. Johan Auer, *Il vangelo della grazia*, 147.

²³⁹ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 226.

²⁴⁰ Cf. Johan Auer, *Il vangelo della grazia*, 150.

²⁴¹ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 217.

²⁴² Cf. Bonhoeffer Dietrich, *El precio de la gracia: el seguimiento*, 167.

²⁴³ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 247. 258.

é libertado do pecado e torna-se filho e filha adotivo de Deus Pai e irmão e irmã do Filho, juntamente com o encargo de viver segundo a liberdade dos filhos e das filhas de Deus.

2.3.3 A caridade como autentificação da fé e da comunhão

É muito claro em Luis Ladaria que o Homem acolhe a obra de Deus por meio da fé e que o nosso autor reconhece a primazia divina em tudo. Luis Ladaria exorta também que o ser humano não pode esquecer, porém, que a sua resposta, na fé, à iniciativa divina, deve juntar o amor aos seus irmãos. Assim afirma: «a relação de filiação em Deus exige uma nova relação de fraternidade entre os homens. No reconhecimento desta paternidade de “Deus” vai implícito o reconhecimento de todos os homens como irmãos».²⁴⁴

Segundo Luis Ladaria, o pressuposto da fé como acolhimento da vida divina que se desenvolve numa relação filial com Deus por mediação de Cristo - primogénito de muitos os irmãos e caminho para o Pai – faz com que a paternidade divina seja comum a todos os seres humanos, de modo que a fé impele o ser humano a reconhecer como irmão e irmã todo o homem e toda mulher.²⁴⁵ É impensável assumir uma vida de filiação divina em Deus, com Jesus, se o Homem não assumir de maneira real, afetiva e efetiva, a fraternidade universal. Para Luis Ladaria, a fidelidade ao Senhor medir-se-ia pela vivência do amor e da fraternidade como abertura aos outros.²⁴⁶ A este respeito, o nosso autor recorda que «o dom do Espírito e a filiação divina não são propriedades exclusivas, mas um dom recebido para compartilhar, salvaguardando sempre a identidade pessoal de cada um, em na doação de si, não desaparece, mas se encontra» (cf. Mt 10, 39).²⁴⁷ Na verdade, é «na sua vida de filiação, no seguimento de Cristo, e na sua fraternidade com todos os homens que se realiza o desígnio de Deus sobre si, isto é; com isto alcança a sua perfeição como criatura, ou seja, se consuma a obra de Deus sobre si».²⁴⁸

O que acontece no Homem, ao sentir-se amado por Deus, manifesta-se de maneira visível pelo amor que ele oferece aos seus irmãos. O amor a Deus leva ao amor para com o Homem. Luis Ladaria afirma-o de maneira clara: «existe uma vinculação profunda entre o amor a Deus e o amor aos irmãos; não pode existir o primeiro se não existe o segundo, pois, “ninguém

²⁴⁴ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 262; Luis Ladaria está a citar González Faus, *Proyecto de hermano*, 675 ss; Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 384 ss.

²⁴⁵ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 263.

²⁴⁶ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 264.

²⁴⁷ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 364-265.

²⁴⁸ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 268.

pode amar a Deus, a quem não vê, aquele que não ama o próximo a quem vê?» (1 Jo 4,20).²⁴⁹ Assim, na vocação à filiação divina é que se estrutura a vocação à fraternidade: quando se aceita que o Filho de Deus se fez homem, irmão e próximo de todos os seres humanos, é impossível não aceitar a fraternidade humana e universal. A este respeito, escreve Luis Ladaria: «é no amor quotidiano dos homens e mulheres que se prova a autenticidade do amor a Deus».²⁵⁰

Deus é, sem dúvida, o primeiro destinatário da resposta humana de amor, dado que foi Ele quem admitiu os seres humanos, em Jesus e no Espírito Santo, à comunhão de vida e de filiação divinas, tornando-os objeto do Seu amor e tornando-se Ele próprio no primeiro sujeito do amor humano. E, no entanto, a verdade é que Deus coloca, em primeiro lugar, na ordem da ação, o amor aos homens e mulheres, porque o amor a Deus traduz-se, portanto, diz Luis Ladaria, na gratuidade, no louvor e no gozo de saber que Ele, Sumo Bem e Sumo Amor, torna o ser humano participante da sua vida o que marca a essencialidade da própria existência cristã.²⁵¹ Esta visão encontramos-la enriquecida, também em Battista Mondin. Este autor apresenta o amor tal como revelado no Novo Testamento, sob dois pontos de vista:

1º. Do ponto de vista axiológico, o primado centra-se no amor a Deus; é Ele o máximo objeto do amor humano, pelo que compete aos seres humanos sobrepô-lo a tudo: «amarás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu entendimento» (Mt 22,37);

2º. Do ponto de vista prático, a prioridade pertence ao próximo, porque é com o próximo que o ser humano convive continuamente, e porque é no próximo que a presença de Deus se nos torna perceptível.²⁵²

Portanto, como escreve Luís Ladaria: «a relação de filiação com Deus implica a fraternidade com respeito a todos os seres humanos».²⁵³ O amor que brota da fé e que o ser humano manifesta no cotidiano da sua vida, é a participação do amor do próprio Jesus pelos seres humanos: o amor humano tem sempre a sua fonte em Deus, uma vez que resulta da comunhão filial que o Homem tem com Deus pela força do Espírito Santo.

Luis Ladaria explicita isto da seguinte maneira:

O amor a Deus e ao próximo não são um aspeto parcial da nossa vida ao lado dos outros, mas é o único que pode dar à existência humana a sua unidade e integração. O amor é capaz de abarcar todas as dimensões da vida (cf. 1 Cor 13). «A capacidade fundamental de amar é a estrutura

²⁴⁹ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 292.

²⁵⁰ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 293.

²⁵¹ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 294.

²⁵² Cf. Battista Mondin, *L'uomo secondo il disegno di Dios*, 339.

²⁵³ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 294.

única e última da pessoa, aquela que a exprime adequadamente». Isto deve-se à referência essencial do homem ao Deus de amor, que só pode ser «conhecido» através do amor (cf. 1 Jo 4,8). Se esta referência abrange todo o ser humano, entende-se como a qualidade do amor que responde ao amor fontal divino está em jogo, em última análise, em toda a nossa existência humana: «cada um de nós é aquilo que é o seu amor», ou seja, convertemo-nos em aquilo que amamos.²⁵⁴

Com efeito, concretizar o ser-se discípulo de Cristo e filho de Deus no amor aos homens e mulheres, em nome de Cristo e como Cristo, é confrontar-se com o egoísmo e as injustiças - os grandes pecados do mundo que obscurecem a imagem e a salvação de Cristo. Amar alguém, afirma Luis Ladaria, é desejar-lhe plenitude e alegrar-se do seu bem como se fosse também seu.²⁵⁵ Assim, a dimensão vocacional da filiação divina é essencialmente uma vida de amor, de amor recebido como dom de Deus, de amor redentor e salvador, de um amor vivido e partilhado entre os irmãos e irmãs. A filiação divina, como espaço do encontro com Deus e com Cristo, objeto/sujeito primeiro do amor humano, realiza-se na comunhão com os irmãos e irmãs. Esta comunhão de amor com os irmãos e irmãs é, ou tem de vir a ser, também a expressão da realização concreta da comunhão com Deus.²⁵⁶

Podemos concluir que, para Luis Ladaria, o desígnio primordial de Deus sobre o Homem é a comunicação do seu amor e da sua graça. Tal comunicação da graça determina, desde o início, a história humana e a resposta do ser humano a esta oferta. Tendo ocorrido o pecado de Adão, a graça está ligada à remissão do pecado, quer dizer, à justificação do ser humano. É esta que opera a sua transformação interior, gerando, nele, um novo nascimento, um novo ser, isto é, a santificação interior que o situa numa nova relação com Deus própria do Homem justificado: a filiação divina. É esta que leva o ser humano à máxima realização da sua pessoa. A filiação divina do Homem depende da filiação divina de Jesus, porque é somente pela ação do Espírito, mediante Jesus, que o ser humano tem acesso ao Pai (cf. Ef 2,18). Portanto, o Homem reconciliado com Deus é já filho: unido como está a Jesus na força do Espírito Santo, participa de maneira autêntica, embora imperfeita, da vida de Deus Uno e Trino. É por esta participação em Deus que o Homem, graças à comunhão de vida com Jesus, pode alcançar a realização máxima da sua vocação de ser filho de Deus no Seu Filho, a vocação para a qual estava predestinado, desde a criação do mundo: a vocação de ser conforme à imagem do Filho Primogénito de Deus Pai.

²⁵⁴ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 294-295; Luis Ladaria está a fazer referência a Karl Rahner, *Teología de la libertad, en Escritos, VI*, Madrid, 1967, 210-232 e González Faus, *Proyecto de hermano. Visión creyente del hombre*, Santander, 1987, 507;565-684 sobre a fé, a esperança e o amor como unificadores do ser humano.

²⁵⁵ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 293.

²⁵⁶ O evangelho dá-nos uma evidência disso: «Todas as vezes que fizestes isto a um dos menores dos meus irmãos, foi a mim que o fizestes» (Mt 25,40).

CAPÍTULO 3

PROJETO SOTERIOLÓGICO UNITÁRIO: RUIZ DE LA PEÑA E LUIS LADARIA

No terceiro capítulo da nossa dissertação queremos sistematizar, a partir de Ruiz de la Peña e de Luis Ladaria, os elementos de convergência do pensamento teológico de duas das suas obras que serviram de base para este nosso estudo. Intitulamos, por isso, o presente capítulo de “*projeto soteriológico unitário*” pelo facto destes autores nos apresentarem uma perspetiva antropológica centrada na graça de Cristo, como sendo anterior à criação e ao pecado original, e determinante para o Homem em ordem à sua realização pessoal como ser vocacionado para a comunhão com Deus, desde o princípio da criação, isto é, predestinado a ser filho no Filho de Deus.

A unidade do “*projeto soteriológico*” funda-se no desígnio salvífico de Deus sobre o Homem: Deus cria o Homem com a intenção de o divinizar. Por isso, a situação originária é situação de graça, de modo que o pecado de Adão não é o que está em primeiro lugar no projeto de Deus sobre ele, ou seja, a história não tem início com a opção pecaminosa do Homem, mas com a vontade agraciante de Deus.²⁵⁷ Deus sempre quis um relacionamento de intimidade especial com o Homem, chamando-o a um género de vida superior ao que normalmente se poderia pensar, ao conferir-lhe dons especiais para o adequar às exigências da nova vida.²⁵⁸ Portanto, a realização da vocação do Homem acontece em Cristo: o Verbo de Deus, cabeça da criação e autor da salvação.

²⁵⁷ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 162.

²⁵⁸ Cf. Battista Mondin, *Antropologia Teológica: história, problemas, perspectiva*, São Paulo, Paulinas, 3ª ed, 1986, 255.

3.1 CONVERGÊNCIAS

As obras principais de Ruiz de la Peña: *El don de Dios* e Luis Ladaria: *Teología del pecado original y de la gracia*, percorrem o mesmo itinerário antropológico e obedecem à mesma forma tradicional de abordar a graça dentro da antropologia teológica que partia sempre da doutrina sobre o pecado original como parte primeira, a que se seguiam os temas da justificação, da graça (ou vida em Cristo), como segunda parte. Na nossa maneira de ver, as obras destes dois teólogos são bastante complementares, razão pela qual ambos defendem posições sobre temas de antropologia (a graça e o pecado) muito consensuais no conjunto da antropologia teológica contemporânea. Tanto é assim que se nos tornou difícil encontrar, entre eles, divergências muito significativas sobre o discurso e o debate teológicos, no assunto que temos entre mãos. Procuraremos, por isso, apontar simplesmente as suas convergências sobre o nosso tema de fundo.

3.1.1 Da criação à salvação

Ruiz de la Peña e Luis Ladaria desenvolvem o tema da criação orientado à salvação nos manuais da antropologia fundamental (Ruiz de la Peña, *Teología de la creación; Creación, gracia, salvación*; Luis Ladaria, *Introducción a la Antropología Teológica*) que serve de introdução à antropologia especial, secção da nossa pesquisa. Nestas obras introdutórias encontra-se afirmado a ideia de que «Deus cria para salvar, ou seja, que a ação criadora põe de manifesto a onnipotência, a bondade irrestrita, a generosidade ilimitada e o amor gratuito de um Deus que atua movido exclusivamente pela sua libérrima vontade de comunicar-se»,²⁵⁹ ainda mais, que «a criação é já um mistério de salvação»,²⁶⁰ porque, «a mediação de Cristo corresponde, em chave escatológica, sua função recapituladora do universo: o desígnio do Pai é a recapitulação de tudo naquele a quem antes da criação do mundo fomos escolhidos e predestinados».²⁶¹

Ao estudarmos a antropologia especial dos nossos autores, que resultaram na composição dos dois primeiros capítulos do trabalho, os temas da graça, do pecado e da filiação divina, são desenvolvidos numa perspetiva da criação em Cristo orientada à salvação pela

²⁵⁹ Ruiz de la Peña, *Creación, Gracia, Salvación*, Editorial Sal Terrae, Santander, 1993, 13.

²⁶⁰ Luis Ladaria, *Introducción a la antropología teológica*, Verbo Divino, Navarra, 1993, 44.

²⁶¹ Luis Ladaria, *Introducción a la antropología teológica*, 45.

mediação do mesmo Cristo. Com efeito, Jesus Cristo é o fundamento da criação e da salvação no sentido de que a Humanidade criada por Deus está aberta e orientada à vontade histórica salvífica. Uma teologia da criação em Cristo define a unidade do desígnio salvífico em que a salvação do Homem é pensada por Deus, desde a origem do mundo e não só motivado pelo pecado.²⁶²

A criação em Cristo define ainda que toda a realidade criada, o mundo e o Homem, encontram a sua plenitude e consistência existencial no evento pascal, de modo que, Jesus Cristo, mediador da criação do Homem, é também mediador da sua salvação. Sobre isto Luis Ladaria escreve: «a função criadora e recapituladora de Cristo adquirem seu sentido à luz da sua ação salvadora em toda sua vida, e especialmente no seu mistério pascal».²⁶³ Por isso mesmo, a criação — mundo e Homem — encontram o seu lugar original em Jesus, morto e ressuscitado.²⁶⁴ Portanto, a centralidade pascal, isto é, a centralidade de Jesus Cristo na criação e na salvação sublinha o desígnio salvífico como doação da vida verdadeira para o mundo e para o Homem, que comporta também a remissão do pecado. Ambos os movimentos (plenificação e redenção) se localizam no desejo de comunhão que Deus desde sempre pensou traçar para e com o Homem. Assim, o desígnio salvífico de Deus sobre o Homem visava divinizá-lo.²⁶⁵ Significa isto que Deus teve, desde sempre, a intenção de que os seres humanos pudessem participar da sua vida divina e, portanto, da sua santidade. Esta divinização supõe, nada mais nada menos, a renovação interior do ser humano, até este poder refletir a imagem e a semelhança do ser divino.²⁶⁶

Ruiz de la Peña e Luis Ladaria são defensores deste percurso histórico-salvífico em que a divinização/filiação divina do Homem é um desígnio salvífico inscrito no ato criador de Deus, que exigia do Homem, desde o início, obediência, dependência e compromisso fiel a Deus que fossem a garantia de comunhão com Ele.

Deste modo, Ruiz de la Peña ao desenvolver o tema da graça como divinização, sublinha que o fim da criação é a salvação em Deus, em que a Encarnação é o meio pelo qual se realiza o desígnio primordial que presidiu a criação do ser humano: fazer dele um ser à imagem de Deus. Para Ruiz de la Peña este é um desígnio imutável, indestrutível, de pura gratuidade, mediado por Cristo e animado pelo Espírito Santo. Esta ideia da criação orientada à Encarnação defende-a também Brambilla ao afirmar: «a realidade criada é uma gramática que

²⁶² Cf. Franco Brambilla, *Antropologia Teológica*, 299.

²⁶³ Luis Ladaria, *Introducción a la antropología teológica*, 45.

²⁶⁴ Cf. Franco Brambilla, *Antropologia Teológica*, 301.

²⁶⁵ Cf. González Faus, *Proyecto de hermano*, 427.

²⁶⁶ Cf. González Faus, *Proyecto de hermano*, 428.

Deus predispõe para comunicar livremente a sua Palavra precisamente na humanidade do Filho». ²⁶⁷ É por esta razão, afirma Ruiz de la Peña, que se deve considerar a unicidade da história salvífica com centralidade em Cristo: «existe, pois, uma única economia de salvação, não duas (ante-lapsária e pós-lapsária), e uma única graça, aquela pela qual Deus desejou desde sempre enriquecer a humanidade, recapitulada e divinizada em seu Filho». ²⁶⁸

Do mesmo modo, Luis Ladaria, ao desenvolver o tema do pecado original como rutura com a graça de Cristo, afirma que a criação está marcada com uma finalidade salvífica, porque desde sempre a graça de Cristo esteve presente no Homem e no mundo. Para o nosso autor, o ser humano, chamado à comunhão com Deus, seria habitado, desde o princípio, pela graça do seu permanente mediador, Cristo — uma graça de santidade e de justiça. Para Luis Ladaria é impossível pensar na graça e nos favores divinos no decorrer da história salvífica fora do influxo ou da mediação de Cristo, uma vez que toda a graça de Deus, é graça de Cristo: «não sabemos de nenhuma graça que não esteja mediada por Cristo e que não derive da sua encarnação, morte e ressurreição (...), é em Cristo que se realiza o desígnio de Deus pensado antes da criação do mundo». ²⁶⁹

Esta posição que define a mediação de Cristo no horizonte entre a criação orientada à salvação, pode ser ainda mais esclarecedora com a categoria de “imagem” que o apóstolo Paulo atribui a Jesus na Carta aos Colossenses: «Ele é a Imagem de Deus invisível, o Primogénito de toda a criatura» (Cl 1,15). Segundo Luis Ladaria, Cristo como imagem do Pai revela-nos duas funções:

1^a. A função *protológico-cosmológica* apresenta Jesus como modelo a partir do qual Deus criou o mundo; isto é, a presença da força de Cristo impregna toda a criação já que «Nele e por Ele foram criadas todas as coisas» (Cl 1, 16).

2^a. A função *soteriológica* define Jesus como o revelador do Pai, como aquele em quem «Deus invisível» se faz conhecer através do Seu Verbo feito homem, contanto que homens e mulheres pudessem participar da glória de Deus na medida em que se conformassem à imagem de Cristo, ²⁷⁰ já que foi por meio de Cristo que Deus salvou e reconciliou todas as coisas consigo mesmo. Deste modo, Cristo, estabelece a unidade e a harmonia de toda a realidade, dado que o universo criado por meio d’Ele, nele subsiste e se move; d’Ele depende o passado, o presente e o futuro de toda a criação.

²⁶⁷ Franco Brambilla, *Antropologia Teologica*, 284.

²⁶⁸ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 163.

²⁶⁹ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 42.

²⁷⁰ Cf. Luis Ladaria, *Antropologia Teologica*, Casale Monferrato, Piemonte, 1986, 23.

Esta perspetiva confirma-nos que Jesus não é somente o primogénito de toda a criatura no sentido protológico-cosmológico, enquanto modelo pelo qual tudo foi criado, mas também porque Ele é o primogénito de entre os mortos; de facto, mediante a sua ressurreição, deu-se a inauguração de uma nova ordem das coisas: tudo recomeça de novo, numa «nova criação» (Gal 6, 15), na qual o ser humano, conformado com Cristo na sua existência filial, ressuscita à Sua imagem.

Portanto, é muito clara, nos dois autores que levamos em consideração, a ideia de que Deus cria, salva e manifesta a sua onnipotência, a sua bondade, a sua generosidade ilimitada e o seu amor gratuito movido exclusivamente pela sua libérrima vontade de comunicar-se, de modo que é o amor divino que comunica o ser, salva e plenifica toda a realidade criada.

Enfim, toda a realidade, como já o sublinhámos, foi feita por meio de Cristo. Isto significa que a criação está subordinada à salvação; melhor ainda: a unicidade da história salvífica, supõe, desde o princípio, a vontade de Deus em salvar o ser humano e de infundir a sua bondade em toda a realidade criada que subsiste pela graça de Jesus Cristo.

3.1.2 *Hermenêutica atualizada do pecado original*

A experiência da graça e da liberdade são determinantes para o tema do pecado original, de modo que, só existe pecado onde houver liberdade e graça: «só porque todo homem está ultimamente chamado a ser Cristo, pode ser Adão. Só porque foi criado na graça, pôde o homem ser pecador».²⁷¹ Por isso, como se desenvolveu nos dois capítulos anteriores, o pecado original é uma situação de rutura entre Deus e o Homem; uma rutura com a mediação da graça de Cristo, a qual tem como referência inicial a figura de Adão. Ruiz de la Peña e Luis Ladaria afirmam que a teologia clássica cristã sobre o pecado original visou revelar a universalidade da redenção em Cristo e, ao mesmo tempo, visou esclarecer, com realismo, a força pecadora que age no Homem por meio da sua liberdade, isto é, visou esclarecer a fonte do pecado do mundo que se manifesta pelos pecados pessoais, o que colocava o fundamento último da solidariedade de toda a humanidade está em Adão, primeiro vivente de que todos descendemos e o pecado se converte como centro.²⁷² Luis Ladaria escreve que desse modo, Cristo só seria relevante para todos só porque todos estão afetados pelo pecado de origem.²⁷³

²⁷¹ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, XIV.

²⁷² Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 113-122; Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 79-86.

²⁷³ Cf. L. Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 108.

Por isso, ao falamos da nova hermenêutica sobre o pecado original significa que existiu uma ordem situacional antes de uma certa viragem. A inversão hermenêutica da doutrina do pecado original, como sugere Luis Ladaria, parte da mudança de uma concepção hamartiocêntrica da salvação que justificava a encarnação do Verbo Eterno como sendo motivada pelos pecados da Humanidade, isto dito de outro modo, que o Filho de Deus se encarnou para a remissão dos pecados.²⁷⁴ A perspectiva anterior da teologia clássica, segundo Luis Ladaria, fazia condicionar a encarnação à remissão do pecado e reduzia o plano salvífico de Deus e a sua gratuidade incondicional.

Luis Ladaria escreve a este respeito:

O significado universal de Jesus teria início somente com a sua obra redentora, de modo que, a graça rejeitada pelo homem desde o princípio nada tinha a ver com Jesus. Desse modo, Jesus não é então a medida do homem; facilmente aparece como um reparador do pecado de Adão, mas, porém, a sua redenção nos levará a bens mais altos que aos do princípio.²⁷⁵

A nova hermenêutica sobre a teologia do pecado original parte da visão da teologia segundo qual é a criação em Cristo que determina e orienta todo o sentido do mundo e da história humana: «a solidariedade em Cristo, cabeça da criação, é anterior a todo o vínculo humano»,²⁷⁶ ou ainda, na nova hermenêutica «parte-se do excesso incondicional da graça que é Cristo para interpretar a universalidade da condição pecadora e da sua origem “em Adão”».²⁷⁷ Partindo desta centralidade cristológica da história do Homem – sabendo que toda a criação surge de Cristo e para Cristo: foi afirmado em Luis Ladaria que não se pode imaginar qualquer dimensão do amor de Deus e de sua graça que não esteja mediada por Cristo, mesmo antes da encarnação.²⁷⁸

Assim, o pecado original a ter que ver com a solidariedade do Homem em Cristo desde a criação do mundo, porque todos os seres humanos, desde Adão, aparecem em relação com Cristo (cf. Cl 1,16-17), por cuja dimensão criadora, o ser humano e a sua filiação divina a Ele está destinado.²⁷⁹ É por esta razão que o pecado, como realidade da natureza histórica do Homem, sendo posterior ao desígnio primordial e salvífico de Deus, não é mais forte do que Cristo, e muito menos anterior a Ele. Ele, Cristo, está no início da criação como sua mediação, o que confere a Cristo a capacidade de a todos redimir, porque é cabeça de todos. Assim sendo,

²⁷⁴ Cf. L. Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 108.

²⁷⁵ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 108.

²⁷⁶ António Martins «*De Cristo a Adão: a inversão hermenêutica sobre a doutrina do pecado original na teologia atual*», 186.

²⁷⁷ António Martins «*De Cristo a Adão: a inversão hermenêutica sobre a doutrina do pecado original na teologia atual*», 180.

²⁷⁸ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 42.

²⁷⁹ Cf. António Martins «*De Cristo a Adão: a inversão hermenêutica sobre a doutrina do pecado original na teologia atual*», 187.

a solidariedade em Cristo é o fundamento da solidariedade humana, o que determina a situação existencial do Homem, mais pela lógica da graça do que pela lógica do pecado: Adão, fonte do pecado, é a figura daquele que havia de vir (cf. Rm 5,14), Cristo, como mediador da graça de Deus. É em Cristo que o mistério do Homem se esclarece (cf. *Gaudium et Spes*, 22).

É no esclarecimento do mistério do Homem no mistério de Cristo que também se interpreta a verdade sobre o pecado no Homem e no mundo. Assim, uma teologia da criação em Cristo, não exclui a redenção do pecado, mas simplesmente descentraliza o pecado da ação salvífica, porque o pecado, como já afirmámos, é posterior ao desígnio da predestinação do Homem em Cristo e à filiação divina.²⁸⁰

Ruiz de la Peña e Luis Ladaria entendem o pecado original como a rutura com a graça; o Homem, ao interromper o seu diálogo filial com Deus, quebrou a comunhão e a amizade com Ele. O pecado original é ainda entendido como a perda da semelhança divina que o Homem trazia em si, desde a sua criação, acabando por cair num estado de fragmentação interior que não lhe permitia decidir-se com facilidade e espontaneidade por Deus. A teologia sobre o pecado original é a contraposição da oferta de comunhão divinas que Deus desejou traçar com o ser humano desde os inícios da criação. Com efeito, a nova hermenêutica sobre o pecado original parte de uma leitura do fim para se entender o princípio, ou seja, parte-se da compreensão da vocação de todo Homem em Cristo, cabeça da criação e redentor da humanidade, para se entender Adão como mediador negativo da graça: Só quando, afirma Ruiz de la Peña, «nos é revelada em Cristo a vontade salvífica universal de Deus, é que se percebe com nitidez a necessidade da graça redentora»,²⁸¹ no sentido de que é Cristo quem revela o pecado do ser humano, de tal modo que, a cristologia e a soteriologia interpretam a hamartiologia e lhe dão pleno significado.

Por esta razão, para Ruiz de la Peña, a origem e o destino do Homem em Deus são marcados pela história de salvação e não pela história de condenação. Por isso, não é o pecado a realidade central na articulação da relação entre Deus e o Homem, mas sim a graça de Cristo: é esta que se encontra no princípio e no final da história. Cristo é aquele em cujo amor a criação e a história encontram consistência e desenvolvimento. Na verdade, é através da conceção de uma criação em Cristo e da sua Páscoa redentora, que podemos entender a noção do pecado original como recusa do amor divino que Deus oferece às suas criaturas feitas à sua imagem e

²⁸⁰ Cf. António Martins, «*De Cristo a Adão: a inversão hermenêutica sobre a doutrina do pecado original na teologia atual*», 188.

²⁸¹ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 79.

semelhança e como livre decisão do ser humano se opor a Cristo.²⁸² Do mesmo modo, Luis Ladaria afirma que o pecado original tem a ver com a solidariedade do ser humano em Cristo, uma vez que só pode ser plenamente conhecido e compreendido à luz da revelação cristã, ou seja, a partir da manifestação do amor e da justiça redentora de Deus em Jesus Cristo. Com efeito, é à luz de uma soteriologia anunciada e realizada por Jesus Cristo que se descobre a verdade do pecado “original”, bem como a necessidade de renovação mediante a graça. Tanto em Ruiz de la Peña quanto em Luis Ladaria, a história humana está marcada e determinada pela superabundância da graça de Cristo: a solidariedade em Cristo é anterior à solidariedade com Adão: Cristo é a cabeça da criação. Por Ele e para Ele é que tudo foi criado. É Ele o mediador do amor de Deus e da sua graça, mesmo antes da sua encarnação.

Contudo, a nova hermenêutica sobre o pecado original define que o elemento original para a compreensão da realidade e do Homem não é o pecado, mas a graça que Deus revela por meio de Cristo. Ao mesmo tempo, a força da graça de Cristo purifica a realidade da situação universal de pecado. Cristo ao destruir pelo sacrifício da cruz a raiz última do pecado, devolveu ao ser humano aquele desígnio primordial que Deus tinha traçado para a Humanidade.

3.1.3 Superioridade da graça sobre o pecado

Ruiz de la Peña trata da graça como amor divino *humanado* em Jesus Cristo e, a partir de Cristo, comunicável e comunicado sem restrição a todos os membros da família humana.²⁸³ Do mesmo modo, Luis Ladaria afirma que a vinda de Jesus ao mundo não tem outro pressuposto a não ser o amor de Deus; por isso, Jesus é a «graça», ou seja, a manifestação do amor gratuito e desinteressado do Pai.²⁸⁴

Desta forma, o desejo de Deus em auto comunicar-Se ao Homem determina a história do mesmo Homem como uma história de salvação, isto é, o ser humano entra na predestinação filial, do princípio ao fim, sob o regime da graça.²⁸⁵ Esta experiência está marcada, desde sempre, pela graça de Cristo: esta tem o poder de divinizar o homem e a mulher, ou seja, de os tornar filhos de Deus.

²⁸² Segundo Franco Brambilla, teólogo que também assume a nova hermenêutica sobre o pecado original focado na predestinação/criação em Cristo, sustenta que o pecado original é um projeto da autossalvação que consiste em salvar-se fora do dom de Deus (Franco Brambilla, *Antropologia Teologica*, 538).

²⁸³ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 202.

²⁸⁴ Cf. Luis Ladaria, *Teologia del pecado original y de la gracia*, 136.

²⁸⁵ Cf. Franco Brambilla, *Antropologia Teologica*, 415.

Por esta razão, a graça, segundo a concepção cristã, afirma Ruiz de la Peña e Luis Ladaria, tem um nome e um rosto, Jesus Cristo; é dele que todo o homem e toda a mulher recebem graça sobre graça (cf. Jo 1,16), ou seja, são agraciados por Deus em seu Filho.²⁸⁶ Ruiz de la Peña, ao desenvolver o tema da graça e da justificação, sublinha que Cristo é a fonte da graça, de modo que toda a história do ser humano passa por Cristo e acontece em Cristo: é em Cristo que Deus abaixou-se, condescendeu-se pelo ser humano e o ser humano transcendeu-se até Deus por meio da graça. De igual modo, Luis Ladaria sublinha que a mediação de Cristo introduz o ser humano numa vida nova e na graça de Deus, isto é, na filiação em Deus.

Para os nossos dois autores, a graça de Cristo é superior ao pecado. Luis Ladaria afirma que o dom de Cristo excede o pecado de Adão, porque apesar da história humana estar de certa maneira marcada pela solidariedade negativa com o pecado de Adão, a solidariedade positiva em Cristo e na sua graça é muito mais elevada. Por isso é que, ajudados por Battista Mondin, podemos completar assim: «a graça é a realização maravilhosa do amor infinito de Deus na vida do homem; uma comunhão divina, uma riqueza de luz e força para a conquista da vida eterna, que exige uma ativa cooperação do homem com seu Deus salvador».²⁸⁷

É a verdade sobre a graça que procuramos definir, guiados por Antonio Pitta, como um extraordinário dom de Deus que supera substancialmente a fragilidade, isto é, a condição de pecado do ser humano e o faz merecer, por gratuidade divina, a filiação divina em Jesus Cristo. Deste modo, a graça de Cristo confere ao Homem a possibilidade de viver em comunhão com Deus como critério último e autêntico da vida humana e gera no Homem uma familiaridade com Deus que santifica a sua existência pessoal. O Homem passa a ver-se livre do pecado, porque a força santificadora que a graça comporta é uma vitória sobre o pecado que leva à transformação da história humana: o Homem passa de uma existência marcada pelo pecado a uma existência redimida, ou seja, a graça de Cristo para além de ser criadora, é também redentor, ou seja, aparece como superação do pecado e recriação do ser humano. Por isso, Luis Ladaria afirma: «a graça como é apresentada no Novo Testamento não é primariamente algo que o homem possui, mas sim a atitude benevolente de Deus, realizada e manifestada em Cristo, fonte de salvação para os homens».²⁸⁸

Portanto, a superioridade da graça sobre o pecado deve entender-se dentro da visão do desígnio salvífico de Deus em Cristo como mediação primordial, dentro do horizonte da criação do Homem em Cristo. Tanto Ruiz de la Peña quanto Luis Ladaria reconhecem que o plano

²⁸⁶ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 136; Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 202.

²⁸⁷ Battista Mondin, *Antropologia Teológica: história, problemas e perspectivas*, 260.

²⁸⁸ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 149.

original salvífico e divinizante de Deus sobre o Homem, por meio da graça que é amor divino, não tiveram acolhimento favorável por parte do Homem. Isto fez com que o pecado, a graça fossem duas realidades que passaram a marcar as coordenadas da relação do Homem com Deus desde o início da criação do mundo. Os nossos dois autores, porém, reconhecem que destas duas forças contrárias no ser humano, a graça é a que teve e continuará a ter a primazia, porque ela é a palavra primeira e última de Deus sobre o Homem.²⁸⁹ Com efeito, o máximo dom que Deus concede a Humanidade é o dom do seu próprio Filho, pois Cristo e a sua obra são «graça» por excelência.

Por fim, a superioridade da graça sobre o pecado significa que a graça de Cristo nunca deixa de estar presente, desde o início até ao final da história salvífica, como um dom que impulsiona o Homem a viver a relação permanente de comunhão com Deus no amor e na obediência: «a graça vem de Deus e manifestou-se em Cristo, tem, pois, uma dimensão objetiva que abarca tendencialmente toda a criação, já que toda ela foi criada em Cristo. Portanto, aquele que crê em Jesus se encontra «em graça», ou seja, no âmbito de Deus.²⁹⁰

3.1.4 Centralidade cristológica da redenção/justificação

O tema da redenção/justificação como manifestação do amor e da misericórdia de Deus que perdoa os pecados da humanidade por meio de Cristo, como redenção e justificação plenos, ocupa extensas páginas na obra de antropologia especial de Ruiz de la Peña e Luis Ladaria. Por esta razão, diante do longo e profundo desenvolvimento que fazem os nossos autores, tivemos de fazer opções, de modo que, em Ruiz de la Peña focamo-nos na secção bíblica onde desenvolvemos a redenção/justificação no horizonte dos dois Testamentos; em Luis Ladaria desenvolvemos com certa brevidade a secção bíblica e um maior desenvolvimento da secção histórica das determinações do Magistério com a reforma protestante e com o Concílio de Trento.

A redenção/justificação, tendo como pressuposto as cartas de Paulo, aparece em Ruiz de la Peña como manifestação graciosa e misericordiosa de Deus em seu Filho Jesus que leva ao extremo o amor divino, pela sua morte e ressurreição: «Ele, que nem sequer poupou o seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós...» (Rm 8,32); Segundo Ruiz de la Peña, a entrega que Deus faz de Si mesmo em seu Filho, foi também para a redenção do pecado e a salvação

²⁸⁹ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 161; Luis Ladaria, *Teología del pecado original e del gracia*, 33.

²⁹⁰ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 149.

da morte: «porque, assim como por um homem veio a morte, também por um homem vem a ressurreição dos mortos» (1 Cor 15, 21). Com efeito, a redenção/justificação, não se dá pelas obras humanas, mas única e exclusivamente, mediante a fé em Jesus Cristo, misericórdia de Deus.²⁹¹ De igual modo, em Luis Ladaria a redenção/justificação acontecem em Jesus que manifesta a justiça de Deus e realiza a ação redentora do ser humano (cf. Rm 5, 12-20): «a humanidade e o mundo são destinatários da reconciliação que Deus realiza com a mediação de Cristo».²⁹²

Deste modo, sobre a centralidade cristológica da redenção/justificação encontram-se em nossos autores convergências na vertente bíblica, com grande realce a interpretação antropológica que Ruiz de la Peña e Luis Ladaria fazem da ação redentora de Cristo descrita nos Evangelhos e nas cartas de Paulo, especialmente a carta aos Romanos. A secção histórica embora somente desenvolvida em Luis Ladaria tem grande importância para o nosso estudo porque tem a ver com o debate antropológico do que acontece realmente no ser humano justificado: a transformação plena e remissão total do pecado ou simplesmente uma parcial transformação interior.

Assim sendo, Ruiz de la Peña e Luis Ladaria marcam o mistério de Cristo como a realidade que define a centralidade da redenção/justificação, uma vez que o processo de reconciliação entre Deus e o Homem acontece e se cumpre na pessoa de Jesus Cristo. Por esta razão, a salvação redentora que o Homem recebe de Deus é a comunicação do próprio Deus que se comunica a Si mesmo na existência humana do Filho Eterno: a comunhão com Deus que a filiação divina possibilita, tem definição trinitária, e realiza-se no Homem através da mediação de Jesus Cristo.²⁹³

Ruiz de la Peña chama a atenção para o facto de que a oferta salvífica que se realiza no Novo Testamento, como fonte da salvação e da redenção do Homem, é a oferta do próprio Filho de Deus, Jesus Cristo: a *cháris* (graça) não é algo, mas *alguém*. Não basta dizer que tivemos acesso a ela por Cristo (cf. Rm 5,2), é preciso dizer também que o dom é o próprio Cristo: Ele é, de facto, aquilo que nos foi graciosamente dado (cf. Rm 8,32).²⁹⁴ Quer isto dizer que a redenção operada por Cristo é a manifestação da graça para o mundo; é ainda a manifestação do amor divino que reconcilia o distanciamento que existia entre o Homem e Deus devido ao pecado.

²⁹¹ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 96.

²⁹² Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 69.

²⁹³ Cf. Franco Brambilla, *Antropologia Teologica*, 423.

²⁹⁴ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 250.

De igual modo, Luis Ladaria escreve que Deus, ao manifestar-se ao Homem oferecendo-lhe a Sua comunhão trinitária com o objetivo de salvar e de levar à plenitude a existência humana, libertando-a do pecado e da morte, comunicou-Se a Si mesmo, fez-se dom para o mundo na encarnação do seu próprio Filho: no reconhecimento da mediação de Cristo, mediante a fé, os seres humanos são justificados, uma vez que o ato redentor realizado por Jesus colocou o homem e a mulher numa nova situação objetiva de graça em absoluto contrária à situação de pecado, ou seja, pela morte e ressurreição de Jesus, o Pai reconciliou o mundo consigo.²⁹⁵

Pode-se assim dizer que em Ruiz de la Peña e em Luis Ladaria, a encarnação do Verbo Eterno de Deus marca o momento supremo da solidariedade histórica entre Deus, o Homem e toda a criação. Desta forma, ninguém pode experimentar objetivamente a oferta salvífica sem fazer a experiência da presença de Cristo redentor, ou seja, sem seguir Jesus e partilhar com Ele o seu destino, vividos numa relação marcada por vínculos sólidos de afetividade e de comunhão com Ele. Deixando-nos, agora, ajudar por Gerald O'Collins, podemos afirmar que toda a experiência salvífica passa pela aceitação de Cristo que se dá pela ação do seu Espírito Santo: «ninguém pode fazer experiência da oferta de salvação sem fazer experiência, nem que obscuramente, da presença de Cristo como redentor».²⁹⁶

A centralidade cristológica da redenção/justificação, tão acentuada no discurso dos nossos autores, não é um abstracionismo teológico e muito menos histórico, mas sim uma constatação adquirida a partir da revelação histórica do próprio Deus, na ação e na mensagem do seu Filho Jesus, salvador e redentor da Humanidade conforme nos apresenta o Novo Testamento. Com efeito, Cristo é a nossa salvação; o ser humano é redimido pela totalidade do seu mistério: pela sua mediação criadora, pela sua encarnação, pelos seus gestos históricos de proximidade no seu relacionamento com homens e mulheres, pelo seu sacrifício de cruz, pela sua ressurreição. Por tudo isto, Jesus Cristo é o protótipo, o primogénito e o mediador da graça. É n'Ele que o Homem foi escolhido e predestinado por Deus desde toda a eternidade para ser filho e herdeiro da vida eterna; é em Jesus Cristo que Deus se decidiu pelo Homem muito antes deste se ter decidido pela desobediência, pelo pecado. Portanto, Deus ao decidir-se pelo Homem, fê-lo de maneira a transformá-lo inteiramente, por isso, na secção histórica, Luis Ladaria ao comentar o 7º capítulo da essência e sobre as causas da justificação vem afirmado que a vida e a ação de Jesus Cristo redentor produzem, nos seres humanos que O acolhem, a renovação da sua existência pecadora e a transformação da sua vida de simples criaturas para a

²⁹⁵ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 231.

²⁹⁶ Gerald O'Collins, *Cristologia: uno studio Biblico, Storico e Sistemico su Gesù Cristo*, terza edizione, Queriniana, 1997, 298.

sua estatura de filhos de Deus, isto é, o Homem entra na condição de justiça e de amigo de Deus.²⁹⁷

3.1.5 Virtudes teologais resultados da justificação: fé, caridade e esperança

Ruiz de la Peña e Luis Ladaria não desenvolvem de modo sistemático o tema das virtudes teologias uma a uma, ou seja, não se encontra um bloco exclusivo na obra dos dois autores desenvolvido o tema das virtudes teologais em si mesmas. Porém, Luis Ladaria faz um pequeno relato das três juntas, mas sem a intenção de desenvolvê-las sistematicamente, apenas para trazer ao de cima a importância das atitudes fundamentais do Homem justificado.²⁹⁸

A fé em Luis Ladaria aparece mais desenvolvido no tema da justificação pela fé a partir dos dados paulinos, na Reforma Protestante e no Concílio de Trento, neste último, a fé aparece sempre interligada com as obras, ou seja, uma fé operante. Em Ruiz de la Peña, o tema da fé aparece no desenvolvimento da justificação em Deus e no tema da graça no Novo Testamento relacionado com o seguimento de Cristo; na justificação pela fé em Paulo e em João, a fé, diz Ruiz de la Peña, aparece como dom do Pai «ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou o não atrair» (Jo 6,44).

Sobre o tema da caridade, Ruiz de la Peña desenvolve-o dentro do conjunto das dimensões da graça no horizonte do *ser em Cristo*, ou seja, no horizonte da participação na filiação divina; em Luis Ladaria também o tema da caridade é desenvolvido no horizonte da graça como plenitude da filiação divina. O tema da esperança é muito mais desenvolvido em Ruiz de la Peña do que em Luis Ladaria, neste, aparece somente dentro do desenvolvimento da justificação no Concílio de Trento quando se aborda acerca da esperança da salvação, ou seja, da certeza da esperança, ao passo que em Ruiz de la Peña a esperança aparece como uma das dimensões da graça.

É, portanto, nesta disposição das virtudes teologais no desenvolvimento que fizemos, que passamos a definir as convergências entre Ruiz de la Peña e Luis Ladaria.

Como temos vindo a sublinhar, a graça é um dom de Deus, é o amor divino derramado no coração do Homem; penetrando tal amor no seu interior, transforma-o numa nova criatura de tal modo que a sua nova existência, ou melhor ainda, a sua nova vida em graça faz com que

²⁹⁷ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 211.

²⁹⁸ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 290-295.

o ser humano assuma a totalidade da sua história à luz da sua adesão ao mistério de Cristo, passando a viver a sua vida nova em Cristo pela fé, pela caridade e pela esperança. Deste modo, a justificação e a graça dispõem o ser humano, agora imbuído das virtudes teologais, a testemunhar a vida nova que lhe foi alcançada pelos méritos de Jesus Cristo, mediador da criação e da redenção. Por isso, Ruiz de la Peña e Luis Ladaria encaram a fé, a caridade e a esperança como efeitos da graça e da justificação na vida do Homem, dado que é pelas virtudes teologais que se manifestam a participação do ser humano da vida divina e a sua disposição de filho muito amado de Deus.

Segundo Luis Ladaria, a fé é a confissão em Jesus Cristo como Senhor e Salvador. Para Luis Ladaria, ter fé é reconhecer Jesus como o sujeito da justificação do Homem e da sua salvação: «é o princípio da salvação humana, fundamento e raiz de toda a justificação, sem a qual, é impossível agradar a Deus» (Heb 11,6),²⁹⁹ ou seja, a fé é a confiança firme na palavra de Deus e na sua promessa como garante único da redenção e da salvação do Homem. Para Luis Ladaria, a fé é ainda entrega pessoal e o total abandono em Deus: «pela fé conhece-se a revelação da justiça de Deus, aceita-se a mensagem cristã, e inseparavelmente com ela o homem confia-se completamente em Deus renunciando a fundar-se em si mesmo e alcançar a salvação pelas suas próprias forças».³⁰⁰

De igual modo, para Ruiz de la Peña, a fé apreende-se no seguimento de Jesus Cristo e na partilha da sua vida e do seu destino: «a fé comporta um elemento de adesão pessoal (...); só aquele que crê é seguidor; só é seguidor aquele que é crente».³⁰¹ Para Ruiz de la Peña a fé resulta do reconhecimento da entrega gratuita, do amor e da misericórdia que Deus faz de Si mesmo na Pessoa do seu Filho Jesus: «o sinal que exige-se de Jesus para ser acreditado é o próprio Jesus (cf. Lc 11, 29-32); quem recusa a Jesus «recusa aquele que o enviou» (Lc 10,16); quem o recebe, «recebe aquele que o tem enviado» (Mc 9,37)».³⁰²

Como se vê, é bem claro para os nossos autores que a fé é essencialmente a adesão a Cristo, é abandono confiante, generoso e amoroso do ser humano ao ser divino e pessoal que generosamente se autocomunicou ao Homem, visando a sua salvação e a sua santificação, ou seja, a fé, como escreve Ruiz de la Peña é «adesão pessoal do cristão a Cristo; é o reconhecimento expresso da necessidade absoluta de Cristo e a entrega inteiramente a Ele, em resposta a total autoentrega com que Cristo fez de si mesmo».³⁰³ Pode-se por isso afirmar, que

²⁹⁹ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 214.

³⁰⁰ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 194.

³⁰¹ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 241-242.

³⁰² Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 241.

³⁰³ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 257.

a fé é a resposta amorosa ao amor divino que foi dado ao Homem; é a aceitação de Deus que vem até à humanidade; é a total opção por Deus que habita no ser humano.³⁰⁴

Tanto Ruiz de la Peña quanto Luis Ladaria associam as obras de amor (virtude da caridade) com a fé: «a fé paulina inclui as obras de caridade; a retidão do crer (ortodoxia) é inseparável da retidão do agir (ortopraxis)»;³⁰⁵ «a fé que não se manifesta na vida prática está morta, ou seja, não é autêntica fé; as obras de amor são as que aperfeiçoam a fé».³⁰⁶

O reconhecimento de Ruiz de la Peña e Luis Ladaria sobre a fé como atitude que acolhe a vida divina e a filiação em Deus por Jesus Cristo vem acompanhado pelo reconhecimento da virtude do amor como qualidade que anima os filhos de Deus que se reconhecem e se aceitam como irmãos uns dos outros, vivendo em plena comunhão por vínculos afetivos de amor. Escreve Ruiz de la Peña: «a existência cristoforme implica repercussões na vida prática; aquele que é como Cristo tem de viver, sentir e agir como Ele».³⁰⁷ Isto significa que a fé tem a sua expressão no amor fraterno, por isso, a adesão firme a Cristo implica viver e agir em conformidade com Ele, uma vez que Cristo fez da sua vida terrena uma total entrega à Humanidade, tornando-se para cada homem e para cada mulher um modelo de extraordinária expressão de amor.

Luis Ladaria di-lo também deste modo: «a paternidade divina, segundo o Novo Testamento, deriva para nós da união com Jesus. Estamos chamados a ser e somos já de algum modo *um*, porque em Jesus, primogénito entre muitos irmãos, temos o caminho para aproximarmo-nos do Pai comum, e podemos em consequência reconhecer como irmãos todos os homens».³⁰⁸ Entretanto, para Ruiz de la Peña, também o reconhecimento de Deus como Pai de Jesus e nosso Pai implica aceitarmo-nos a todos como irmãos, ou seja, somos filhos antes que irmãos e somos irmãos porque somos filhos. Por esta razão afirma Ruiz de la Peña: «o único modo de viver em verdade a nossa condição filial é viver a nossa condição fraternal».³⁰⁹

Para Ruiz de la Peña e Luis Ladaria a autenticidade cristã dá-se na unidade identitária do amor a Deus e do amor ao ser humano, ou seja, os nossos autores afirmam a impossível dissociação entre o amor a Deus e o amor aos irmãos que sublinham ser um único mandamento. Luis Ladaria escreve: «aparece muito expresso nos escritos joaninos a vinculação íntima entre o amor a Deus e o amor ao irmão; não pode existir o primeiro se não existe o segundo, visto

³⁰⁴ Cf. Johan Auer, *Il vangelo della grazia*, 173.

³⁰⁵ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 259.

³⁰⁶ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 197.

³⁰⁷ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 328.

³⁰⁸ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 263.

³⁰⁹ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 385.

que não pode amar a Deus a quem não vê aquele que não ama o próximo a quem vê»;³¹⁰ Ruiz de la Peña também afirma: «os cristãos acreditamos que se dá uma unidade de efeito entre o amor a Deus e o amor aos homens».³¹¹ Portanto, Deus é a única razão pelo qual se deve amar o próximo, dado que é no próximo que Deus habita. Não admira que Ruiz de la Peña e Luis Ladaria entendam o amor aos irmãos como a autenticação do amor a Deus e considerem que uma autêntica filiação divina se realiza e se compreende na autêntica relação fraterna; por outras palavras: a autenticidade da filiação divina exprime-se na autenticidade da comunhão fraterna.³¹² Assim, a mútua associação do amor de Deus e do amor aos irmãos, num único mandamento, significa conjugar o amor a Deus e a firme realização da sua vontade, sem perder de vista que o primado do amor recai sempre em Deus, mas que, do ponto de vista prático, recai sempre no irmão dado que este é o sujeito imediato para quem se orientam as nossas boas obras, as quais que por sua vez são a expressão da realização da vontade de Deus.

Portanto, para o ser humano justificado, isto é, que se encontra existencialmente sob o domínio da graça de Deus em Cristo, a prática e a vivência do amor fraterno não é uma atitude facultativa ou vista como mais uma entre tantas outras ações da existência humana e da vida do crente; o amor fraterno é uma exigência necessária, senão mesmo uma vocação, a forma por excelência de existir no mundo por quem se deixou alcançar pela graça de Cristo; esta implica viver como Ele viveu. No entanto, todo o ser humano justificado e transformado, porque feito filho de Deus em Cristo, deve imitar na vida o amor do Salvador.

Em Ruiz de la Peña e em Luis Ladaria encontra-se desenvolvido a esperança como virtude suportada pela fé e vice-versa. A Carta aos Hebreus é sempre a referência para tal desenvolvimento: «a fé é a garantia das coisas que se esperam e a certeza daquelas que não se veem» (Heb 11,1). A fé assim entendida, como já o referimos, é fiel abandono em Deus, é renúncia a todas as autossuficiências humanas e à tentação de gloriar-se nas próprias obras. Ruiz de la Peña afirma que esta vida de graça é pura e simplesmente, a vida, ou a vida eterna, embora aguardando a consumação final para qual tende a nossa esperança, “Deus”.³¹³ Por isso, que à virtude da fé segue-se a virtude da esperança a partir da qual se impõe, necessariamente, a atitude da confiança.³¹⁴ Luis Ladaria afirma também que a esperança cristã, que se prolonga na história pela esperança de cada crente, funda-se na confiança de que o Senhor cumprirá as

³¹⁰ Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 292.

³¹¹ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 386.

³¹² Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 385; Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 294.

³¹³ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 390.

³¹⁴ Cf. Ruiz de la Peña na sua obra: *La pascua de la creación*, desenvolve esta dinâmica entre a esperança e a confiança: «o Homem só espera quando confia; só confia quando sabe que alguém crê nele e nele espera» (*La pascua de la creación*, BAC, Madrid, 1996, 29).

suas promessas.³¹⁵ Isto leva-nos à ideia central de que nos dois autores o fundamento exclusivo da esperança é sempre Deus, o realizador da promessa. Por isso, Ruiz de la Peña, partindo do pressuposto que o Deus da criação é o mesmo Deus da salvação, reconhece que a justificação e a divinização do ser humano são um processo progressivo de apropriação da forma de ser e de agir de Cristo: «a divinização e a consecução da filiação por graça não é um sucesso pontual, mas sim um processo teleologicamente orientado até a consumação; tal processo culmina e se clausura no *éschaton*».³¹⁶ Por outras palavras, a graça de Cristo que experimentamos no hoje da nossa história cresce até chegar à realização e à consumação definitiva na glória eterna, onde veremos o Senhor tal como Ele é.

É também nesta lógica progressiva e de crescimento que Luis Ladaria afirma que a salvação é já uma realidade no tempo, só que, ainda esperada (cf. Rm 8,24),³¹⁷ eis a razão de fiar-se na “certeza da esperança”. Isto significa que a fé em Jesus ressuscitado, salvador da Humanidade nos remete a “certeza da esperança” na segunda e definitiva vinda do Senhor, a sua manifestação plena na glória.³¹⁸ Por isso, para Luis Ladaria a vida cristã é um caminhar fixos com os olhos em Jesus que tem o seu início e a sua consumação na fé (cf. Heb 12,2), que significa confiança em Deus e na sua graça.³¹⁹

A perspetiva de tensão escatológica, do já realizado e do ainda esperado, ou seja, o viver na graça e o caminhar para a glória, asseguram-nos também outros autores tais como: Battista Mondin que, ao referir-se a Jürgen Moltmann afirma que não existe manifestação de Deus que não seja, ao mesmo tempo, também antecipação e promessa de gestos ulteriores de salvação para a Humanidade.³²⁰ A mesma ideia encontramos-la em Giani Colzani quando defende que, em virtude da esperança, a vida teologal, isto é, a vida da graça, aparece inacabada e projetada para uma realização que ainda não se possui.³²¹ Isto é o que procuramos sublinhar em Ruiz de la Peña que vale apenas reafirmá-lo outra vez: o estado de graça em que o Homem habita e a

³¹⁵ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 291.

³¹⁶ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 389.

³¹⁷ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 291.

³¹⁸ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 291.

³¹⁹ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 291.

³²⁰ Cf. Battista Mondin, *Antropologia Teológica: história, problemas, perspectiva*, 348; Battista Mondin faz referência a Jürgen Moltmann, *Theologie der Hoffnung*, Kaiser, Munique, 1974, 13-14, 30 ss. Nesta obra de Moltmann que procuramos consultar na tradução italiana encontramos alguns rasgos pertinentes desta mútua implicação entre fé e esperança: diz o autor que a esperança é por conseguinte a companheira inseparável da fé; pois pela fé se acredita que Deus é verdadeiro e pela esperança se espera que Deus revela ao seu tempo a sua própria veracidade; pela fé se acredita que Deus é nosso Pai e pela esperança se espera que Deus se manifesta sempre perante a nós; pela fé se acredita que recebemos a vida eterna e pela esperança se espera que o receberemos em algum dia na sua totalidade; por fim, diz o autor que na vida cristã a prioridade pertence à fé, mas o primado pertence à esperança (Jürgen Moltmann, *Teologia della speranza*, Queriniana, Brescia, 1970, 14). Fica aqui a ideia de que o cristão é chamado a fundar o seu percurso na esperança rumo à pátria eterna.

³²¹ Cf. Giani Colzani, *l'uomo-paradosso e mistério*, Edizioni Dehoniane Bolonha, 1988, 323.

graça que habita nele, é já uma experiência de glória: «esta vida de graça é pura e simplesmente, a vida, ou a vida eterna, embora aguardado ainda a consumação final para a qual tende a nossa esperança. Não existe duas vidas, esta e a outra, há somente uma única vida que se vive de duas maneiras: no tempo e na eternidade; na graça e na glória».³²²

Como ficou claro, a fé aponta-nos para um futuro de apropriação do mistério de Cristo na sua plenitude. A esperança é a expressão do dom divino que nos dá segurança neste caminho, enquanto se desenvolve o fiel cumprimento da promessa do Senhor, a nossa salvação progressiva. Pela esperança reafirma-se e vai-se renovando em nós, cada vez mais, a consciência da participação futura na infinitude divina, pelo seguinte: em Cristo fomos renovados profundamente e orientados a participar da sua ressurreição e da sua glória. Por isso, a esperança é a certeza de que a vida do Homem justificado por Deus em Cristo já não é finita, pois, Deus pela sua autocomunicação incorporou-nos a Cristo mediante o dom do seu Espírito, e tal incorporação mediante a ressurreição de Cristo é até à eternidade com Deus.

Como acabámos de ver, as três virtudes teologais infundidas no ser humano por meio da graça e da justificação,³²³ são para ele um caminho de realização pessoal em Deus e de vida em e para santidade na medida em que definem toda a vida cristã na sua relação com Deus e, por conseguinte, na sua relação com a Humanidade, em perfeita fraternidade.³²⁴

3.2 SÍNTESE PESSOAL

A finalidade desta síntese, mais do que condensar todo o percurso da reflexão feita até aqui, tem a intenção de levar a acolher, a interpretar e a expor de forma mais pessoal as linhas teológicas de Ruiz de la Peña e de Luis Ladaria — as mais significativas para nós, de modo que nos ajudem a abalizar a nossa compreensão do dom da graça subjacente ao discurso da antropologia teológica. Não se estranhe que algumas ideias possam repetir-se por serem fundamentais e fundantes para o caminho que nos propusemos trilhar.

³²² Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 390.

³²³ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 214.

³²⁴ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 291.

3.2.1 Função antropológica da doutrina sobre o pecado original

Ao longo da história sempre se procurou ligar a doutrina acerca do pecado original à redenção em Cristo: partindo-se de Cristo como redentor da Humanidade, deduzia-se a existência e a universalidade do pecado. S. Paulo foi o primeiro a pôr em evidência a relação entre a soteriologia centrada em Cristo e a universalidade do pecado fundado em Adão (cf. Rm 3, 22-24; 5,12-21). Para o Apóstolo, a salvação operada por Jesus Cristo consistiu em eliminar, do mundo e do género humano, o pecado que teve início em Adão. Esta doutrina foi retomada por Santo Agostinho ao ensinar que a ação de Cristo é redentora porque o Filho Unigénito de Deus, igual ao Pai, assumiu integralmente a natureza humana e se ofereceu em sacrifício por todos os pecadores, a fim de os livrar tanto do pecado original como dos pecados pessoais: pela sua morte e ressurreição, redimiu todos os humanos, dando-lhes a possibilidade de participar da mesma herança do Filho.³²⁵

Daqui se depreende que, como escreve Luis Ladaria, abrangendo a ação de Jesus Cristo dimensões universais, todo o homem e toda a mulher necessita da redenção de Cristo: Cristo veio para todos, porque todos pecaram e vivem numa atmosfera existencial marcado pelo pecado de Adão; desta situação de pecado universal, o ser humano só se pôde ver livre por meio da graça, pela ação de Cristo.³²⁶

Iluminados pelas obras de Ruiz de la Peña e Luis Ladaria, afirmamos que esta perspetiva, que liga intrinsecamente a redenção operada por Cristo ao pecado universal, faz depender o mistério salvífico de Cristo do mistério do pecado, não é perspetiva equilibrada, na medida em que pode secundarizar a livre iniciativa salvífica divina e a sua gratuidade dentro de um plano salvífico desejado por Deus desde a criação; este que teve a sua maior expressão na livre autocomunicação de Deus ao Homem mediante a encarnação do seu Filho.

Ruiz de la Peña atesta esta gratuidade divina ao afirmar: «a encarnação não é, antes de mais, mistério de redenção e de reconciliação: é, acima de tudo, o mistério da divinização, do qual a criação do homem à imagem de Deus (Gn 1,26) constitui o seu primeiro esboço».³²⁷ Ruiz de la Peña ao afirmar a redenção e a reconciliação como subordinadas à Encarnação e não o contrário, oferece-nos uma nova e melhor compreensão do pecado.

³²⁵ Cf. Agostinho, *Tratados sobre la gracia*, tomo VI, BAC, Madrid, 1956, 177; Luis Ladaria afirma que a formulação da doutrina sobre o pecado original de Agostinho visa defender a universalidade da redenção de Cristo, só pela razão do pecado de Adão: esta doutrina sobre o pecado original teve grande incidência em Santo Agostinho. (Luis Ladaria, *Teologia del pecado original y de la gracia*, 90).

³²⁶ Cf. Luis Ladaria, *Teologia del pecado original y de la gracia*, 88.

³²⁷ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 163.

Lendo Brambilla vemos acentuada com clareza acerca disto:

A doutrina sobre o pecado original possui rigorosamente um caráter “secundário”, dado que surgiu depois da boa nova da criação em Cristo; ela tem, na verdade ainda um caráter de “penúltimo”, porque surge “primeiro e em função” da redenção em Cristo. A primeira e a última palavra do Evangelho são o chamamento em Cristo e a reconciliação n’Ele.³²⁸

Por isso, não é nossa intenção deixar de lado a perspectiva que coloca o pecado como motivo do mistério da Encarnação e redenção, pois estamos conscientes do peso na história da Humanidade; é verdade que, em Cristo, fomos também reconciliados com Deus. Queremos, contudo, sublinhar e apoiar a centralidade do mistério de Cristo que, como vem descrito no discurso teológico dos nossos dois autores de base e noutros escritores contemporâneos que referimos é muito mais amplo do que os mistérios da redenção e da reconciliação pelos quais se operou a nossa justificação.

A compreensão do mistério de Cristo remete-nos para a visão do mistério da criação e da predestinação de todo Homem em Cristo para que, com Ele, possa participar da vida divina e da visão beatífica. A partir desta centralidade cristológica na sua amplitude, queremos sugerir que a função da doutrina sobre o pecado original é uma *função antropológica* mais do que soteriológica. A nova hermenêutica sobre o pecado original à luz do mistério e da criação em Cristo, como foi afirmado acima, mais do que defender a universalidade da redenção em Cristo, isto é, uma ação salvífica que procura reparar o pecado, tem como objetivo revelar a rejeição inicial e universal do ser humano à relação filial em Cristo. Com efeito, a doutrina sobre o pecado original pode considerar-se como a sistematização de uma liberdade pessoal e coletiva que se subtrai à doação que Deus faz de Si em Cristo e à possibilidade de conformação do ser humano ao dom do Espírito.³²⁹

A doutrina sobre o pecado original ajuda-nos a compreender a situação existencial do ser humano, quando este se afasta do diálogo filial com Deus; por outras palavras, a doutrina sobre o pecado original ajuda-nos a perceber o pecado e a dureza do coração humano e o seu egoísmo que o levam pelos caminhos da alienação negativa e da autodeterminação, no isolamento da sua própria existência distanciada de Deus. É o que encontramos também explícito em Brambilla: «a figura teológica do pecado é propriamente, e em última instância, a contraposição à vocação filial em Cristo e à vicissitude da liberdade que não assume a forma da obediência pascal de Cristo».³³⁰

³²⁸ Franco Brambilla, *Antropologia Teologica*, 548.

³²⁹ Cf. Franco Brambilla, *Antropologia Teologica*, 542.

³³⁰ Franco Brambilla, *Antropologia Teologica*, 541.

Com isso, a função antropológica da doutrina sobre o pecado original é também hermenêutica, porque nos ajuda, em certa medida, a apreender com seriedade o agir livre do ser humano e as consequências desta mesma liberdade, sempre que, em vez de se encaminhar para Deus e para a verdade divina, se aliena ao mundo e às coisas do mundo. Mais ainda, a doutrina sobre o pecado original serve para não se reduzir o agir negativo da liberdade a um gesto superficial; na verdade, quando a liberdade humana rejeita Deus, rejeita a autenticidade da própria existência, porque Deus é a razão primeira e última do existir humano. Por isso, em chave antropológica, a doutrina sobre o pecado original dá seriedade à trama do tecido social e das relações desastrosas que nela se realizam.³³¹ Deste modo, a doutrina sobre o pecado original desperta-nos para a consciência de que o mal no mundo não é fruto do acaso, mas a consequência da negação do amor de Deus, o fundamento da nossa existência. É este que dá pleno sentido à nossa própria vida, já que Ele que nos conduz à realização da nossa própria vocação filial em Cristo.

A doutrina sobre o pecado original ajuda-nos a compreender também com o que acontece ao Homem e no Homem, quando este se desvincula da relação filial com Deus que faz dele um ser de relação e de comunhão com Deus e lhe permite viver, também de modo pleno, a sua vocação de relação e de comunhão com o próximo.³³² O Homem, se for a dar-se conta do pecado original (*autoconsciência da sua condição pecadora*) como pecado social e pessoal, compreende isto: sempre que a sua liberdade se desvincula deste duplo horizonte de relação — Deus e o próximo —, atraiçoa a vontade de Deus que se realiza em Cristo, que é vontade de vida e de vida em abundância, em relação ao Homem e ao mundo. Portanto, querer auto determinar-se, sem o influxo de Cristo, na própria vida, é renunciar à vida autêntica, à vida na graça de Deus.

A função antropológica da doutrina sobre o pecado original é a de nos proporcionar a compreensão acerca de nós mesmos, já que ela sublinha a centralidade de Cristo como o horizonte onde o Homem encontra a solução da sua própria existência: «É no mistério de Cristo, Verbo encarnado que se esclarece o mistério do Homem» (Gaudium et Spes, 22). A vida do ser humano, tão alienada nas coisas deste mundo, explica-se à luz do Homem perfeito, Jesus Cristo, o qual viveu a sua existência terrena em total obediência ao Pai.

³³¹ Cf. António Martins «*De Cristo a Adão: a inversão hermenêutica sobre a doutrina do pecado original na teologia atual*», 189.

³³² Cf. António Martins «*De Cristo a Adão: a inversão hermenêutica sobre a doutrina do pecado original na teologia atual*», 189.

Por isso, a função antropológica da doutrina sobre o pecado original depreende-se melhor pela cristologia: o mistério de Cristo é também, na verdade, uma antropologia, uma vez que esta nos revela o Homem total, o Homem na sua plenitude, isto é, na posse plena do seu próprio ser, sem fragmentações, nem ruturas. É, pois, à luz do mistério de Cristo que se podem conjugar os dois horizontes do ser humano considerado em relação a Cristo: o primeiro, é o de termos sido chamados e predestinados n'Ele, desde a criação do mundo, para sermos filhos e co-herdeiros dos bens eternos; o segundo, é o de termos sido por Ele reconciliados com Deus mediante a sua cruz redentora, ou seja, pela sua morte e ressurreição.

Assim, a predestinação à vocação filial com Deus é anterior ao pecado, de modo que, o que motiva a autocomunicação de Deus é o seu amor infinito, solícito em realizar o seu projeto de tornar o Homem participante da sua vida divina. Com efeito, a necessidade da graça de Cristo não se deve, em princípio, à necessidade da superação do pecado, mas ao cumprimento da promessa divina de oferecer ao Homem a sua filiação divina, em Jesus Cristo. Portanto, por providência histórica, o pecado encontra a sua redenção na mesma graça que faz do Homem filho de Deus.

3.2.2 A graça de Deus e o dom da filiação divina

A graça é o conceito que acompanha a história salvífica do Homem na sua relação com Deus. É a palavra que dá sentido e sintetiza a história cristã como história de amor e de amizade entre Deus e o Homem. É a realidade que define a autocomunicação visível de Deus na pessoa do Filho que veio ao encontro de cada homem e de cada mulher para os elevar à dignidade de filhos de Deus e de os redimir do pecado.

A graça é a nova condição do género humano, é o estado a que se acede pelo dom gratuito de Deus e no qual se permanece pela força do Espírito Santo. Como já o afirmámos de muitas maneiras, a graça é o próprio Cristo: o dom de Deus por excelência é o seu próprio Filho, primogénito da criação e primogénito de entre os mortos, seu Filho dado ao mundo, através do qual o ser humano recebe o Espírito de adoção filial. E assim, na consciência de que Jesus é o sujeito da salvação do Homem, podemos afirmar com Otto Pesch que a graça é o agir salvífico de Deus sobre a vida do Homem justificado e é luz para o conhecimento amoroso de Deus que possibilita ao ser humano uma experiência de felicidade em comunhão com Ele.³³³

³³³ Cf. Otto Pesch, *Liberi per grazia*, 115.

Portanto, a graça dispõe o Homem a ser dominado pelo amor de Deus e a receber o influxo da vida divina, tornando-o capaz de participar da vida divina sem perder a sua personalidade e a sua identidade, e de experimentar um processo de transformação e transfiguração que lhe imprime uma conformação à imagem de Cristo. O amor de Deus que habita no Homem pelo dom do Espírito Santo, fonte da presença da graça, é a razão da sua santificação: é isto, o que a graça gera no ser humano alcançado, justificado, divinizado e feito filho adotivo por Deus. Segundo Brambilla, a relação de comunhão com Deus, através de Jesus Cristo, produz objetivamente dois efeitos no ser humano: «a filiação adotiva de Deus e a remissão do pecado».³³⁴ A este respeito, afirma Giani Colzani: a graça, como elemento da relação dinâmica entre Deus e o Homem, é uma qualidade espiritual, um “*habitus*”, que o Homem acolhe e por meio do qual responde, de forma vital e profunda, ao dom do Espírito de Deus: o dom da santidade, fonte de comunhão com Deus e horizonte para onde caminhar na liberdade dos filhos de Deus.³³⁵

Na verdade, graça é a realidade sobrenatural que explica a presença de Deus na vida do Homem, como dom, e que passa a ser a razão do seu novo ser e da sua vida nova. A graça é uma nova realidade aberta à existência em que o ser humano experimenta realmente a salvação e a redenção, a libertação e a renovação interior de vida, a santificação e o cumprimento da sua vocação filial.³³⁶ Portanto, a graça/Cristo potencializa ou, melhor ainda, qualifica divinamente a vida humana; de facto, quando a graça de Deus é acolhida, todo o ser do Homem se vê transfigurado: a vida humana alcança outro sentido e um outro valor.³³⁷

Podemos afirmar com relativa clareza, que o grande valor e o grande fruto que a graça produz é a condição humana de filho de Deus no seu Filho único, isto é, a condição de filhos divinizados. Com Ruiz de la Peña, podemos afirmar que a graça é essencialmente filiação e que a experiência da graça não pode não ser uma experiência de filiação divina semelhante à que vive o Filho Eterno que se fez Homem, em obediência ao Pai, e no serviço aos homens e mulheres de quem se fez irmão.³³⁸ Com efeito, a experiência de filiação divina é a participação na experiência de Cristo: é em Cristo, nosso irmão, que homens e mulheres são, com Ele, filhos e filhas do Pai celeste. É esta a perspectiva que marca a novidade da fé cristã; é esta, de facto, que rompe com todo individualismo e com toda a autocentralidade pessoal; homens e mulheres, são chamados, desde o princípio do mundo, a participar da mesma filiação divina: são todos

³³⁴ Franco Brambilla, *Antropologia Teologica*, 417.

³³⁵ Cf. Giani Colzani, *Antropologia teológica*, 158.

³³⁶ Cf. Franco Brambilla, *Antropologia Teologica*, 422.

³³⁷ Cf. Battista Mondin, *L'uomo secondo il disegno di Dio*, 305.

³³⁸ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 401.

irmãos e irmãs e filhos e filhas de Deus Pai. A filiação divina é um dom gratuito de Deus, pois, o ser humano não nasce filho ou filha de Deus. É Deus que, pelo excesso de sua misericórdia, acolhe qualquer ser humano que aceite a abrir-se a Jesus, o Filho Unigénito: somente por meio d'Ele é que alguém toma parte da filiação divina.

Esta perspectiva da mediação de Cristo na nossa filiação divina faz-nos perceber que não somos adotados filialmente por toda a Trindade: não somos filhos de Deus Pai, de Deus Filho e de Deus Espírito Santo, mas sim filhos e filhas herdeiros do Pai, a primeira pessoa da Santíssima Trindade a qual enviou o seu Filho ao mundo; somos irmãos co-herdeiros de Cristo, o Enviado do Pai, e somos animados pelo Espírito Santo, enviado pelo Pai e pelo Filho. É o Espírito Santo quem dá testemunho da nossa filiação, enquanto princípio ativo da mesma, e que nos possibilita viver filialmente.³³⁹

A filiação divina dá-se, primeiramente, através do grande intercâmbio de naturezas por meio da encarnação do Verbo de Deus: o Filho Eterno do Pai assume a nossa natureza humana para nos transmitir a sua natureza divina e nos fazer participantes da intimidade divina; só depois, por meio do sacramento do Batismo que gera uma transformação interna no ser humano é que se lhe confere o carácter de filho de Deus. É o Batismo que, de facto, torna objetiva a nossa condição de filhos e de filhas de Deus, já que é pelo dom da fé, transmitido por este sacramento, que se assume tal estatuto de filho ou filha de Deus; entra-se, então, na experiência vital de comunhão com Deus, em Cristo, pelo dom do Espírito Santo.

3.2.3 Comunhão com Deus e comunhão da Humanidade entre si

A vida de comunhão com Deus é a vocação primeira e fundamental do Homem. É do desejo e da liberdade de Deus fazer o Homem participar da sua intimidade divina e gozar dos bens da sua divindade.

Através de Ruiz de la Peña e de Luis Ladaria percebemos que o projeto de Deus, anterior à criação do Homem, era o de estabelecer com este uma íntima relação de comunhão de vidas e de salvação. A relação íntima entre a criação e a salvação exprime o desígnio salvífico de Deus em criar o Homem de modo que este pudesse experimentar a mesma vida de Deus e chegar a ser à imagem do seu Filho Unigénito; este, por sua vez, seria uma mediação positiva da graça para toda a Humanidade.

³³⁹ Cf. Maurizio Flick; Zoltan Alszechy, *Antropologia teológica*, 392.

Infelizmente, o ser humano motivado pelo espírito de autossuficiência não quis abraçar o projeto de salvação e de realização plena em Deus. A história humana, devido à ação egoísta e prepotente do ser humano, singular e coletivo, conheceu uma rutura dramática de comunhão com Deus. A rutura de comunhão com Deus por parte de Adão levou à rutura de comunhão da Humanidade entre si. Esta realidade é o que Ruiz de la Peña e Luis Ladaria definem como “pecado original ou sentido universal de pecado”. Ao longo do nosso estudo, definimos o pecado original como rutura das relações de comunhão que caracterizam a estrutura ontológica do ser humano: a comunhão vertical com Deus e a comunhão horizontal com a Humanidade.

Acreditamos que nos foi possível explicitar através de Ruiz de la Peña e Luis Ladaria, que a rutura de comunhão entre Deus e o Homem foi ultrapassada por Jesus Cristo, o Filho de Deus que se fez homem para nossa salvação. Isto definem-no os nossos autores mediante os termos *graça e justificação*, ao referirem-se à elevação do Homem à vida divina e à redenção do pecado, ligando-as ao mistério de Cristo. Assim, Jesus Cristo é o centro unificador da comunhão entre Deus e o Homem; esta comunhão dá-se pelo facto da sua humanidade ser em tudo igual à nossa (menos no pecado); a natureza humana está de tal modo assumida pela sua natureza divina que a nossa Humanidade é assumida e acolhida na vida divina, na dinâmica das relações intratrinitárias. Seguindo Luis Ladaria, sublinhou-se que o ser humano experimenta, por meio da graça, a comunhão com o Pai, com o Filho e com o Espírito Santo: pela graça de Deus, o ser humano habita na Trindade e a Trindade habita nele pela ação do Espírito Santo, o amor que une o Pai ao Filho e também o princípio ativo da nossa vida em Deus e da nossa filiação divina.³⁴⁰

A graça de Deus é Cristo, fonte da nossa comunhão com Deus que através de Cristo nos envia o Espírito Santo. Tanto Ruiz de la Peña quanto Luis Ladaria apontam o Espírito Santo como princípio da nossa participação da Vida Trinitária,³⁴¹ e por esta participação, ao recebermos o Espírito de Jesus que se nos dá com toda a sua virtualidade: «torna-nos capazes de viver como filhos de Deus, configura-nos segundo a Cristo, livra-nos do domínio do pecado e da morte».³⁴² Por outras palavras, pode-se afirmar que Cristo é quem nos torna justos e nos faz agir em conformidade com a sua justiça, ou seja, em conformidade com o seu modo de agir. Assim, a perfeita comunhão com Deus medir-se-ia pela perfeita comunhão com Cristo, a qual se concretiza, fazendo de Jesus a norma da nossa vida e a opção fundamental que dinamiza a própria existência.

³⁴⁰ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 258.

³⁴¹ Cf. Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 346; Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 248-249.

³⁴² Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 251.

Participar da comunhão com Deus em Cristo significa experimentar o seu amor criador e redentor e, ainda, tornar-se amável pelo influxo do seu amor que habita em nós pela ação do Espírito. Por isso, mediante a salvação de Deus em Cristo que nos recria vocacionalmente, a nossa vida estrutura-se numa dinâmica relacional de filho e filha, de irmão e irmã. É por meio desta nova estruturação que se enquadra o testemunho de São João (cf. 1 Jo 4, 20-21), dito por Gonzaléz Faus: «afirmar que se ama a Deus e se está em comunhão com Ele, mas não amar o irmão nem estar em comunhão com ele é uma pura mentira; o amor a Deus acaba por se tornar uma idolatria».³⁴³

É por esta razão que afirmamos, com Luis Ladaria, que a fraternidade é o caminho seguro para a realização da filiação divina, isto é, que a fraternidade revela o estado de graça, da presença em Deus e de comunhão com Cristo.³⁴⁴ A fraternidade, como sugere Gonzaléz Faus, é o que constitui a presença da verdade humana no Homem, pelo que, só é possível na senda de uma vida em graça fundada no amor criador e redentor de Deus que tem o poder de libertar o Homem de si mesmo, potenciando-o para a comunhão.³⁴⁵ Por isso, a abertura à filiação divina gera audácia para a fraternidade. Na verdade, saber-se filho ou filha de Deus, elimina a ilusão da absolutização de si próprio e impele a entrar na lógica de uma existência encarada como dom gratuito de Deus e, por isso, capaz de acolher o próximo como irmão ou irmã. Isto torna-se possível porque a comunhão com Deus, mediante a participação na experiência de Cristo, partilhando com Ele o seu caminho e o seu destino, qualificam a vida do ser humano por meio da fé, da caridade e da esperança — os frutos imediatos da graça de Deus que estruturam o ser do Homem na sua opção fundamental por Deus.

Além destas virtudes teologais, frutos da graça, que dão sustento à estrutura espiritual do ser humano, podemos apontar as seguintes atitudes, também elas frutos da graça: a confiança, a coragem, a generosidade, a solidariedade, a alegria, a serenidade e a paz.³⁴⁶ Estas apontam, em absoluto, para a condição de filiação divina. Esta arrasta consigo uma maneira determinada e específica de viver e agir, que define a maneira cristã de estar no mundo. O ser humano regenerado e habitado pelo Espírito de Deus e de Cristo, quer dizer, a pessoa humana habitada pela graça de Deus, fica motivada para reproduzir, na sua vida, o estilo da existência terrena de Jesus Cristo, Filho de Deus, e deixa-se demarcar pelo amor a Deus e aos irmãos.

³⁴³ Gonzaléz Faus, *Proyecto de hermano*, 652.

³⁴⁴ Cf. Luis Ladaria, *Teología del pecado original y de la gracia*, 262; 264; 268.

³⁴⁵ Cf. Gonzaléz Faus, *Proyecto de hermano*, 650.

³⁴⁶ Estas virtudes são referidas por Battista Mondin, *L'uomo secondo il disegno di Dio*, 305, quando sublinha que a amizade com Deus opera uma grande transformação na vida do Homem e na vida social, isto é, na vida de relação entre os humanos em sociedade. Por isso, estas virtudes dão suporte à experiência de vida fraterna concreta porque qualificam as relações humanas à luz da vontade de Deus.

Esta referência a Cristo, fonte da graça e medida do Homem com que cada ser humano esteja vocacionado para participar n'Ele e por meio d'Ele revela-nos que a graça que o ser humano recebe de Deus é para ele amar, não tem qualquer outra finalidade que não seja levar o homem e a mulher a vida de amor, pois, é o amor que dá sentido a vida humana e a torna semelhante a vida de Deus e do seu Filho Jesus. Aqueles que acreditam no amor de Deus e se deixam libertar e transformar por Ele já não vivem somente para si mesmos: redescobrem o sentido da existência humana, ao perceberem que «o sentido da vida é a existência compartilhada»,³⁴⁷ ou seja, a vida de comunhão.

Portanto, as quatro categorias — pecado, graça, filiação divina e fraternidade — encontram-se correlacionadas e têm em Jesus Cristo o seu centro unificador. O mistério de Cristo é o que interpreta o ministério do pecado; Ele é a graça de Deus para o mundo; é Ele que confere ao ser humano a condição filial pela sua filiação única e especial da qual toda a pessoa humana justificada participa. É Cristo quem convida o ser humano à vivência da fraternidade, a atitude coerente e fundamental que brota da certeza de se saber participante da mesma filiação divina, uma vez que só existe um Deus, Pai de Cristo que, por ser Pai de Cristo, é Pai de todos os humanos. Assim, a verdadeira fraternidade (ou a verdadeira comunhão) porque surge da filiação divina é vivida de modo autêntico mediante a graça de Deus, como escreve Ruiz de la Peña: sem a graça ou o influxo de Cristo «é impossível que o homem se mantenha perseverante na solidariedade fraterna, no altruísmo abnegado, na equidade e na justiça em uma convivência que aspire a ser mais do que mera coexistência».³⁴⁸ Na verdade, só podemos conhecer e testemunhar uma verdadeira fraternidade, quando esta é motivada e impulsionada pelo Espírito de Deus que é o Espírito de Cristo.

³⁴⁷ González Faus, *Proyecto de hermano*, 649.

³⁴⁸ Ruiz de la Peña, *El don de Dios*, 321.

CONCLUSÃO

A nossa dissertação procurou aprofundar e apresentar a partir de Ruiz de la Peña e Luis Ladaria, a situação e a vocação do Homem à comunhão com Deus e à filiação divina, ou seja, a predestinação do Homem à filiação divina em Cristo. Tendo chegado aqui, podemos afirmar que a predestinação é uma chamada gratuita e eficaz de todo o Homem a tornar-se filho de Deus em Jesus Cristo, mediante o dom do Espírito Santo. Isto quer significar que o destino do Homem é nada mais nada menos do que a participação da vida trinitária de Deus que comporta gratuidade, eficácia e universalidade, ou seja, existe, desde sempre, em Deus um desejo de salvar - um projeto salvífico anterior mesmo à criação: Deus que foi o princípio da existência do Homem, não pode deixar de ser o seu fim.

A doutrina da predestinação ou da criação em Cristo, para além do carácter teológico que comporta, é, na sua essência, uma realidade de coerência com todo o Evangelho, ou seja, é fundamentalmente cristológica, porque, na sua origem, se refere ao chamamento de todos os homens e mulheres à salvação segundo o desígnio do Pai, anterior ao tempo, e à configuração do ser humano à figura filial de Cristo. Neste sentido, a predestinação do Homem à filiação divina em Cristo revela a grandeza do Deus vivo; este, sendo infinitamente perfeito e, portanto, bastando-se a Si mesmo na sua relação no interior da Trindade, torna-se um Deus da aliança, um Deus que, em total liberdade, decidiu instituir uma relação de paternidade e graça com o Homem. Esta graça encontra a sua plenitude em Jesus Cristo como graça revelada ou graça em pessoa; e assim, o encontro entre Cristo e o Homem, mediante o amor divino, garante a sua realização humana e filial em Deus. Jesus Cristo é a razão de ser da predestinação; é dele que tudo procede. Deste modo, a predestinação é a determinação própria da sabedoria eterna e da eterna vontade com que Deus dirige a nossa salvação e a nossa filiação em Cristo.

Por isso, no decorrer do trabalho procuramos apresentar em primeiro lugar, o tema da universalidade do pecado fundado em Adão e a sua redenção em Cristo. Segundo Ruiz de la Peña e Luis Ladaria é em Cristo que participamos solidariamente, de modo que, mesmo que a história humana esteja marcada pelo pecado de Adão e pelos pecados pessoais, ainda assim, não é uma história de condenação, mas sim de salvação, porque em Cristo todos nós estamos contidos, ou seja, a graça de Cristo preside a história humana. Na continuidade abordamos em segundo lugar, o tema da justificação de Deus. Para Ruiz de la Peña e Luis Ladaria a justificação de Deus é a manifestação da gratuidade do seu amor, que é salvação e redenção, ou seja, manifestação do amor divino em Cristo que transforma o ser humano passando de uma condição de pecado à condição de redimido. Abordamos em terceiro lugar, o tema que ocupa a

centralidade do trabalho: *a filiação divina*. Segundo Ruiz de la Peña e Luis Ladaria a nossa filiação divina funda-se na filiação única e irrepetível de Jesus, modelo a partir do qual podemos ser considerados filhos. Para os nossos autores a nossa filiação divina é levada a cabo pela missão do Espírito Santo, enviado pelo Pai, configura-nos a Cristo seu Filho. Tal configuração a Cristo, segundo os nossos autores, dá-se pela Encarnação do Filho eterno de Deus e pelo sacramento do Batismo que possibilitam a nossa divinização/filiação divina. Por último, abordamos o tema da fraternidade concretizado no tema da caridade (amor de comunhão). Para Ruiz de la Peña e Luis Ladaria a nossa filiação divina encontra a sua realização na fraternidade universal, porque ser filhos de Deus significa ser irmãos, pelo facto de existir um só Deus, Pai de todos; um só Jesus do qual homens e mulheres estamos todos predestinados a sermos filhos. Portanto, segundo os nossos autores, a maneira de viver dos filhos de Deus é a do próprio Deus, fundada no amor, manifestado por Jesus seu Filho.

Portanto, o propósito divino universal fundamenta a predestinação do Homem à filiação divina, não como eleição de alguns em detrimento de outros, mas como uma eleição que tem em Jesus Cristo o ponto central da realização da vontade salvífica universal (cf. 1Tm 2,4), ou seja, a filiação divina é dada a todos, cabe cada ser humano acolher este dom com a adesão livre e consciente a Cristo. Isto atesta o carácter salvífico do Deus bíblico que é essencialmente um Deus, Pai e Salvador. Assim, toda a história salvífica tem a ver com uma vocação que nos vem de Deus e que é dom do Senhor: uma vocação que se manifesta no agir de Deus na história, fazendo da vida do Homem uma realidade que visa a eternidade da vida divina.

BIBLIOGRAFIA

1. Fontes

1.1 Obras de Ruiz de la Peña e Luis Ladaria

Peña, Juan Ruiz de. *El don de Dios: Antropología teológica especial*. 2º ed. Editorial Sal terrae, Santander, 1991.

_____. *Creación, Gracia, Salvación*. Editorial Sal Terrae, Santander, 1993.

_____. *Imagen de Dios: Antropología teológica fundamental*. 5º ed. Editorial Sal Terrae, Santander, 1988.

_____. *La pascua de la creación*, BAC, Madrid, 1996.

Ladaria, Luis Francisco. *Teología del pecado original y de la gracia*. BAC, Madrid, 1993.

_____. *A Trindade: mistério de comunhão*. Loyola, São Paulo, 2009.

_____. *Introducción a la Antropología Teológica*. Verbo Divino, Navarra, 1993.

_____. *Antropología Teológica*. Università Gregoriana Editrice, Roma-Madrid, 1983.

1.2 Documentos do Magistério

Concílio de Trento, 5º sessão, *Decreto sobre o pecado original* (1546), DS 1510-1516.

_____. 6º sessão, *Decreto sobre a justificação*, (1547), DS 1520-1583.

Concílio Ecuménico Vaticano II. *Constituição dogmática Lumen Gentium: sobre a Igreja*. 11ª ed. Braga: Editorial A.O, 1992.

_____. *Constituição Pastoral Gaudium et spes: sobre a Igreja no mundo atual*. 11ª ed. Braga: Editorial A.O, 1992.

1.3 Fontes patrísticas e medievais

Agostinho. *Tratados sobre la gracia*. Tomo VI, BAC, Madrid, 1956.

Atanasio. *Discursos contra los arrianos (I-9)*. Ciudad Nueva, Madrid, 2010.

Tomás de Aquino. *Summa Theologica, in Suma Teologica- tratado de la gracia*. q.109-114., vol. II, 2º ed., BAC, 1989.

2 Outra bibliografia

- Alfaro, Juan. *Teologia della giustizia*. Ediciones Paoline, 1973.
- _____. *Esperanza cristiana y liberación del hombre*, Editorial Herder, Barcelona, 1971.
- Ambrosio, Juan Garcia. *Encontro com Cristo, plenitude do ser humano*. Paulinas, Lisboa, 2002.
- Auer, Johann. *Il vangelo della grazia*. Cittadella Editrice, Assisi, 1992.
- Batianel, Sergio. *Moralidade Pessoal na História: tema de ética social*. Trepan, Poço de Jacob, 2011.
- Bonhoeffer, Dietrich. *El precio de la gracia el seguimiento*. Ediciones Sigueme, Sexta Edición, Salamanca, 2004.
- Brambilla, Franco Giulo. *Antropologia Teologica: chie é l'uomo perche te ne curi*. Queriniana, terza edizione, 2005,2009.
- Capdevila, Vinceç. *Liberación y divinización del hombre I*, Salamanca, 1984.
- Carbone, Giorno Maria O.P. *L'uomo imagine e somiglianza di Dio: uno studio sullo Scritto sulle Sentenze di San Tommaso d'Aquino*, Edizioni Studio Domenicano, 2003.
- Colzani, Giani. *Antropologia teológica: l'uomo-paradosso e mistério*. Edizioni Dehoniane Bolonha, 1988.
- Comissão Teológica Internacional. *Teologia, cristologia, antropologia*. Roma, 1982.
- Difusora Bíblica. *Bíblia Sagrada*. 5ª edição, Lisboa/Fátima, 2014.
- Farias, Jacinto. *Antropologia e Graça: Ser cristão hoje*. Universidade Católica Editora, Lisboa, 2011.
- _____. *Da incerteza à esperança: Ensaio de uma soteriologia narrativa. Uma releitura do motivo da Encarnação*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2012.
- Faus, González. *Proyecto de hermano. Visión creyente del hombre*. Santander, 1987.
- Flick, Maurizio; Alszechy, Zoltan. *Antropologia teológica*. 8º ed., Ediciones Sigueme, Salamanca, 1993.
- _____. *Los comienzos de la salvación*. Ediciones Sígueme, Salamanca, 1965.
- Fransen, Pieter Frans. *Desarrollo histórico de la doctrina de la gracia*. MySal IV/2, 1975.
- Jendi, Hubert. *Historia del Concilio de Trento II*. Navarra, S.A, Pamplona, 1972.
- Jenni, Ernst; Westermann, Claus. *Dizionario Teológico dell'Antico Testamento*, Marieti, Torino, 1978.
- Kung, Hans. *La giustificazione*. Queriniana, Brescia, 1957.
- Martins, António Manuel Alves. «*De Cristo a Adão: a inversão hermenêutica sobre a doutrina do pecado original na teologia atual*». Didaskalia XLV (2015) II.

- Menke, Karl-Heinz. *Teología de la Gracia: El criterio del ser cristiano*. Ediciones Sígueme, Salamanca, 2006.
- Moltmann, Jürgen. *Teologia della speranza*. Queriniana, Brescia, 1970.
- Mondin, Battista. *Antropologia Teológica: história, problemas, perspectiva*. São Paulo, Paulinas, 3ª ed, 1986.
- O'collins, Gerald. *Cristologia: uno studio bíblico, storico e sistemático su Gesù Cristo*, terza edizione, Queriniana, 1997.
- Penna, Romano. *Lettera ai Romani*. EDB, Bologna, 2010.
- Pesch, Otto Hermann. *Liber per Grazia: antropologia Teologica*. Queriniana, Brescia, 1988.
- Philips, Gérard. *Inhabitación trinitaria y gracia: la unión personal con el Dios vivo*. Secretariado Trinitario, Salamanca, 1980.
- Pitta, Antonio. *Lettera ai romani*, terza edizione, Paoline Editoriale, Milano, 2009.
- Ponce, Cuéllar Miguel. *El misterio del hombre*. Herder, Barcelona, 1997
- Rahner, Karl. *Teología de la libertad, en Escritos, VI*, Madrid, 1967.
- _____. *La Trinità*. Queriana, Brescia, 1998.
- _____. *O homem e a graça*. Edições Paulinas, São Paulo, 1970.
- Ratzinger, Joseph. *Introducción al cristianismo*. Ediciones Sígueme, Salamanca, 1970.
- Rondet, Henri. *La gracia de Cristo*. Editorial Estela, Barcelona, 1966.
- _____. *Il peccato originale e la coscienza moderna*. Borla Editore, Torino, 1971.
- Schillebeeckx, Edward O.P. *Cristo, Sacramento o del encuentro con Dios*. Ediciones Dinor, S. L, San Sebastián, 1963.
- Sesboüé, Bernard. *Jesús Cristo el único Mediador: ensayo sobre la redención y la salvación*. Vol. I, Secretariado Trinitario, Salamanca, 1990.